



CONSTANÇA DE FÁTIMA LAGO BRÁS

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO LÚDICO

ESTUDO COMPARATIVO DAS ACTIVIDADES LÚDICAS TRADICIONAIS
PRATICADAS AINDA HOJE EM PORTUGAL E EM GOA, DAMÃO E DIU

VOLUME II



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

1997

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

13/2 F8 22487/2

394.3(469)(043:2)

BRA & Pae

2º vol.

1

VOLUME I

ÍNDICE

LISTA DE QUADROS	XVII
LISTA DE FIGURAS	XIX
AGRADECIMENTOS	XXVII
PREFÁCIO.....	XXIX
1 - INTRODUÇÃO	3
1.1 - Evolução do Trabalho	5
1.2 - A Preservação do Património Lúdico	10
1.3 - Estudos Comparativos	15
1.4 - Estrutura Geral do Trabalho	21
2 - CONTEXTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS	25
2.1 - Portugal	25
2.2 - Índia	27
2.2.1 - A Índia e os Portugueses.....	27
2.2.2- Goa.....	29
2.2.3 - Damão	32
2.2.4 - Diu	33
2.3 - Conclusões	35
3 - METODOLOGIA.....	39
3.1 - Locais e Ocasões de Recolha	39
3.2 - Registo Fotográfico	41
3.3 - Fiabilidade e Validade	43
3.4 - Método Comparativo	44
3.4.1 - Observação Participante.....	45

3.5 - Conclusões	49
4 - JOGOS TRADICIONAIS	53
4.1 - Memórias dos Jogos Tradicionais	55
4.2 - Recolha de Jogos - Classificação	77
4.3 - O <i>Corpo</i> como base de critério para a apresentação dos jogos	85
4.4 - Modo de Apresentação e Discussão dos Dados	90
4.4.1 - Definição das variáveis constantes das fichas.	91
4.5 - Jogos de Corpo Inteiro - Listagem	92
4.5.1 - Fichas de Jogos com registo fotográfico	92
Nº 1 - Barra do Lenço / Lencinho Queimado ou <i>Sunnem ani hadd</i> ...	93
Nº 2 - Bate e Fica / Bate e Fica ou <i>Bauli</i>	97
Nº 3 - Cabra cega / Romeu e Julieta ou <i>Cuddi-Hockdi</i>	101
Nº 4 - Cinco cantinhos / Quatro cantinhos ou <i>Consho</i>	105
Nº 5 - Eixo / Eixo	109
Nº 6 - Escondidas / Rou-Rou ou <i>Appá-Lippá</i>	113
Nº 7 - Galinha dos Ovos de Ouro / Jogo da Galinha	117
Nº 8 - Gato e Rato / Gato e Rato	121
Nº 9 - Lencinho / Lencinho vai na Mão ou <i>Lenz</i>	127
Nº 10 - Macaca / <i>Pariani</i>	133
Nº 11 - Macaquinho do Chinês / Macaquinho do Chinês	139
Nº 12 - Mamã Dá Licença / Mãe Macá <i>Lisenc</i>	143
Nº 13 - Mata / Ring ou <i>Argol</i> ou <i>Tenicoit</i>	147
Nº 14 - Países / Países ou <i>Gaun</i>	151
Nº 15 - Pisca / Pisca ou <i>Dolo Molo</i>	155
Nº 16 - Polícias e Ladrões / Polícias e Ladrões ou <i>Chor Police</i>	159
Nº 17 - Prendas / Prendinhas	163
Nº 18 - Rebenta / Rebenta	167

Nº 19 - Rei Manda / Rei Manda, Dar Ordens.....	171
Nº 20 - Saltar à Corda / Saltar à corda ou <i>Dori Uddunk</i>	175
Nº 21 - Tracção à Corda / Tracção à Corda.....	179
Nº 22 - Trapo ou Lencinho Queimado / O Esconde Lenço ou Caça ao Tesouro.....	183
4.5.2 - Quadro de Resultados Nº 1	187
4.5.3 - Discussão.....	188
4.6 - Jogos de Mãos - Listagem.....	195
4.6.1 - Fichas de Jogo com registo fotográfico	195
Nº 23 - Anel ou Anelinho / Anel ou <i>Mudi</i>	196
Nº 24 - Berlinde ou Carolo / Berlinde ou <i>Goddé</i>	199
Nº 25 - Bilharda ou Paulito / <i>Guilli-Dandá</i>	207
Nº 26 - Castanhas ou Castanhas em Castelo / Sete Telhas ou <i>Lou Korió</i> ou <i>Lopió</i>	211
Nº 27 - Cinco Pedrinhas / Cinco Pedrinhas ou <i>Fatrani</i>	215
Nº 28 - Cordel ou Fio / <i>Sutam</i>	221
Nº 29 - Galo / <i>Tikllem</i>	227
Nº 30 - Loto / Bingo.....	231
Nº 31 - Ludo ou Não Te Irrites /Ludo ou <i>Snakes and Ladders</i>	235
Nº 32 - Mão Quente / Mão Quente.....	239
Nº 33 - Palmas / <i>Apô Jingapô</i>	243
Nº 34 - Pião / Pião ou <i>Bounró</i>	249
Nº 35 - Punho / Punho ou <i>Mutt</i>	253
Nº 36 - Quantos Queres? / <i>Kitlé-Zai?</i>	257
Nº 37 - Sardinha ou Quentinhas / Sardinha.....	261
Nº 38 - Serrubico / Varre Varre Vassourinha	265
4.6.2 - Quadro de Resultados Nº2	269

4.6.3 - Discussão	270
4.7 - Jogos de Pés - Listagem.....	278
4.7.1 - Fichas de Jogo com registo fotográfico	278
Nº 39 - Pisa ou Um, Dois, Três, Pisa / Um, Dois, Três, <i>Pinz</i>	279
Nº 40 - Sapatos / Mistura ou <i>Moche</i>	283
4.7.2 - Quadro de Resultados Nº 3	287
4.7.3 - Discussão	287
4.8 - Conclusões	289

VOLUME II

ÍNDICE

LISTA DE QUADROS	XI
LISTA DE FIGURAS.....	XIII
5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS.....	295
5.1 - Espaço Lúdico	295
5.2 - A importância do Sítio do Jogo.....	300
5.3 - Materiais Lúdicos	305
5.3.1 - A Criatividade Lúdica com Materiais Ocasionalis	306
5.3.2 - Recolha de Objectos Lúdicos - Listagem	312
5.3.3 – Fichas de Objectos Lúdicos com registo fotográfico.....	312
Nº 1 - Arco / Arco ou <i>Attó</i>	313
Nº2 - Baloicho / Baloicho ou <i>Dollaunem</i>	317
Nº3 - Barco / <i>Cuná</i>	321
Nº4 - Bola / Bola	325
Nº5 - Canudo / <i>Fottaxi Tefddam</i>	331
Nº6 - Carrinhos / Carrinhos	335
Nº7 - Fisga / Funda ou <i>Gofin</i>	339

Nº8 - Moínhos / <i>Vir-Vir</i>	343
Nº9 - Papagaio / <i>Patang</i>	347
Nº10 - Pauzinho / Pauzinho	351
5.4 – Quadro de Resultados Nº 4	355
5.5 – Discussão.....	355
5.6 - Conclusões	361
6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS	365
6.1 - Estudos e Nomenclaturas	371
6.2 - A Memória das Danças Rondas e Jogos Cantados e os Grupos de Folclore.....	374
6.3 - Recolha das Danças, Rondas e Jogos Cantados.....	380
6.3.1 - Definição das variáveis constantes das fichas.....	381
6.4 - Listagem	382
6.5 - Fichas de Danças, Rondas e Jogos Cantados com registo fotográfico	382
Nº1 - A Menina Que Está No Meio - Portugal	383
Nº 1' - A Menina, A Menina Maria - Índia.....	385
Nº 2 - Indo Eu, Indo Eu A Caminho De Viseu - Portugal.....	389
Nº 2' - Indo Eu, Indo Eu A Caminho Do Jardim - Índia.....	391
Nº 3 - Fui Ao Jardim Da Celeste - Portugal.....	395
Nº 3' - A Luzir A Luzir - Índia.....	397
Nº4 - Ora Bate Padeirinha - Portugal	401
Nº 4' - Ora Bat'a Padeirinha - Índia	403
Nº5 - Que Linda Falua - Portugal.....	407
Nº 5' - Bom Barqueiro - Índia.....	409
Nº 6 - Senhora Don'Anica - Portugal.....	415
Nº 6' - Ora Vivam As Meninas - Índia.....	417

6.6 - Quadro de Resultados Nº 5	421
6.7 - Discussão	421
6.8 - Conclusões	426
7 - FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES	431
7.1 - Chegas de Bois e Marradas.....	432
7.2 - Outros Aspectos do Ludismo Adulto	447
7.3 - Conclusões:	452
8 - CONCLUSÃO	457
9 - RECOMENDAÇÕES PARA NOVAS INICIATIVAS	467
10 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES.....	471
1 - Introdução	471
2 - Contextos Sócio-Geográficos e Históricos	476
3 - Metodologia.....	477
4 - Jogos Tradicionais	479
5 - Espaços e Materiais Lúdicos.....	491
6 - Danças, Rondas e Jogos Cantados	495
7 - Festividades e Tradições Populares	498
11 - ÍNDICE DE AUTORES.....	503
12 - APÊNDICES.....	513
Apêndice A - Ofício do Dr. P. P. Shirodkar, Director do <i>Directorate of Archives, Archeology and Museum</i> , Pangim, Goa.....	513
Apêndice B - Troca de materiais lúdicos entre o representante do Governo de Goa e o Presidente da Câmara Municipal de Faro.	514
Apêndice C - Mapa das localizações de Portugal na Europa e de Goa, Damão e Diu na Índia.	515
Apêndice D - Ficha utilizada para recolha de Jogos Tradicionais.	516

Apêndice E - Ficha utilizada para recolha de Objectos Lúdicos.....	518
Apêndice F - Ficha utilizada para a recolha de Danças, Rondas e Jogos Cantados.	519
Apêndice G - Mapa de Portugal com indicação do Algarve e respectivos concelhos.	521
Apêndice G ₁ - Lista das escolas do Ensino Básico do 1º ciclo fornecida pela Direcção Regional de Educação do Algarve.	522
Apêndice H - Mapa de Goa com indicação das respectivas divisões administrativas.	526
Apêndice H ₁ - Lista das escolas do Ensino Primário fornecida pelos Serviços de Educação.	527
Apêndice I - Mapa de Damão com indicação das respectivas divisões administrativas.	555
Apêndice I ₁ - Lista das escolas do Ensino Primário fornecida pelos Serviços de Educação.	556
Apêndice J - Mapa de Diu com indicação das escolas do Ensino Primário.	558
Apêndice K - Exemplo da correspondência com informantes da Índia: carta da ex-professora do Ensino Primário de Goa, Anita Ataíde Lobo Rêgo (80 anos).	559
Apêndice L - Exemplo de Entrevista dada à imprensa de Goa.	561
Apêndice M - Exemplo de conferência feita na Índia.	562
Apêndice N - Exemplo de pedido de intervenção para fomentar o intercâmbio desportivo entre Portugal e a Índia.	563
Apêndice O - Exemplo de convívios na Índia em que se reavivam as memórias do relacionamento indo-português que, quase sempre, terminam num ritual de troca de prendas.	565

Apêndice P - Jogo de quadrícula de covas encontrado no degrau da entrada principal da igreja de N ^a Sr ^a da Assunção, em Safara (Moura), no Alentejo.....	566
Apêndice Q - <i>Lenga-lengas</i> mais usadas nos rituais de escolha, em Portugal e na Índia.	567
Apêndice R - Figuras complementares referidas nas fichas dos jogos n ^o 20, 26 e 37.	568
Apêndice S - <i>Lenga-lengas</i> mais usadas nos jogos de <i>palmas</i> , em Portugal e na Índia.	570
Apêndice T - Objectos de fabrico artesanal e industrial de Portugal.	572
Apêndice U - <i>Flipper</i> feito com materiais improvisados.	574
Apêndice V - Objectos de variado fabrico artesanal da Índia.	575
Apêndice X - Conversas com crianças indianas.	577
Apêndice Z - Danças e trajes tradicionais portugueses na Índia.	578
Apêndice AA - Danças e trajes tradicionais em Portugal.	579
Apêndice BB - Letra do <i>Corredinho</i> de Goa.	580
Apêndice CC - Danças e letras de canções portuguesas em Diu.	581
Apêndice DD - Descrição das <i>Chegas</i> do Barroso (Portugal) de Bento da Cruz.	583
Apêndice EE - Touros de luta, o seu criador e os prémios.	584
Apêndice FF - Descrição de uma <i>Marrada</i> nas Mercês (Goa).	585
Apêndice GG - Diploma Legislativo n ^o 438 publicado no Boletim Oficial do Estado da Índia, n ^o 68 de 26 de Agosto de 1930 a páginas 1278 e 1279.....	587

LISTA DE QUADROS

VOLUME I

4 - JOGOS TRADICIONAIS

Quadro de Resultados N°1 - Análise comparativa das variáveis referentes aos Jogos de Corpo Inteiro 187

Quadro de Resultados N°2 - Análise comparativa das variáveis referentes aos Jogos de Mãos 269

Quadro de Resultados N°3 - Análise comparativa das variáveis referentes aos Jogos de Pés 287

VOLUME II

5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS

Quadro de Resultados N°4 - Análise comparativa das variáveis referentes aos Objectos Lúdicos 355

6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

Quadro de Resultados N°5 - Análise comparativa das variáveis referentes às Danças, Rondas e Jogos Cantados 421

LISTA DE FIGURAS

VOLUME I

4 - JOGOS TRADICIONAIS

Figura 1 - Barra do Lenço (1) - Portugal.....	95
Figuras 2/4- Lencinho Queimado; <i>Sunnem ani Hadd</i> (1') - Índia.....	95
Figuras 5/6 - Bate e Fica (2) - Portugal.....	99
Figuras 7/8 - Bate e Fica; <i>Bauli</i> (2') - Índia.....	99
Figuras 9/11 - Cabra Cega (3) - Portugal.....	103
Figuras 12/14 - Romeu e Julieta; <i>Cuddi-Hockdi</i> (3') - Índia.....	103
Figuras 15/16 - Cinco Cantinhos (4) - Portugal	107
Figuras 17/18 - Quatro Cantinhos; <i>Consho</i> (4') - Índia.....	107
Figuras 19/20 - Eixo (5) - Portugal.....	111
Figuras 21/22 - Eixo (5') - Índia.....	111
Figuras 23/24 - Escondidas (6) - Portugal	115
Figuras 25/26 - Rou-Rou; <i>Appá-Lippá</i> (6') - Índia.....	115
Figuras 27/29 - Galinha dos Ovos de Ouro (7) - Portugal.....	119
Figuras 30/31 - Jogo da Galinha (7') - Índia	119
Figuras 32/34 - Gato e Rato (8) - Portugal.....	123
Figuras 35/36 - Gato e Rato (8') - Índia	123
Figura 37 - Gato e Rato (8) - Portugal	125
Figura 38 - Gato e Rato (8') - Índia.....	125

Figuras 39/40 - Lencinho (9) - Portugal	129
Figuras 41/42 - Lencinho Vai na Mão; <i>Lenz</i> (9') - Índia	129
Figura 43 - Lencinho (9) - Portugal	131
Figura 44 - Lencinho Vai na Mão; <i>Lenz (Scooters)</i> (9') - Índia.....	131
Figuras 45/47 - Macaca (10) - Portugal.....	135
Figuras 48/51 - <i>Pariani</i> (10') - Índia	135
Figuras 52/53 - Macaca (10) - Portugal.....	137
Figuras 54/56 - <i>Pariani</i> (10') - Índia	137
Figuras 57/58 - Macaquinho do Chinês (11) - Portugal	141
Figuras 59/60 - Macaquinho do Chinês (11') - Índia	141
Figuras 61/63 - Mamã dá Licença (12) - Índia	145
Figuras 64/65 - <i>Mãe Macá Lisenç</i> (12') - Índia	145
Figuras 66/67 Mata (13) - Portugal	149
Figuras 68/70 - Ring; <i>Argol; Tenicot</i> - (13') - Índia.....	149
Figuras 71/73 - Países (14) - Portugal	153
Figuras 74/76 - Países; <i>Gaun</i> (14') - Índia.....	153
Figuras 77/79 - Pisca (15) - Portugal.....	157
Figuras 80/82 - Pisca; <i>Dolo Molo</i> (15') - Índia	157
Figuras 83/85 - Polícias e Ladrões (16) - Portugal.....	161
Figuras 86/88 - Polícias e Ladrões; <i>Chor Police</i> (16') - Índia	161
Figura 89 - Prendas (17) - Portugal	165
Figuras 90/92 - Prendinhas (17') - Índia.....	165

Figuras 93/94 - Rebenta (18) - Portugal.....	169
Figuras 95/96 - Rebenta (18') - Índia.....	169
Figuras 97/98 - Rei Manda (19) - Portugal.....	173
Figuras 99/100 - Rei Manda (19') - Índia.....	173
Figuras 101/103 - Saltar à Corda (20) - Portugal.....	177
Figuras 104/106 - Saltar à Corda; <i>Dori Uddunk</i> (20') - Índia.....	177
Figuras 107/109 - Tracção à Corda (21) - Portugal.....	181
Figura 110 - Tracção à Corda (21') - Índia.....	181
Figuras 111/113 - Trapo (Lencinho) Queimado (22) - Portugal.....	185
Figuras 114/115 - Esconde o Lenço; Caça ao Tesouro (22') - Índia.....	185
Figuras 116/117 - Anel (23) - Portugal.....	197
Figuras 118/119 - Anel; <i>Mudi</i> (23') - Índia.....	197
Figuras 120/121 - Berlinde: Carolo; O Brinca (24) - Portugal.....	201
Figura 122 - Berlinde; <i>Goddé</i> (24') - Índia.....	201
Figuras 123/124 - Berlinde: Carolo; O Brinca (24) - Portugal.....	203
Figuras 125/127 - Berlinde; <i>Goddé</i> (24') - Índia.....	203
Figuras 128/129 - Berlinde: Carolo; O Brinca (24) - Portugal.....	205
Figuras 130/131 - Berlinde; <i>Goddé</i> (24') - Índia.....	205
Figuras 132/133 - Bilharda; Paulito (25) - Portugal.....	209
Figuras 134/136 - <i>Guilli-Dandá</i> (25') - Índia.....	209
Figura 137 - Castanhas; Castanhas em Castelo (26) - Portugal.....	213
Figuras 138/139 - Sete Telhas; <i>Lou Korió</i> ; <i>Lopió</i> (26') - Índia.....	213

Figuras 140/141 - Cinco Pedrinhas (27) - Portugal.....	217
Figuras 142/146 - Cinco Pedrinhas; <i>Fatrani</i> ; <i>Panch Fator</i> (27') - Índia..	217
Figuras 147/149 - Cinco Pedrinhas (27) - Portugal.....	219
Figura 150 - Cinco Pedrinhas; <i>Fatrani</i> ; <i>Panch Fator</i> (27') - Índia	219
Figuras 151/155 - Cordel; Fio (28) - Portugal.....	223
Figuras 156/158 - <i>Sutam</i> (28') - Índia.....	223
Figuras 159/160 - Cordel; Fio (28) - Portugal.....	225
Figuras 161/162 - <i>Sutam</i> (28') - Índia.....	225
Figuras 163/165 - Galo (29) - Portugal.....	229
Figuras 166/168 - <i>Tiklem</i> (29') - Índia.....	229
Figuras 169/170 - Loto (30) - Portugal.....	233
Figuras 171/172 - Bingo (30') - Índia	233
Figuras 173/174 - Ludo; Não te Irrites (31) - Portugal.....	237
Figuras 175/176 - Ludo; <i>Snakes and Ladders</i> (31') - Índia.....	237
Figuras 177/178 - Mão Quente (32) - Portugal.....	241
Figura 179 - Mão Quente (32') - Índia.....	241
Figuras 180/183 - Palmas (33) - Portugal.....	245
Figuras 184/186 - <i>Apô Jingapô</i> (33') - Índia.....	245
Figuras 187/189 - Palmas (33) - Portugal.....	247
Figuras 190/191 - <i>Apô Jingapô</i> (33') - Índia.....	247
Figuras 192/195 - Pião (34) - Portugal	251
Figuras 196/197 - Pião; <i>Bounró</i> (34') - Índia.....	251

Figuras 198/199 - Punho (35) - Portugal	255
Figuras 200/201 - Punho; <i>Mutt</i> (35') - Índia	255
Figuras 202/203 - Quantos Queres? (36) - Portugal.....	259
Figuras 204/206 - <i>Kitlé Zai?</i> (36') - Índia.....	259
Figuras 207/209 - Sardinha; Quentinhas (37) - Portugal.....	263
Figuras 210/211 - Sardinha (37') - Índia.....	263
Figuras 212/213 - Serrubico (38) - Portugal	267
Figuras 214/215 - Varre, Varre Vassourinha (38') - Índia.....	267
Figuras 216/217 - Pisa; Um, Dois, Três, Pisa (39) - Portugal	281
Figuras 218/220 - Um, Dois, Três, Pinz (39') - Índia.....	281
Figuras 221/222 - Sapatos (40) - Portugal	285
Figura 223 - Mistura; <i>Moche</i> (40') - Índia	285

VOLUME II

5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS

Figuras 224/226 - Arco (1) - Portugal	315
Figuras 227/228 - Arco; <i>Attó</i> (1') - Índia	315
Figuras 229/230 - Baloioço (2) - Portugal	319
Figuras 231/233 - Baloioço; <i>Dollaunem</i> (2') - Índia	319
Figuras 234/235 - Barco (3) - Portugal.....	323
Figura 236 - <i>Cuná</i> (3') - Índia	323
Figuras 237/238 - Bola (4) - Portugal	327

Figuras 239/240 - Bola (4') - Índia	327
Figuras 241/242 - Bola (4) - Portugal.....	329
Figuras 243/245 - Bola (4') - Índia	329
Figuras 246/247 - Canudo (5) - Portugal.....	333
Figuras 248/249 - <i>Fottaxi Tefddam</i> (5') - Índia.....	333
Figuras 250/251 - Carrinhos (6) - Portugal.....	337
Figuras 252/253 - Carrinhos (6') - Índia	337
Figuras 254/255 - Fiska (7) - Portugal.....	341
Figura 256 - Funda; <i>Gofin</i> (7') - Índia	341
Figura 257 - Moinhos (8) - Portugal.....	345
Figuras 258/259 - <i>Vir-Vir</i> (8') - Índia.....	345
Figuras 260/261 - Papagaio (9) - Portugal.....	349
Figuras 262/264 - <i>Patang</i> (9') - Índia	349
Figuras 265/267 - Pauzinho (10) - Portugal.....	353
Figuras 268/269 - Pauzinho (10') - Índia.....	353

6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

Figuras 270/272 - A menina que está no meio (1) - Portugal.....	387
Figuras 273/274 - A menina, a menina Maria (1') - Índia.....	387
Figuras 275/277 - Indo eu a caminho de Viseu (2) - Portugal.....	393
Figuras 278/280 - Indo eu a caminho do Jardim (2') - Índia	393
Figuras 281/282 - Fui ao jardim da Celeste (3) - Portugal	399

Figuras 285/286 - Ora Bate A Padeirinha (4) - Portugal	405
Figuras 287/288 - Ora Bat'a Padeirinha (4') - Índia	405
Figuras 289/290 - Que Linda Falua (5) - Portugal	411
Figuras 291/292 - Bom Barqueiro (5') - Índia.....	411
Figuras 293/294 - Bom Barqueiro (5') - Índia.....	413
Figuras 295/297 - Sr ^a Don'Anica (6) - Portugal	419
Figuras 298/299 - Ora Vivam As Meninas (6') - Índia.....	419
 7 - FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES	
Figuras 300/302 - Chegas - Portugal	441
Figuras 303/305 - Marradas - Índia	441
Figuras 306/308 - Chegas - Portugal	443
Figuras 309/311 - Marradas - Índia	443
Figura 312 - Os <i>tigres</i> mordendo o leitão - Índia	449
 12 - APÊNDICES	
Figura 313 - Skipper - Apêndice R - Portugal	568
Figura 314 - Desenhos Mehendi - Apêndice R - Índia.....	568
Figura 315 - Jogo <i>Bioani</i> - Apêndice R - Índia.....	569
Figura 316 - Jogo das Caricas - Apêndice R - Portugal	569
Figuras 317/318 - Objectos de fabrico artesanal de Portugal	572
Figura 319 - Objectos de fabrico artesanal e industrial de Portugal.....	573

5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS

5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS

5.1 - Espaço Lúdico

Na história da filosofia ocidental, as primeiras tentativas da definição de espaço que encontramos remontam a Pitágoras e aos pré-socráticos. A concepção platónica do espaço como um absoluto e vazio, e a de Aristóteles como sistema relacional entre os objectos — toda a coisa está situada em relação a outra coisa — são teorias irreconciliáveis e foram pano de fundo dos debates entre Descartes e Leibnitz. Historicamente, a questão fundamental que se punha era saber se o espaço podia ser tratado à maneira de um dado consciente isolado, ou se era necessário, pelo contrário, considerá-lo como um local privilegiado que condiciona a emergência de percepções sensoriais. Mais recentemente, estetas e arquitectos desenvolveram outras noções de espaço, como o funcional ou o habitável. Poderemos, esquematicamente, resumir a dois pontos de vista os conceitos de espaço: centrado no corpo e modelo cartesiano. Essenciais e contraditórios, irreduzíveis um ao outro, são, estes conceitos, partilhados no nosso pensamento sobre o espaço, passando-se de um ao outro tanto no vocabulário como no comportamento. O conceito de espaço parece ser demasiado lato e multivalente para que possa ser apreendido sob um único ponto de vista, ou através de uma única perspectiva, ou servindo-se de uma única técnica. Importante será encontrar os critérios para a correcta escolha de linguagem que convirá utilizar para cada tipo de exploração de espaço. (Brás, 1985).

Henri Lefèbre (1981) é de opinião que a mudança da vida ou da sociedade deverá passar pela produção de espaços apropriados.

Noronha Feijó ao ocupar-se desta temática, superintendeu à publicação de diversos artigos sobre «Espaços de Lazer e Desporto». Ele mesmo,

no seu artigo «Habitação e Desenvolvimento Humano», sublinhava, relativamente à teoria do espaço, «não ser possível o desenvolvimento sem dar um lugar prioritário à organização espacial e aos estudos interdisciplinares» (1985: 13).

Edward Hall (1986) é de opinião que tudo o que se é e se faz está ligado à experiência do espaço. Os indivíduos criados no seio de culturas distintas viverão mundos sensoriais também eles diferentes.

Marie-José Chombart de Lauwe (1976) define *meio* como o contexto integrado dos aspectos físico-geográficos, sociais e culturais.

No nosso estudo, realizado em meios sócio-culturais diferentes, a interação da criança com o meio desenvolveu-se de formas diversas, jogando os mesmos jogos mas em espaços distintos conforme o contexto social.

É vasta a bibliografia sobre o espaço e o movimento da criança. O artigo de João Pimentel (1985), tendo por base as teorias de Wallon, coloca em evidência a relação entre o espaço e o corpo em movimento, referindo a relação existente entre espaço e afectividade, para concluir que é a partir do espaço percebido que surge o espaço mental ou representado.

Carlos Neto tem vindo a desenvolver estudos relacionados com o espaço e o desenvolvimento motor da criança. De entre os trabalhos publicados, citaremos, a título exemplificativo, o artigo «A Criança, o Espaço e Desenvolvimento Motor» (1979), onde estabelece o relacionamento entre as aquisições motoras e os espaços exteriores de jogo.

Joffre Dumazedier (1976), em *Lazer e Cultura Popular*, muito embora se dedique mais a fazer-nos entender donde vem e para onde vai o lazer (falando dos seus determinismos sociais, a família e lazer), refere várias vezes a insuficiência ou inexistência de um equipamento colectivo,

espacial, recreativo ou cultural. A ideia de desenvolvimento leva, por vezes, à destruição da vida das comunidades, ao encerramento dos ciclos vitais que as sustentam, através de um desordenamento do território provocado pela especulação dos solos e pela anarquia arquitectónica. No entanto, nos últimos tempos, tem vindo a generalizar-se a consciência dos valores do património natural e cultural que tem contrariado aquela tendência, por via de legislação mais exigente e da actividade de organizações não governamentais. A este propósito salientamos a obra de Josep Muntañola i Thornberg (1984) pelos caminhos que propõe para uma tomada de consciência do uso do espaço pelas crianças. Sobre este mesmo tema, José Rijnen (1994)⁹⁴ trata da participação das crianças, como *especialista*, na criação dos seus espaços de jogo.

O processo educativo, segundo Jean Piaget e Bärbel Inhelder (1977) estrutura o espaço das crianças para o adaptar ao dos adultos. Sendo estes espaços tão diferentes, o resultado será a opressão da criança pelo adulto quando este lhe impõe, sistematicamente, os seus espaços.

Parece-nos vir a propósito referir a experiência realizada por Huguette Hugon-Derquennes (1977) que, em França e em tempo de férias, levou os seus alunos para o campo, libertando-os da carga institucional da *civilização*, tendo obtido, como resposta, uma imediata apropriação lúdica do espaço pelas crianças.

Nos últimos tempos tem havido em Portugal a preocupação de equipar os núcleos urbanos com espaços de jogo, como centros de actividades de tempos livres ou de lazer, parques infantis e ao ar livre, ludotecas e outros.

⁹⁴ Comunicação apresentada no 6º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre, organizado pelo Instituto de Apoio à Criança.

Para o planeamento de um espaço de jogo infantil, poderemos dar o exemplo de João Barreiros e Manuel Brito que defendem «[...] que um espaço de jogo deve fazer parte de um plano global de desenvolvimento comunitário» (1985: 15) e, como tal, apresentam um projecto pormenorizado indicando quem deverá intervir para que as necessidades desse núcleo comunitário sejam satisfeitas.

Ao referir-se aos tempos de lazer recreação e desporto, Jorge Costa e Luís Sena Lino (1985) afirmam que, ao existirem espaços de lazer integrados, a cidade poderá cumprir melhor a sua função cultural. António de Paula Brito propõe mesmo a integração da animação desportiva nos espaços urbanos clássicos, ou seja, no centro da cidade e próximo dos locais de habitação. Parece-nos muito pertinente o modo como o autor apresenta o espaço urbano clássico a aproveitar para a cultura lúdico-desportiva: «são as *sobras*, são as marreças e as barrigas da cidade. São restos e acidentes, que há que aproveitar, pois a "floresta de betão" nunca se deu liberdades e clareiras aos seus indígenas» (1992: 154).

Outros espaços que nos últimos tempos se estão a tornar um equipamento obrigatório, principalmente nas nossas cidades, são as ludotecas⁹⁵, ou seja, lugares onde existem jogos, brinquedos, jogadores e animadores. No seu artigo «La Ludothèque», Odile Perino em *Le Jouet* dirigido por Gilles Brougère (1992) comenta que, por razões culturais, económicas, sociológicas e filosóficas, as ludotecas aparecem, como uma resposta adaptada à

⁹⁵ Em 1934, Infeld criou a primeira *ludoteca* em Los Angeles (EUA). Em 1960, estes espaços tiveram uma grande expansão na Europa. A partir de 1979 foram criados, em Portugal, diversos tipos de ludoteca. Em 1993 foi criada a Associação Internacional de Ludotecas (ITLA).

nova realidade das estruturas sócio-educativas. Pensamos mesmo que o aparecimento destes espaços é uma prova da importância que o jogo vem ultimamente assumindo na pedagogia moderna. Denieul em Jaulin (1979), faz o seu historial destacando o papel dos animadores para estabelecer um equilíbrio entre a importância a conferir ao brincar e ao jogo. Pedro Ferreira (1991) problematiza a «Situação Actual das Ludotecas em Portugal». Susana Gomes (1994) faz um estudo analítico do funcionamento das ludotecas portuguesas. Também Ana Pessanha (1995) se dedica ao tema, falando-nos do aproveitamento destes espaços na ocupação dos tempos livres pelas crianças desfavorecidas.

Também se pensa muitas vezes que determinado local irá motivar as crianças para determinadas actividades lúdicas. A este propósito recordamos as conclusões de um trabalho (Brás *et al.*, 1988) em que se privilegiava a criação de espaços e condições apropriados para a prática de jogos de simulacro, na classificação de Caillois (experiência na ludoteca do Teatro Laboratório de Faro). As crianças, ignorando as facilidades oferecidas, preferiram os jogos de vertigem. Também noutro estudo que efectuámos (Brás, 1986), relativamente a espaços escolares do ensino primário (tipos *Centenário* e *P3*), verificou-se que o aspecto afectivo e de apropriação eram mais importantes do que a qualidade do espaço e do material disponível.

No decorrer do nosso trabalho, demos conta que a criança funde o espaço geográfico com o espaço imaginário, opondo-se ao institucionalizado pela sociedade, vivendo plenamente o espaço de criação e de imaginação, tal como Manuela Hasse (1979) nos descreve no seu artigo «A criança e o Espaço de Jogo».

Na Índia, a preocupação na criação de espaços lúdicos não é tão evidente. As escolas estão deficientemente apetrechadas, existem poucos

parques infantis; mas, em contrapartida, a sombra das grandes árvores, os jardins e o adros das igrejas (locais não programados para as actividades lúdicas) são muito utilizados na prática dos jogos. É de referir que os adros das igrejas são frequentemente escolhidos pelas crianças para brincar e também pelos professores para as práticas lúdicas.

Não nos propomos fazer um estudo sobre o espaço, mas pensamos que, ao falar da Índia, teremos que referir obrigatoriamente a existência, tão presente, dos espaços sagrados e das hierarquias dos espaços. (Tacou, 1983)⁹⁶.

E quando estamos a falar dos espaços de Portugal e Índia, teremos também que referir as suas diferenças relativamente à cor, aos cheiros, até mesmo à envolvência do calor e aos ruídos, tão peculiares da Índia. Poderemos afirmar que se trata de mundos perceptivos diferentes. Ainda não se encontrou uma linguagem para referir ou caracterizar estes aspectos do espaço; eles têm uma importância enorme no que respeita, por exemplo, à duração do tempo de jogo. Outro aspecto que nos parece de referir é o *espaço pessoal* que as crianças utilizam. Tanto em Portugal como na Índia, poderemos chamar «modo próximo» à distância pessoal, como fez Edward Hall (1986: 139). Uma das diferenças significativas que encontramos entre as crianças de Portugal e da Índia verifica-se relativamente ao contacto pessoal, mais íntimo entre os rapazes indianos do que entre os portugueses.

5.2 - A importância do Sítio do Jogo

Muito embora se criem espaços de jogo, com ou sem participação activa das crianças, com a colaboração de educadores e projectados por

⁹⁶ Tacou inclui na sua obra uma colecção de textos de diversos autores sobre a temática dos «símbolos do lugar».

arquitectos ou urbanistas, talvez por ser ainda indefinida e vaga a essência do *espírito do sítio*, é noutra lugar que, muitas vezes, o homem sente necessidade de eleger o seu próprio sítio e a criança, quando a deixam, o terreno dos seus jogos. Lembramo-nos, por exemplo, quando, em Goa, ao tentarmos recolher o *jogo dos países*, em que só era necessário um local para encostar a cabeça e uma pedra para desenhar círculos, tivemos que acompanhar as crianças até ao *sítio* que utilizavam vulgarmente, tendo sido mesmo necessário subir muitas escadas para chegar a um terraço feio e até sujo. Em Faro, o Jardim da Alameda pareceu-nos, esteticamente, o melhor espaço para fotografar alguns jogos; mas nem sempre era com aquele lugar que as crianças tinham uma ligação afectiva ou uma identificação que as levasse a escolhê-lo. Pensamos que, quando podem gozar o seu próprio espaço, fica presente o *princípio do prazer*, a comunicação estabelece-se com facilidade, exprimindo-se o corpo em toda a dimensão de liberdade, permitindo à criança dar largas à sua imaginação e capacidade criadora.

Poderemos chamar a este *sítio* espaço de jogo, numa concepção de *espaço de sonho* (Bachelard, 1958), em relação com os dados emocionais (Kaufmann, 1967).

Já num artigo que escrevemos, «Do Entender do Espaço...», dizíamos, a certa altura, que, de um ponto de vista antropológico, o homem tem necessidade de espaço, mas, ainda mais, de um *lugar*, a que poderemos chamar o *aqui*. O *aqui* será um endereço, um domínio reconhecido, isto é, um lugar com um princípio organizativo particular, actuando como centro de um mundo virtual (Brás, 1985).

Os extractos das obras que em seguida apresentamos dão bem a ideia da dimensão interior que pode ter a descoberta do nosso *lugar*:

[...] iam demolir a casa.

A casa dos meus pais, a minha casa, a velha casa enraizada da Rua Garay [...]

Está na cave debaixo da sala de jantar [...]

Desci secretamente, tropecei na escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph.

O Aleph? - perguntei:

Sim, o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo vistos de todos os ângulos [...]

Se todos os lugares da terra estão no Aleph, ali estão todas as luminárias, todas as lâmpadas, todas as fontes de luz.

Irei vê-lo imediatamente [...]

Como transmitir aos outros o infinito Aleph, que a minha tímida memória mal abarca? [...]

Nesse instante gigantesco, vi milhões de actos agradáveis ou atrozés; nenhum me assombrou mais que o facto de todos ocuparem o mesmo ponto sem sobreposição nem transparência [...]

Vi Aleph na terra e na terra outra vez o Aleph e no Aleph a terra [...]

Jorge Luis Borges (1976: 134-139)

Por fim ele disse-me que havia um meio, e passou a expor um problema. Disse que eu estava muito cansado no chão e que o que eu devia fazer era encontrar um ponto (sítio) no chão em que eu pudesse sentar-me sem me cansar. Eu [...]

Esperei que ele explicasse o que queria dizer um «ponto» mas ele não procurou elucidar isso abertamente. Pensei [...]

Ele sugeriu que eu andasse pela varanda até encontrar o ponto.

Levantei-me e comecei a andar pelo chão [...]

Depois de algum tempo, acalmou-se e explicou que nem todos os lugares eram bons de se sentar ou estar, e que dentro dos limites da varanda havia um ponto em que eu estaria em minha melhor forma.

A ideia geral era que eu teria de «sentir» todos os pontos possíveis que me fossem acessíveis, até poder estabelecer, sem dúvida, qual o certo.

Argumentei que, embora a varanda não fosse muito grande (2,5 por 3,5), o número de pontos possíveis era imenso [...]

Eu via tudo o que havia na varanda e perto dela. Devo ter andado por uma hora ou mais, mas nada aconteceu para revelar a posição do ponto [...]

Propositadamente, procurei «sentir» diferenças entre os lugares, mas faltava-me o critério para a diferenciação [...]

D. Juan riu e disse que aquilo não o surpreendia porque eu não tinha agido direito. Não tinha usado os olhos [...]

Era verdade, e no entanto eu tinha muita certeza de que ele dissera que eu tinha de sentir a diferença. Expus esse argumento, mas ele disse que a gente pode sentir com os olhos, quando estes não estão olhando directamente dentro das coisas [...]

De repente, num ponto perto do meio do chão, verifiquei outra modificação de tonalidade.[...]

Concentrei a minha atenção nele. O roxo desmaiou para uma cor pálida mas ainda brilhante, que se manteve enquanto eu concentrava a atenção nela.

Marquei o local com o meu casaco [...]

Quando cheguei ao centro, vi que estava havendo outra modificação de coloração que eu via em todo o sector: transformava-se um ponto à minha direita, num verde forte [...]

Tirei um dos meus sapatos e marquei o ponto [...]

Resolvi tentar o outro ponto [...]

Resolvi fazer uma última tentativa [...]

Devagar, rastejei até o outro ponto encostei as costas na pedra. Queria repousar um pouco para arrumar as ideias, mas adormeci [...]

Ouvi D. Juan rindo [...] acordei [...]
 Você encontrou o ponto — disse ele. [...].

Carlos Castaneda ([s.d] 32-37)

Recordamos também o encontro entre o poeta José Carlos Ary dos Santos, o cantor Carlos do Carmo e o músico António Vitorino d'Almeida em que este último recordou a velha casa do Campo Grande, onde nasceu e viveu a sua infância e que «os maus fados de uma partilha familiar obrigaram a ser vendida e teoricamente condenada ao camartelo [...] e é símbolo persistente da minha própria fidelidade às origens. Daí nasceu em 1977 o Fado do Campo Grande⁹⁷

A minha velha casa
 Por mais que eu sofra e ande
 É sempre um golpe de asa
 Varrendo um campo grande

.....

Compartilhamos a esperança de Júlio Moreira, Sena da Silva, Cristina Reis e Margarida D'Orey (1975) quando nos apresentam uma história da evolução do mundo, como nossa casa e nos falamos no regresso à fase *festiva* em que, segundo os autores, se irá « [...] assegurar o equilíbrio de todas as coisas [...] Deixar espaço e abrigo para as aves [...] Replantar as árvores no lugar das árvores [...] Deixar lugar na terra para os bichos da terra» (1975: [24]). E diríamos nós também: deixar espaço para as crianças brincarem.

⁹⁷ Cujos textos estão impressos na contra-capa do disco *O Homem e a Cidade*.

Concluindo, da abordagem que fizemos ao estudo dos espaços lúdicos ressalta a importância do *sítio do jogo*, que, de um ponto de vista antropológico, poderemos denominar o *aqui*. Há, portanto, que estar atento aos *sítios* que as crianças elegem como *seus*, pois, julgamos que o aspecto afectivo e a apropriação do espaço terá uma importância maior que a sua qualidade ou que os materiais disponíveis.

Na criação de espaços de vivência urbana, pensamos que será importante que os arquitectos e os urbanistas tenham presente a necessidade de deixar existir terreno de improvisação para as crianças — terra batida para um *carolo* ou para um *rodopiar de um pião*, ou para que possamos continuar a deparar, tanto em Portugal como na Índia, com as crianças, nos seus percursos, percorrendo em equilíbrio precário os lancis dos passeios, ou aproveitando os desenhos dos mesmos para se deslocarem, pisando ou não, certos acidentes de desenho ou padrões, segundo um código de ocasião.

5.3 - Materiais Lúdicos

Os objectos utilizados são de fácil acesso. Muitos dos jogos apresentados, quer de Portugal quer da Índia, não necessitam de qualquer tipo de material; basta-lhes um espaço, ou seja, o seu lugar, para que possam acontecer.

Tanto em Portugal como na Índia, são poucos os materiais utilizados que necessitam de ser comprados: um pião, um berlinde, um ringue (quando as crianças não utilizam uma bola de trapos), uma corda (quando não utilizam restos das já usadas pelos adultos). Quase tudo é recolhido: as caricas, as pedrinhas, as sementes, os pauzinhos ou as conchas; são coisas dos seus lugares. Quando as crianças vivem no meio rural encontram materiais com

maior facilidade do que as que vivem nos centros urbanos, tendo, neste caso, que recorrer tanto cá como lá, a materiais de desperdício.

Na Índia são muito utilizadas as cascas de coco, caíro, folhas de coqueiro, fibras de bananeira secas ou frescas, bambus. Em Portugal, temos a cortiça, as cascas de noz e de pinheiro, as canas. Os materiais lúdicos representam a realidade física e social, sendo, assim, factores de identificação do contexto sócio-geográfico.

5.3.1 - A Criatividade Lúdica com Materiais Ocasionais

Quando fizemos a análise do material utilizado nos jogos que acabámos de descrever, reparámos tratar-se de material pobre, mas sempre disponível, enriquecendo a imaginação e criatividade da criança.

Nas observações realizadas em situações de imprevisto, fomos, com o decorrer do tempo, motivados a uma maior atenção para as brincadeiras que ocasionalmente aconteciam. Sendo resultantes de uma atitude espontânea, fazem parte duma linguagem corporal comum às crianças dos dois países, nem sempre pertencentes ao mesmo escalão etário. Tanto em Portugal como na Índia, estes jogos eram o resultado do aproveitamento do material existente por perto e, normalmente, começavam como actividades lúdicas individuais ou em paralelo e, por vezes, deixavam a forma primária de improvisação e fantasia despreocupada, que Caillois (1958) designava por «paidia» para se tornar numa competição em que dominava o gosto pela dificuldade gratuita com regras, que o mesmo autor denominava «ludus».

Os exemplos que vamos apresentar referem-se às actividades lúdicas praticadas pelas crianças de Portugal e da Índia quando estas só atingem um nível primário de improvisação e fantasia despreocupada.

Normalmente, estas actividades lúdicas são espontâneas, mas não no sentido em que Ortega (1992) emprega o termo⁹⁸; são naturais, mas nem todos correspondem à ideia de Dibia no seu artigo «Techniques et Jeux Traditionnels en Bourgogne» (em Jaulin, 1979). Nós iremos chamar-lhe *jogos ocasionais*, pois, na maioria dos casos, não estão sujeitas a regras, sendo todas as improvisações permitidas e a exigência de disciplina, que é característica do jogo, é, em geral, diminuta.

Estas actividades aparecem na vida lúdica da criança como jogos criativos, com regras definidas pela própria criança, o que os torna difíceis de partilhar, dado o seu carácter individualista; as crianças imaginam brincadeiras que dependem do espaço geográfico, do meio social e familiar e, principalmente, do material disponível; por vezes, é difícil outras crianças integrarem-se, dada a dificuldade que o autor da brincadeira tem em explicar as regras e os seus objectivos. Este tipo de jogo, na maior parte das vezes, só tem sentido para si próprio e, quando alguma criança consegue *infiltrar-se*, aquela que é *dona do jogo* lidera as actividades, tornando-se o centro das atenções. É, também, livre de jogar ou não com outras crianças, deixar o jogo quando quer, inventar uma nova forma de o jogar. Esta eferescência e espontaneidade pura não ultrapassa o estatuto de «paidia», podendo passar rapidamente a outra actividade mais séria através da criação de outras condições.

Quando nos referimos a estes jogos, queremos dizer aqueles que dependem do momento, não só das condições físicas, do material do ambiente, das capacidades motoras da criança, mas também dos objectos lúdicos que vêm associados à invenção de brinquedos; eles surgem a partir de

⁹⁸ Ortega inclui nesta categoria os jogos e brinquedos que são escolhidos espontaneamente pelas crianças independentemente de terem ou não regras.

qualquer objecto ou material disponível e, normalmente, só têm significado para a própria criança. Os recursos de cada local contribuem para o maior ou menor enriquecimento da imaginação de cada criança. A proximidade da água ou do mar determina, certo tipo de brincadeiras; o meio rural conduz a outro tipo e o meio urbano, por sua vez, ainda a outro diferente.

São, estas actividades lúdicas, formas de integração nos locais de habitação e de diálogo com os materiais disponíveis. Roger Pinon no artigo «Les Jouets» (em Caillois, 1967) divide a história dos brinquedos em três períodos: o «ecológico»⁹⁹, o «artesanal»¹⁰⁰ e o «industrial»¹⁰¹. No nosso trabalho, julgamos que o termo *objectos lúdicos* se adaptará melhor, por ser mais abrangente, aos materiais que são utilizados no período «ecológico» para os *jogos ocasionais* e para o fabrico de brinquedos, tanto em Portugal como na Índia. Nos estudos antropológicos, é atribuída uma grande importância a estes objectos por serem executados pelas próprias crianças ou por familiares. Nicole de Grandmont (1989) designa estes objectos por «brinquedos-objectos» dividindo-os em várias categorias, de que destacamos os «objectos arcaicos» (oriundos da natureza), os de «fabricação caseira» (feitos com materiais de desperdício doméstico) e ainda os «brinquedos pré-fabricados»: estes serão os que aproveitam um objecto fabricado industrialmente, como, por exemplo, um elástico ou um carro de linhas. Também Walter Benjamim (1984) refere que a origem dos brinquedos estará na indústria caseira, reconhecendo que é mais fácil a compreensão, pelas crianças, dos objectos produzidos com recurso a técnicas elementares do que dos que são de origem industrial.

⁹⁹ Em que os brinquedos são feitos pela criança ou são oriundos do seu meio.

¹⁰⁰ Produzido por artesão.

¹⁰¹ De produção industrial.

Todos estes jogos são transmitidos de geração em geração e resultam do uso espontâneo de objectos pelas crianças. São folhas, flores, frutos, pedras, a areia, a terra, as canas, as sementes, o plástico, que transmitem uma carga afectiva, uma memória da cor, da textura, dos cheiros. Estabelece-se uma ligação a um património efémero, continuamente vivido. Adivinham-se contextos geográficos distintos: o cheiro do corte de um galho de pinheiro é bem diferente do que se sente ao abrir um coco.

Não introduzimos estes *jogos ocasionais* na classificação por que optámos para apresentar os jogos tradicionais, pois, tão depressa um jogo poderia ser considerado de *mãos*, logo a seguir de *pés* ou de *corpo inteiro*. Neste caso, interessou-nos particularmente o uso do espaço e dos materiais disponíveis e não o cumprimento de regras.

Em Portugal, os materiais recolhidos foram de fácil obtenção, mas, os trazidos da Índia, trouxeram-nos dificuldades imprevistas, como o ter que explicar na alfândega o interesse de trazermos na bagagem pauzinhos, conchas, cascas de coco, etc. Às vezes, só mostrando as fotografias das crianças a utilizar estes materiais dispensava a explicação exaustiva e repetida do seu interesse para o nosso trabalho.

Encontramos paralelismos gestuais entre as crianças de Portugal e da Índia na utilização dos materiais e na fabricação dos objectos lúdicos de cada terra. As actividades lúdicas, resultantes da utilização dos materiais, são, em parte, reguladas pelas estações do ano, pois uma determinada folha ou semente só existe numa determinada época.

Em ambas as situações, é a criança a escolher o pauzinho, a pedra ou a concha, ou mesmo a fazer o seu objecto lúdico, por vezes ajudado pelo irmão mais velho, pai, avô, ou até pelo artesão, conservando a sua estreita dependência do ambiente familiar e cultural. A este propósito lembramos os

comentários de Roland Barthes (1976) sobre o progressivo desaparecimento da madeira na feitura dos objectos lúdicos. O autor defende a ideia de que a madeira é uma substância poética e familiar, dando à criança uma sensação de continuidade de contacto com a árvore, a mesa, o soalho.

Por vezes, o brinquedo industrial perde grande parte das qualidades lúdicas, quando a criatividade da criança é restringida.

Pulaski, em 1973, tentou demonstrar que os brinquedos pouco estruturados originavam utilizações imaginativas (em Duarte Meireles; Manuela Almeida e Anabela Alves, 1994).

Da mesma opinião é Juliette Raabe (1980) quando afirma ser preferível brincar com um objecto elementar, pois objectos muito acabados criam uma barreira à criatividade da criança.

Contudo não se pode ignorar que o colorido, a sofisticação, a actualidade (dos temas) e a variedade dos novos brinquedos entusiasma as crianças. Vivendo elas numa sociedade cada vez mais consumista, o brinquedo, produto industrial e fonte de lucros comerciais, é objecto de grande publicidade, nomeadamente, na televisão, em horário de programação infantil. Será difícil que estes brinquedos não façam parte do seu quotidiano. As relações amigáveis das crianças podem ser corrompidas pela introdução do espírito de competição social baseado no valor comercial dos brinquedos que, parece ser eliminada com a utilização de materiais de ocasião.

Em «Le Jouet, valeurs et paradoxes d'un petit objet secret»¹⁰², Gilles Brougère diz-nos que «à travers le jouet, les sociétés définissent situations et actions légitimes pour l'enfant.», referindo ainda como o consumo do

¹⁰² Nesta obra participa uma vintena de autores que falam do brinquedo encarado sob as mais diversas perspectivas.

brinquedo «[...] insère l'enfant dans le monde social en faisant un acteur économique de plein exercice.» (1992: 12-13).

Mas os jogos que recolhemos têm a ver com situações espaciais que, ocasionalmente, surgem nos percursos das crianças e com o aproveitamento lúdico que é feito dos materiais espontaneamente encontrados. Destes, são criados *objectos lúdicos* com uma visível referência ao mundo mágico e ao sagrado. Esta disponibilidade para reinventar, reformulando o trivial, lembra-nos Marcel Duchamp, quando, em 1913 apresentou a sua *Fontana* e a *Bicyclette*, ou, já nos anos 60, o movimento da *Pop Art*, chamando a atenção para os objectos do dia a dia restituindo-lhes dignidade.

Em Portugal, nota-se uma tendência para o retorno ao fabrico de brinquedos artesanais, quer como resultado de uma política de recuperação de tradições, quer por iniciativa dos próprios artesãos¹⁰³ (apêndice T, fig.317 e 318). Na fig.319 do mesmo apêndice podem ver-se, além de piões artesanais, feitos de madeira, alguns ringues e um pião de plástico, estes já de produção industrial. As crianças, por desafio a si próprias ou por falta de meios, copiam os brinquedos sofisticados que encontram no café ou na casa de jogos. Veja-se o apêndice U mostrando um *flipper* que, apesar de feito com materiais improvisados, consegue, pela sua capacidade de reproduzir *a máquina a sério*, reunir à sua volta os meninos do bairro. Na Índia, a fabricação de brinquedos, seja artesanal ou industrial, está ainda num estágio a que poderemos chamar de *autenticidade*, pois destina-se aos seus consumidores de sempre — as crianças (apêndice V).

¹⁰³ Como exemplo de fabrico artesanal de brinquedos aproveitando materiais de desperdício, temos o caso do senhor João Martins, de Olhão (Algarve) que, há cinquenta anos, aprendeu com o pai a fazer brinquedos de folha de flandres estampada. Depois da sua reforma, voltou ao fabrico destes mesmos objectos que, agora, passaram a ser procurados por uma clientela adulta. É de referir que o artesão nos contou também que as crianças, embora já pouco comprem os seus brinquedos, mostram uma grande curiosidade em saber como os poderão fazer elas próprias.

5.3.2 - Recolha de Objectos Lúdicos - Listagem

Apresentamos de seguida, por ordem alfabética, as fichas dos *objectos lúdicos* utilizados nos *jogos ocasionais* de Portugal e da Índia, acompanhadas de um registo fotográfico.

Ficha nº1	Arco
Ficha nº2	Baloioço
Ficha nº3	Barco
Ficha nº4	Bola
Ficha nº5	Canudo
Ficha nº6	Carrinhos
Ficha nº7	Fisga
Ficha nº8	Moinhos
Ficha nº9	Papagaio
Ficha nº10	Pauzinho

5.3.3 – Fichas de Objectos Lúdicos com registo fotográfico

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

			Nº1
PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA	
Arco	NOME	Arco ou <i>Atto'</i>	
Exterior	ESPAÇO	Exterior	
Primavera, Verão e Outono	ÉPOCA	Inverno e Verão	
Feito pelo Próprio ou Adquirido	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio ou Adquirido	
Individual	PARTICIPANTES	Individual	
5 a 10	IDADE	5 a 12	
Masculino	SEXO	Masculino	

MATERIAL

Arco em arame grosso (6 a 10mm) de ferro e uma gancheta também de arame, às vezes com uma pega em pau ou cana. Um aro de pipa, por vezes serve de arco improvisado.

Arco em arame grosso (6 a 10mm) de ferro e uma gancheta também de arame. Por vezes, na falta de material apropriado, as crianças usam um pneu velho e um pauzinho a servir de gancheta.

PORTUGAL

ÍNDIA

ARCO (1)

ARCO, ATTÓ (1')



FIG.224

FIG.227



FIG.225



FIG.226



FIG.228

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº2

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Baloço	NOME	Baloço ou <i>Dollaunem</i>
Exterior	ESPAÇO	Exterior, Interior
Primavera, Verão e Outono	ÉPOCA	Inverno, Monção e Verão
Adquirido	AQUISIÇÃO	Adquirido
Individual	PARTICIPANTES	Individual
5 a 12	IDADE	5 a 15
Ambos	SEXO	Ambos



MATERIAL

Compõe-se de um assento de madeira ou de um pneu suspenso por cordas ou correntes.

Compõe-se de assento de madeira suspenso por cordas ou correntes, ou, mais vulgarmente, de uma corda onde as crianças se penduram e balançam.

PORTUGAL

BALOIÇO (2)



FIG.229



FIG.230

ÍNDIA

BALOIÇO, DOLLAUNEM (2')



FIG.231



FIG.232

FIG.233



PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

			Nº3
PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA	
Barco	NOME	<i>Cuná</i>	
Exterior	ESPAÇO	Exterior	
Primavera e Verão	ÉPOCA	Inverno e Monção	
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio	
Individual	PARTICIPANTES	Individual	
5 a 10	IDADE	5 a 12	
Masculino	SEXO	Masculino	

MATERIAL

Em Portugal utiliza-se a cortiça, as cascas de pinheiro ou a madeira, para este fim. Junto ao mar, fazem-se os barquinhos de osso de choco.

Na Índia, o *cuná* (canoa) é o barco feito pelas crianças, normalmente do invólucro da inflorescência do coqueiro.

PORTUGAL

ÍNDIA

BARCO (3)

CUNÁ (3')



FIG.234



FIG.235

FIG.236



PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº4

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Bola	NOME	Bola
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Todo o Ano	ÉPOCA	Todo o Ano
Feito pelo Próprio ou Adquirido	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio ou Adquirido
Individual ou Colectivo	PARTICIPANTES	Individual ou Colectivo
5 a 10	IDADE	5 a 12
Masculino	SEXO	Ambos

MATERIAL

Papel, pano, borracha, pedra.

Papel, pano, borracha, pedra e areia molhada.

PORTUGAL

BOLA (4)

FIG.237



FIG.238



ÍNDIA

BOLA (4')

FIG.239

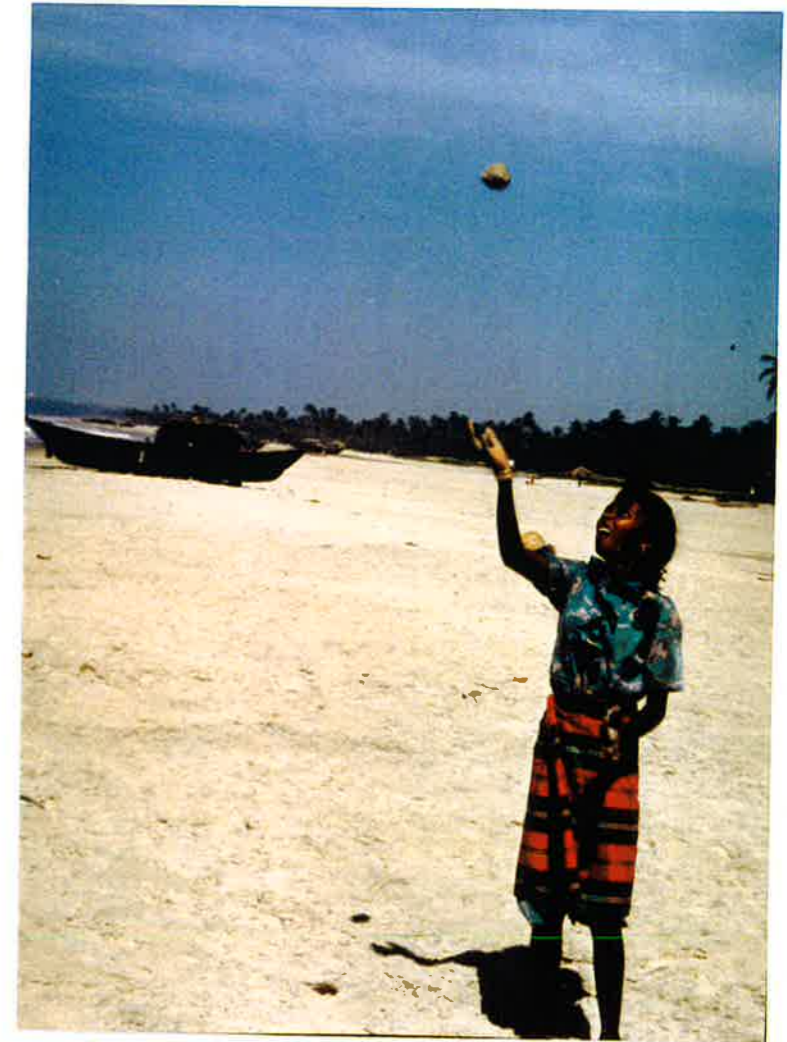


FIG.240



PORTUGAL

BOLA (4)



FIG.241



FIG.242

ÍNDIA

BOLA (4')



FIG.243

FIG.244



FIG.245



PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº5

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Canudo	NOME	<i>Fottaxi Tefddam</i>
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Todo o Ano	ÉPOCA	Todo o Ano
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio
Individual ou Colectivo	PARTICIPANTES	Individual ou Colectivo
7 a 12	IDADE	7 a 15
Masculino	SEXO	Masculino

MATERIAL

Tubo de cana, de sabugueiro ou plástico (tubo de PVC para instalações eléctricas) com 40 a 60 cm de comprimento, sementes de palmeira, bagas diversas de calibre um pouco menor que o diâmetro do tubo.

Tubo de bambú ou de plástico (tubo de PVC para instalações eléctricas) com 40 a 60 cm de comprimento sementes de palmeira, bagas diversas de calibre um pouco menor que o diâmetro do tubo.

PORTUGAL

CANUDO (5)



FIG.246

ÍNDIA

FOTTAXI TEFDDAM (5')



FIG.248



FIG.247



FIG.249

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº6

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Carrinhos	NOME	Carrinhos
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Primavera, Verão e Outono	ÉPOCA	Inverno e Verão
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio
Individual	PARTICIPANTES	Individual
5 a 10	IDADE	5 a 12
Masculino	SEXO	Masculino

MATERIAL

Roda feita de madeira, cortiça, ou de uma tampa de lata, presa com um prego a um pau ou cana que serve de pega.

Roda feita de uma tampa de lata ou de madeira, presa com um prego a um pau ou bambú que serve de pega.

CARRINHOS (6)

CARRINHOS (6')



FIG.250



FIG.252



FIG.251



FIG.253

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº7

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Fisga	NOME	Funda ou <i>Gofin</i>
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Primavera, Verão e Outono	ÉPOCA	Inverno e Verão
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio
Individual	PARTICIPANTES	Individual
7 a 12	IDADE	7 a 15
Masculino	SEXO	Masculino

MATERIAL

Forquilha feita de ramo de árvore com dois elásticos que podem ser retirados de uma câmara de ar ou comprados e que são unidos com uma tira de couro, chamada *pelica*, que recebe a pedra ou a semente a lançar.

Forquilha feita de ramo de árvore ou de chifre, com dois elásticos que podem ser retirados de uma câmara de ar ou comprados e que são unidos com uma tira de couro, ou de pneu de bicicleta que recebe a pedra ou a semente a lançar.

PORTUGAL

ÍNDIA

FISGA (7)

FUNDA, GOFIN (7')



FIG.254

FIG. 256



FIG.255

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº8

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Moinhos	NOME	<i>Vir-Vir</i>
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Primavera, Verão e Outono	ÉPOCA	Inverno e Verão
Feito pelo Próprio ou Adquirido	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio ou Adquirido
Individual	PARTICIPANTES	Individual
5 a 7	IDADE	5 a 10
Ambos	SEXO	Ambos

MATERIAL

Pega em pau ou cana; rotor em plástico ou papel de lustre; eixo de arame.

Pega em bambú; rotor em celofane com aro de arame; eixo de arame.

PORTUGAL

ÍNDIA

MOÍNHOS (8)

VIR-VIR (8')



FIG. 257



FIG. 258

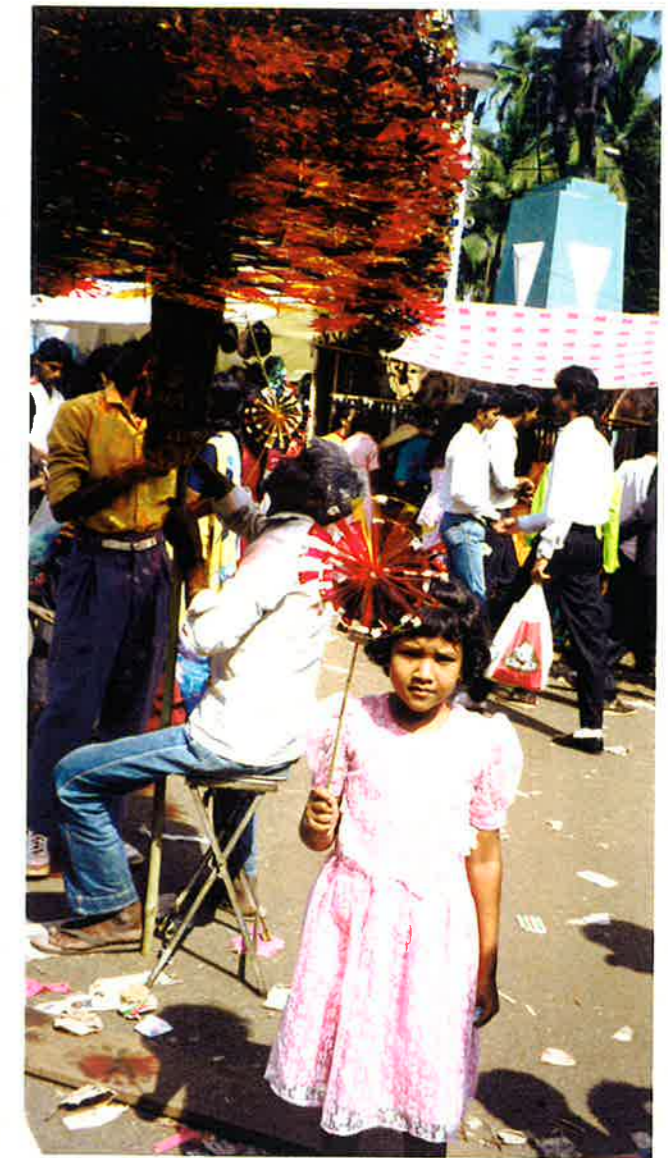


FIG. 259

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

Nº9

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Papagaio	NOME	<i>Patang</i>
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Primavera e Verão	ÉPOCA	Inverno e Verão
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio
Individual	PARTICIPANTES	Individual
8 a 12	IDADE	8 a 15
Ambos	SEXO	Ambos

MATERIAL

Papel de seda ou de, jornal, cana e fio.

Papel de seda ou de jornal, bambú e fio.

PORTUGAL

PAPAGAIO (9)



FIG. 260



FIG. 261

ÍNDIA

PATANG (9')



FIG. 262



FIG. 263



FIG. 264

PORTUGAL - INDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

 Nº10

PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
Pauzinho	NOME	Pauzinho
Exterior	ESPAÇO	Exterior
Todo o Ano	ÉPOCA	Todo o Ano
Feito pelo Próprio	AQUISIÇÃO	Feito pelo Próprio
Individual	PARTICIPANTES	Individual
5 a 10	IDADE	5 a 12
Masculino	SEXO	Masculino

MATERIAL

Pauzinho escolhido na altura pelas crianças.

Pauzinho escolhido na altura pelas crianças.



FIG.265

PAUZINHO (10)



FIG.266



FIG.267

PAUZINHO (10')



FIG.268



FIG. 269

ção e acessíveis a todas as crianças socialmente diferenciadas, são transformados em objectos de enorme riqueza lúdica contendo grande carga afectiva. Eles são o resultado de uma estreita relação com o ambiente familiar e cultural.

Muitas destas actividades têm sido preservadas pela literatura e iconografia ao longo dos tempos. Pensamos que a recolha fotográfica e visionada dos divertimentos e dos materiais assim como a colecção dos próprios objectos lúdicos nos ajudarão a entender melhor o passar de testemunho dos ritos, da magia e da memória.

Passaremos a comentar alguns pormenores de cada objecto lúdico comum a Portugal e à Índia.

ARCO Tanto em Portugal como na Índia, este objecto lúdico é utilizado pela criança de maneiras diversas e muito imaginativas, por vezes até, como jogo de vertigem. Em Portugal, quando uma criança se desloca com o arco, usa-se a expressão *ir d'arco*.

Vários autores consideram que ele terá sido, inicialmente, um objecto mágico e religioso, existente desde a mais remota antiguidade. Lembramo-nos de um baixo relevo de um sarcófago infantil existente no Museu do Vaticano, datado do sec. II a.C. representando uma criança a brincar com um arco.

BALOIÇO Roger Pinon, (em Caillois, 1967)¹⁰⁴ refere que em Portugal existem mais de vinte variedades de baloiços. Foi curioso observar, quando fazíamos as recolhas para este trabalho, a

¹⁰⁴ Caillois (1967: 333) refere este estudo de R. Pinon no cap. «Les Jouets».

5.4 - Quadro de Resultados N° 4

ANÁLISE COMPARATIVA DAS VARIÁVEIS REFERENTES AOS OBJECTOS LÚDICOS							
PORTUGAL	MATERIAL	AQUISIÇÃO	ESPAÇO	SEXO	IDADE	ÉPOCA	ÍNDIA
1-ARCO	○ (A)	○ (OP) (P)	○ (E)	♂	5-12	○ (V)	1'-ARCO, <i>ATTÓ</i>
2-BALOIÇO	○ (E)	○ (O)	○ (E)	♀	5-15	○ (M)	2'-BALOIÇO, <i>DOLLAUNEM</i>
3-BARCO	○ (A)	○ (P)	○ (E)	♂	5-12	○ (M)	3'-CUNÁ
4-BOLA	○ (A)	○ (OP) (P)	○ (E)	♂	5-12	○ (M)	4'-BOLA
5-CANUDO	○ (A)	○ (P)	○ (E)	♂	7-15	○ (M)	5'- <i>FOTTAXI TEFDDAM</i>
6-CARRINHOS	○ (A)	○ (P)	○ (E)	♂	5-12	○ (V)	6'-CARRINHOS
7-FISGA	○ (A)	○ (P)	○ (E)	♂	7-15	○ (V)	7'-FUNDA, <i>GOFIN</i>
8-MOINHOS	○ (A)	○ (OP) (P)	○ (E)	♀	5-10	○ (V)	8'-VIR-VIR
9-PAPAGAIO	○ (E)	○ (P)	○ (E)	♀	8-15	○ (V)	9'-PATANG
10-PAUZINHO	○ (E)	○ (P)	○ (E)	♂	5-12	○ (M)	10'-PAUZINHO

(A) - alteração (OP) (P) - feito por outro ou pelo próprio (V) (M) - estações do ano

5.5 - Discussão

Pensamos que estas actividades lúdicas, parecendo ser apenas divertimentos insignificantes das crianças, constituem um valor cultural que, num trabalho em que a preservação do património lúdico tem um lugar privilegiado, não poderíamos deixar de assinalar. Materiais gratuitos de fácil aquisi-

presença quase constante do baloiço no interior das casas de Damão e Diu.

Caillois (1958) considera ser o espírito do jogo essencial à cultura, constituindo os jogos e os brinquedos, ao longo da História, os resíduos daquela. Apresenta um exemplo do que se passava nos tempos védicos, na Índia, em que um devoto se balançava num baloiço para ajudar o Sol a subir no Céu; supunha-se que o trajecto do baloiço ligava o Céu à Terra. O baloiço encontra-se, ainda hoje, associado à chuva, à fecundidade e à renovação da Natureza. Na primavera, Kama (deus do amor) e Krishna (deus dos pastores) são solenemente balançados. O baloiço cósmico leva o Universo num vai-vem eterno arrastando os seres e os mundos.

Ao mesmo tempo que o sacerdote balança piedosamente Krishna, a criança diverte-se igualmente no baloiço.

Tanto em Portugal como na Índia este objecto lúdico é usado em brincadeiras que criam situações de pura vertigem.

BARCO

Por vezes, a criança lança cascas ou pauzinhos à água de um ribeiro ou regueira da monção, imaginando competições e viagens. Este divertimento é um bom exemplo da utilização de materiais estreitamente ligados a cada sítio, verificando-se no entanto situações criativas muito semelhantes. Também o poeta e educador Rabindranath Tagore, citado frequentemente por Propércia de Figueiredo (1942), liga estes objectos lúdicos a sonhos, quando refere que há sonhos de cavaleiro medieval, no jogo infantil.

- BOLA** Tanto em Portugal como na Índia, esta é uma das brincadeiras mais espontâneas. Sozinhas ou em grupo, as crianças utilizam qualquer material que possa servir como bola, até mesmo o que menos apropriado possa parecer. Muitas vezes, uma simples pedrinha serve para dar um chuto. Em Goa, devido às características da areia de algumas praias, é possível fazer uma bola de areia molhada e lançá-la várias vezes ao ar ou entre companheiros. As adaptações de materiais a funções de jogo são muito imaginativas, conforme se pode ver nas ilustrações, em que, por exemplo, as sandálias são usadas como raquetes (fig. 244), ou os paus de uma pérgola servem de obstáculos a ultrapassar com a bola (fig. 237).
- CANUDO** Qualquer tubo serve para introduzir sementes e soprá-las atingindo obstáculos reais ou imaginários. Repare-se que a cana ou bambu começam a ser substituídos por material de plástico tanto em Portugal como na Índia.
- CARRINHOS** Nas figuras 252 e 253 vemos este objecto lúdico que é utilizado pela criança empunhando a pega e empurrando de modo a que a roda vá rolando pelo chão, como se fosse um veículo e uma companhia. Os objectos utilizados nestas brincadeiras por vezes são adquiridos nas feiras (fig. 250). Tanto em Portugal como na Índia, existe um outro tipo de carrinhos, chamados *de rolamentos*, feitos com ajuda de familiar ou amigo mais velho e que são usados para descer ladeiras. São construídos por um estrado de madeira ou um caixote com um eixo fixo atrás e um móvel à frente, equipados com dois rolamentos velhos, cada um. Duas cordinhas

servem de guiador, virando o rodado da frente. Os pés auxiliam a condução e são usados como travão. A utilização destes carrinhos é feita por crianças mais velhas. Repare-se na matrícula do *Porsche* na fig. nº251.

FISGA

Este objecto é quase sempre feito pelas próprias crianças que conhecem as árvores que dão os melhores galhos. Não há praticamente criança indiana que viva no meio rural que não tenha a sua fisga (vulgarmente chamada funda) e não se sirva dela para a apanha de frutos e na pastorícia. Os alvos preferidos, mas nem sempre confessados, das crianças, são os pássaros.

Dizem-nos as crianças, tanto em Portugal como na Índia, que os elásticos, para esticarem bem, não devem ser de borracha sintética.

MOINHOS

Tanto em Portugal como na Índia este objecto lúdico é utilizado pela criança como jogo de vertigem, correndo, muitas vezes em círculo, para provocar o rodar do moinho.

Vir-vir ou ventoinha são expressões utilizadas na Índia. Na praia, as crianças indianas conseguem todo o material para construir o seu vir-vir: a folha de palmeira serve para a hélice, os bambus, espinhos para o suporte e o eixo.

Pode ser adquirido em lojas, mas é nas feiras que o aspecto festivo de grandes conjuntos de moinhos mais alicia as crianças para a sua aquisição. Neste caso, tanto em Portugal como na Índia o colorido é muito intenso e variado. A fig. 258 mostra o colorido destes objectos na festa de S. Francisco Xavier em Velha Goa.

PAPAGAIO Tanto em Portugal como na Índia, o papagaio é utilizado do mesmo modo e por mera recreação.

Yrjö Hirn (1926) estudou aprofundadamente as características mágico-religiosas do papagaio, até mesmo o seu papel na estratégia militar, dedicando-lhe um capítulo do seu livro *Les Jeux d'Enfants*.

Em Portugal, o papagaio foi, antes de ser brinquedo infantil, um entretenimento para os ócios dos adultos, como se pode verificar num painel de azulejo do sec. XVIII, na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, onde se vêem fidalgos lançando papagaios de papel semelhantes na forma aos de hoje, mas muito mais enfeitados.

Propércia de Figueiredo (1938), fala-nos do papel mágico que o papagaio assume na Índia. A autora refere-nos os concursos de papagaios, em que, para fazer cair o papagaio do parceiro, é vulgar cobrir os últimos metros de fio com vidro moído.

Em Portugal não observamos competições em que a finalidade seja derrubar o do adversário. Em 1964, E. Lapa Carneiro, faz um estudo sobre os papagaios referindo que alguns eram equipados com instrumentos produtores de sons.

A proveniência dos jogos, como já tivemos ocasião de tratar, é difícil de determinar; no entanto, muitos autores afirmam que o papagaio terá sido trazido para a Europa, pelos portugueses da China e do Japão (Cascudo, 1952); o mesmo afirmam Madalena Teixeira e Carlos Barroco (1987).

PAUZINHO Nos dois campos de trabalho é vulgar as crianças servirem-se do pauzinho escolhido, utilizando-o das mais diversas normas.

Em Portugal pratica-se, além de jogos de equilíbrio, uma brincadeira, cuja prática as aulas de física irão, mais tarde, explicar: esfregado um pauzinho na roupa, este fica carregado de electricidade estática. Quando se encosta à mão, fica colado a ela durante algum tempo (ver fig.267). Verificamos um pormenor interessante: as crianças mais novas trocam a informação da *mágica* por um favor feito às mais velhas.

Todas estas brincadeiras das crianças portuguesas e indianas surgem espontaneamente em qualquer época do ano, sendo o resultado de uma inspiração lúdica de momento, geralmente no exterior. Notou-se uma diferença na preferência dos objectos lúdicos entre rapazes e raparigas.

5.6 - Conclusões

Como conclusão, observa-se que tanto nos jogos tradicionais em que o *ludus* predomina, ou naqueles em que a *paidia* é preponderante, os materiais utilizados, são facilmente acessíveis, gratuitos, precários e, por serem personalizáveis, aptos a ser objecto de grande carga afectiva. Estes materiais são também um importante meio de contacto entre gerações. Apesar de terem características próprias de cada região, são usados para jogos semelhantes, contribuindo para um melhor entendimento entre povos distintos.

Na Índia existe ainda um rico artesanato de produção de objectos lúdicos. Em Portugal, têm-se feito ultimamente algumas tentativas de recuperação da tradição artesanal.

Há também um regresso à fabricação industrial de brinquedos de outros tempos, que encontram saída num mercado de adultos com a nostalgia de reviver memórias de infância. Estes objectos já não serão classificáveis como brinquedos, mas sim como objectos de colecção.

No entanto, as crianças de Portugal e da Índia continuam ainda a criar os seus próprios objectos lúdicos, sendo estes os preferidos das crianças mais novas tanto em Portugal como na Índia. O sexo é determinante na escolha do tipo da brincadeira que acontece normalmente em qualquer ocasião e em espaços predominantemente exteriores.

6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

Nos Jogos Tradicionais que acabamos de apresentar, verificamos que há por vezes variações nas regras, no ritmo, ou na utilização de materiais, respeitando contudo os condicionalismos do clima e diferenciando-se numa ou noutra variante; são ainda adaptados muitas vezes a uma situação de momento, até mesmo no encontrar espontâneo de um ou outro objecto. Verificamos que a maior parte dos jogos são falados numa língua — o concanim — misturada com uma ou outra palavra em português. Já no que respeita às *Danças, Rondas e Jogos Cantados* tal não acontece: quando presentes, as palavras são praticamente as mesmas, em Portugal e na Índia, sendo sempre cantadas em português.

Vários são os conceitos sobre dança. Dependendo esta fundamentalmente do corpo, pode dizer-se também que é uma das mais antigas artes praticadas pelo homem. Dança-se por alegria e luto, para homenagear deuses e chefes, para treinar guerreiros, para cumprir ritos de fecundidade, para educar e divertir. No fundo, a dança é uma tentativa de comunicação e uma forma de ritual.

"Dançar" é para o Homem tão natural como falar, cantar, rir ou chorar porque a dança é uma expressão de sentimentos. Pode-se dizer que o Homem dança desde que existe sobre a Terra, ou melhor, desde que abandonou o seu estado puramente animal e atingiu o seu estado lógico. Certamente o Homem dançou antes de ter podido articular um discurso oral. A linguagem gestual é anterior à linguagem oral.

(Tomaz Ribas, 1992: 17).

Entendia Isadora Duncan (1928) que, se deixássemos desenvolver nas crianças o seu instinto natural para dançar, como deixamos desenvolver os

os seus instintos para andar, rir e falar, se ensinássemos todas as crianças a dançar e se todos os seres humanos dançassem, o mundo seria melhor e a Humanidade seria mais feliz.

Tratando-se aqui de danças populares, lembramo-nos que já Confúcio (séc. VI a.C.) dizia: «Montrez-moi comment danse un peuple et je vous dirai si sa civilization est malade ou en bonne santé» (em Garaudy, 1973: 20).

Através destas danças, procura-se atingir um auto-conhecimento, uma compreensão do Homem como identidade consigo próprio e com o seu povo.

Já no século passado, Teófilo Braga¹⁰⁵ dedicou uma parte da sua obra ao estudo das danças tradicionais e da sua importância ritual nas festas civis e religiosas, assim como aos instrumentos musicais utilizados. Citou cronistas, cancioneiros e poetas, tendo feito ainda um estudo das danças populares portuguesas ao longo dos tempos.

Roger Garaudy (1973), após apresentar conceitos sobre dança sagrada e dança profana, refere que toda a origem da actividade humana se desenvolve à volta do ritual sagrado e social que é a dança.

Sobre a História da Dança escreveu Paul Bourcier (1987), fazendo um alargado estudo sobre a sua prática no Ocidente. Também Maribel Portinari (1989) se dedicou ao mesmo assunto, incluindo na sua obra *História da Dança* alguns aspectos do folclore¹⁰⁶. Em Portugal, o tema é largamente abordado por José Sasportes (1970), sob uma perspectiva mais

¹⁰⁵ A obra consultada data de 1985.

¹⁰⁶ Entenda-se por *folclore* as formas de corporizar o saber popular transmitidas oralmente.

ligada à arte e ao espectáculo do que aos aspectos populares das danças tradicionais.

Tomaz Ribas fez uma extensa enumeração dos autores que se têm dedicado ao estudo das danças populares em Portugal, concluindo ser necessária a elaboração de um «[...] estudo antropológico e etnológico — e não meramente monográfico ou apenas referente aos aspectos do cancionero — sobre a música tradicional popular portuguesa» (1982: 12). Em 1985, o autor propõe uma classificação das danças tradicionais portuguesas, exemplificando formas de recolha.¹⁰⁷

Joceline Delimbeuf (1985) estuda os problemas relacionados com os conceitos de dança. Ana Paula Batalha (1983, 1985) tem-se dedicado não só ao estudo dos aspectos metodológicos da dança, mas também as rodas e jogos cantados têm sido referidos nos seus trabalhos. Helena Coelho e Luís Bom (1985) incluem a dança no património cultural. Achamos interessante que estes autores considerem ser um investimento social o preservar de aspectos tradicionais de um povo, propondo até condições de apoio nas escolas de formação básica. A estrutura rítmica da dança popular portuguesa é analisada por Margarida Fernandes (1990). Fernanda Prim (1992), na sua tese de mestrado, trata das actividades lúdicas de expressão musical, motora e verbal.

Não poderemos deixar de mencionar o importantíssimo levantamento etnográfico¹⁰⁸ que Michel Giacometti fez ao longo dos anos, cuja maior

¹⁰⁷ Este autor tem dirigido o gabinete etnográfico do INATEL, onde tem dinamizado o estudo do folclore em Portugal.

¹⁰⁸ Os resultados da sua pesquisa são conhecidos através de duas dúzias de edições fonográficas (feitas com a colaboração de Fernando Lopes Graça), de entre as quais destacamos a *Pequena Antologia da Música Regional Portuguesa* e o 1º livro-disco *Vozes e Imagens de Trás-os-Montes* dos Arquivos Sonoros Portugueses.

expressão foi o *Cancioneiro Popular Português* (1981), obra feita com a colaboração de Fernando Lopes Graça e tão significativa para a divulgação e preservação da tradição musical popular portuguesa.

Na Índia, foi realizada, de porta a porta, pelo musicólogo goês José Pereira, uma recolha de músicas e canções originais dispersas na tradição oral das várias comunidades de Goa.¹⁰⁹ Na literatura da União Indiana sobre o tema que estamos a tratar não encontramos notícia de quaisquer influências entre Portugal e a Índia, ou mesmo registos de letras em português. Existe vasta bibliografia sobre folclore, de que destacamos *Folk Lore Notes*, cujos volumes I e II se referem às regiões onde Goa, Damão e Diu se integram — Concão e Guzerate (Enthoven, 1989). Será de realçar ainda o estudo realizado por Propércia de Figueiredo (1938) *A magia do Folclore na vida da criança Indo-portuguesa* que nos fala das rondas infantis da Índia, considerando as rodas canções acompanhadas de mímica com origem nas danças rituais.

Ao falarmos de ritual não podemos deixar de referir a *chorea* ou *carola*, dança de roda que, na Idade Média, durante os serviços da Páscoa era dançada na Igreja pelos cónegos, de mãos dadas com as crianças do coro (Bourcier, 1987).

De entre os vários conceitos e ideias sobre a dança pareceu-nos que os desenvolvidos por Portinari sobre a dança folclórica serão os que melhor enquadram as actividades tratadas neste capítulo. «Dança folclórica é aquela produzida espontaneamente numa comunidade com laços culturais em

¹⁰⁹ Muitas destas recolhas fazem parte do repertório do grupo de folclore goês *Gavana*, de quem obtivemos a informação.

comum, resultantes de um longo convívio e troca de experiências; [...]»:
(1989: 268).

As actividades lúdicas que vamos apresentar e que são praticadas ainda hoje em Goa, Damão e Diu contrastam com a tradição da dança indiana, quer no ritmo, quer na forma de utilizar o corpo. Culturalmente, a dança na Índia é inspirada na actividade divina e segue quatro grandes correntes coreográficas: — *Bharat Natyam, Kathakali, Manipuri e Kathak*. Todas elas assentam na ideia de que o corpo inteiro deve dançar e quase sempre transmitir uma mensagem. Nós mesmo nos demos conta, quando assistíamos a exhibições de danças tradicionais indianas, existirem movimentos elaborados para o pescoço, olhos, boca, ombros, pés e mãos, tendo chegado a presenciar bailarinos que movimentavam separadamente cada dedo do pé. Repare-se que para as mãos há mais de cinquenta gestos simbólicos, cada um com o seu nome próprio. É interessante verificar que o ponto vital do movimento corporal se situa ao nível do diafragma.

O contraste destes tipos de dança tradicional indiana com aquelas que nós fomos recolher é de tal ordem que, ao observar estas últimas, nos sentimos tão próximos do nosso ambiente cultural, que a distância geográfica por momentos parece não existir.

A ronda assume formas de roda fechada, de círculo, ou de espiral tendo mímica e sonoridade próprias que abrangem o canto, a melopeia e até o grito. Talvez por isso, Teixeira de Pascoais na obra *Maranos X* (1911) a considerasse um *bailar* — já que se assume marcações específicas. Sonoridades e gestos tomam por vezes forma de combate ou simplesmente competição e o carácter de *Jogo Cantado*. João de Barros, em *Humilde Plenitude*, entende estas danças como «[...] Toda a infância, toda! celebrando a vida!... [...]» (1951: 185).

Por vezes o termo ronda pode ter um significado bem diferente, como, por exemplo, em Trás-os-Montes, onde era utilizado para designar um percurso, realizado de noite por rapazes, cantando e dançando, às casas de uma povoação onde viviam raparigas. Os jogos de roda, por outro lado, eram dançados por ambos os sexos, na altura da apanha da azeitona e nos domingos no adro da Igreja, como lemos em Joaquim Rebelo (1981). Neste jogo cantado, embora se continue a designar por *jogo de roda*, estava ausente a competição física. No fundo, não é mais do que um círculo de pessoas que dançam, andando na maior parte das vezes à roda e atingindo, ocasionalmente, a vertigem de uma forma frenética. Na classificação dos jogos feita por Caillois (1958), *Agnon, Alea, Mimicry e Ilinix*, é nesta última categoria (*Ilinix*) que este tipo de rodas teriam também lugar. Aqui as crianças, para lá dos aspectos já focados, buscam igualmente uma excitação de vertigem na tentativa de destruir, por alguns instantes, a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúdica uma espécie de pânico voluptuoso. Muito embora as crianças, para alcançar o emoção da vertigem, tenham que acelerar o ritmo próprio destes cantares e dançares, especialmente quando não são acompanhados de mímica.

Henry d'Allemagne (1904) considera a dança como um jogo e entende que um estudo sobre jogos deverá compreender as danças infantis como exercício físico. Nas danças infantis o autor inclui as rondas cantadas com o mesmo significado que nós lhes atribuímos neste trabalho. Chama a atenção para a antiguidade destas formas lúdicas quando nos apresenta uma gravura do século XVII, intitulada *Ronde d'enfants* e a litografia de Marlet, intitulada *La Ronde*. O autor também nos mostra os fatos que as crianças vestiam nas diferentes épocas. Este facto parece-nos de importância, dado que também os trajes nos poderão ajudar a fazer o enquadramento temporal

acontecimentos. Considerando haver poucos trabalhos tratando exclusivamente as danças, rondas e jogos cantados infantis, poderemos verificar que a maioria dos estudos que tratam os jogos tradicionais infantis inclui algumas destas actividades lúdicas.¹¹⁰

6.1 - Estudos e Nomenclaturas

Habitualmente encontramos estas actividades tratadas em trabalhos que estudam, principalmente, os jogos infantis. Vários autores apresentam estas actividades com nomes variados. Apresentamos seguidamente alguns exemplos de trabalhos estrangeiros cuja nomenclatura se assemelha às expressões portuguesas.

Recorreremos a título de exemplo à publicação da Amicale de L'ENSEP¹¹¹ (1977) *L'Activité Physique de l'Enfant*, onde as actividades lúdicas, jogo e roda cantada são designadas por *Jeux e Rondes Chantés*, incluindo nesta classificação qualquer roda, jogo, ou jogo mimado espontâneo ou ensinado, onde o gesto e o ritmo estejam intimamente ligados. Yvone Bergé (1976) refere a importância dos jogos ritmados (*jeux rithmés*) no viver do corpo, sublinhando a sua presença nas danças de folclore. Nicole e Claude Lamouroux (1977) preferem a designação *rondes et jeux chantés*. Ainda de Nicole Lamouroux com Suzanne Pesque [s.d] existe um disco intitulado «50 Rondes et Jeux Chantés. Na obra *El Folk-Lore Andaluz* (1981) Antonio Machado y Alvarez refere que em 1882 as danças de roda

¹¹⁰ Entre estes estudos, podemos considerar toda a primeira parte da clássica obra de Philippe Ariès *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime* (1973), com especial incidência para os capítulos 3 («L'habitat des enfants», pp.75-89) e 4 («Petite Contribution à l'histoire des jeux», pp.90-140), em que o autor, apesar de se centrar na realidade francesa anterior à Revolução de 1789, não deixa de traçar uma panorâmica geral europeia, da Idade Média aos tempos actuais.

¹¹¹ École Normale Supérieure d'Éducation Physique et Sportive.

infantis eram designadas *Juegos de las Ruedas*. Rosário Ortega (1992) chama-lhes *Ruedas y canciones mimadas*.

Em Portugal, na literatura preponderante sobre o tema, os autores que consultámos utilizam, também, nomes diferentes para a apresentação destas actividades lúdicas. Os exemplos abaixo indicados incluem nas suas descrições algumas das danças, rondas e jogos cantados que viemos a encontrar, ajudando-nos a melhor compreender a sua evolução.

Já no século passado, em 1883, Adolfo Coelho escreveu sobre estas actividades na sua obra *Jogos e Rimas Infantis*.¹¹²

Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral (1938) escrevem sobre cançonetas infantis. Propércia de Figueiredo (1938) considera as rodas *canções acompanhadas de mímica*.

Pires de Lima em 1943, nos seus *Jogos e Canções Infantis*, apresenta-nos, também, canções para jogos de roda. Este registo, tal como o que referimos para os jogos tradicionais, teve igualmente muita influência na continuação da prática e consequente preservação destas danças de roda na Índia. Manuel Vieira Diniz (1944) apresenta-nos a música de algumas canções de roda e suas coreografias, tendo sido a música recolhida por António Carneiro e as letras revistas pelo musicógrafo Mário Sampayo Rodrigues. Armando Leça (1942, 1949) apresenta algumas transcrições musicais e ainda coreografias; do Algarve, refere-se este autor a letras e indicações coreográficas do corridinho que, curiosamente, viemos a encontrar em Goa. Almeida Campos (1955) chama-lhes modas de roda. Ana Amaro (1972) apresenta-as como *Rondas e Danças de Roda*, acompanha-

¹¹² É de referir que a editora Relógio d'Água reeditou, em 1992, uma colectânea com os jogos e rimas deste autor.

das de uma moda e com diferentes formações. Tomaz Ribas (1982) refere, no apêndice XX — *brincadeiras e jogos bailados*, algumas destas actividades lúdicas dançadas. António Cabral (1991) inclui uma ou outra dança infantil popular no que ele chama *Jogos Populares Infantis* respeitando uma ordem alfabética e associando a sua apresentação com nomes dados aos Jogos Tradicionais. Tomé de Sousa (1986) inclui-as na categoria de jogos. Lígia Brasão [1985?] designa-as por *Brinquedos Tradicionais Cantados*, ao citar as danças infantis e suas coreografias. Graça Guedes (1991) chama *Jogos de Ritmo* aos jogos cantados e às danças de roda com ou sem mímica. Ana Batalha (1991) denomina-os *Rodas e Jogos Cantados*; Margarida Fernandes [s.d] intitula-as de *Danças e Jogos Cantados*. Mário Serra (1992), ao estudar os jogos, inclui nestes as danças de roda. Lopes Graça [1973?] em *A Canção Popular Portuguesa*, inclui uma roda cantada a que chama *canção dançada(?)*. Ao falar das *Canções e Rondas Infantis*, em 1981, o mesmo autor regista algumas rondas cantadas presentes na tradição indiana e que já não encontramos em Portugal. Clara Abreu (1991) apresenta algumas das danças por nós recolhidas, denominando-as de *Canções*. Maria Isabel Pereira (1994) chama-lhes *Rodas e Jogos Cantados*, considerando-as parte de um património expressivo rítmico das crianças, fazendo uma recolha de rodas e jogos cantados do distrito de Leiria, orientada para a temática do ensino da dança na escola. E já em 1995, Maria Conceição Rolo as inclui em *Rimas e Jogos Infantis*, tendo Maria João Pires feito a ilustração musical.

Optámos, neste trabalho, pela designação *Danças, Rondas e Jogos Cantados*, pois a *roda* é a formação privilegiada, cujas canções obrigam à mímica na *ronda* e, por vezes, tomam forma competitiva nos *jogos cantados*.

6.2 - A Memória das Danças Rondas e Jogos Cantados e os Grupos de Folclore

Quando os autores se referem à dança colectiva, esta é considerada como forma de dança já codificada onde a expressão de todos está em consonância e os deslocamentos dos participantes e a música são harmónicos. Aqui, a nível das relações, a noção do colectivo melhora e torna-se mais apurada em função das actividades propostas. As *Danças, Rondas e Jogos Cantados Infantis* contribuem para uma tomada de consciência corporal ligada ao ritmo. Nesta situação, a criança é levada a cantar e dançar em conjunto, integrando-se no grupo dos seus companheiros.

Em todos os casos, o suporte sonoro é realizado pelas crianças num prazer constante de repetição de palavras a que dão um ritmo próprio, verificando-se tanto em Portugal como em Goa, Damão ou Diu. As crianças de cá e de lá encontram, nestas manifestações lúdicas cantadas, oportunidade de se relacionar e dialogar, num prazer tão evidente neste tipo de actividades. Madeleine Abadie e Marie-Louise Madre (1976), no *Plaisir de Danser des Enfants* privilegiam este aspecto, sublinhando a alegria que as crianças sentem. Tais actividades parecem ser perfeitamente adaptadas às crianças que utilizam um vocabulário simples e os intervalos e ritmos escolhidos são fáceis de apreender. Elas ajudam as crianças a adaptar o seu ritmo próprio ao ritmo colectivo; habituam-nas a dar atenção ao ritmo musical; levam-nas a coordenar o gesto, o ritmo e a palavra; induzem-nas no *escolher ou ser escolhido* — a afectividade é uma presença. Na repetição das mesmas palavras e dos mesmos sons, em Goa Damão ou Diu, as crianças, na maior parte das vezes, não cantam senão uma lenga-lenga *mágica*, algo que lhes foi transmitido pela família ou na escola, pois o pouco domínio da língua portuguesa não as deixa, por vezes, entender o sentido.

Somos levados a crer que tal manifestação de vivência afectiva e social, pela maneira como se vestem e assumem a cerimónia que rodeia a prática destas danças, é algo muito querido a preservar.

Algumas vezes, no decurso da nossa investigação, aconteceu ouvirmos crianças a cantar perfeitamente o conhecido *Indo eu, indo eu...* Tentámos conversar com elas em português mas sem êxito — não por timidez, mas sim porque não compreendiam uma palavra da língua! Destes encontros guardámos memória no apêndice X.

Contudo, existia uma facilidade no articular cantado do português destas crianças e pareceu-nos que estas práticas as poderiam ajudar na aprendizagem de novas palavras. Graça Guedes (1991) afirma que nos jogos de ritmo a criança vai naturalmente adquirindo o gosto pela sua linguagem oral; memoriza lenga-lengas que lhe proporcionam uma lista de referências que, neste caso, a podem motivar para a aprendizagem do português.

Estas rondas cantadas, além de libertarem tensões, facilitam a comunicação entre as crianças, contribuindo para a futura integração nos grupos e nas sociedades. Parece-nos ser de relevada importância o *prazer* manifestado pelas crianças nestas actividades. Estas práticas começaram por se ligar ao trabalho, à natureza, e, em Goa, já dizia Figueiredo (1938) que elas faziam parte dos cantares no tempo das colheitas e hoje podemos acrescentar que ainda prosseguem nas idas à praia à tardinha, hábito tão usual nas gentes indianas.

Agora, tanto em Portugal como na Índia, estas práticas acontecem, quer espontaneamente nos tempos de lazer, quer motivadas pelos professores numa ou noutra escola.

Na Índia, elas fazem, ainda hoje, parte da *festa*. Em qualquer momento alto de um acontecimento festivo lá estão as crianças vestidas num hibridismo indiano e europeu de cores vivas, ou os adultos que ainda recordam essas rondas, já por vezes alteradas na coreografia ou na letra.

Esta manifestação de folclore como expressão autêntica e genuína da cultura tradicional, a saber utilizar-se, pode constituir um admirável meio para o conhecimento e pode servir de forma de comunicação não só entre regiões diferentes como até entre países distintos e distantes.

Tanto em Portugal como na Índia, poderá ser uma via pedagógica a utilização da espontaneidade da criança como meio para evoluir para formas mais elaboradas e codificadas de dança. Só depois do domínio do gesto, do espaço e do ritmo é que a criança poderá usufruir, com todo o prazer, de uma dança colectiva e, tanto as crianças de Portugal como as da Índia cantam e dançam já integradas em danças colectivas, normalmente nos finais dos anos lectivos. Embora não haja escolas oficiais de língua portuguesa, em muitas festas de fim de ano lectivo estão presentes as danças tradicionais que poderemos incluir numa linguagem cultural indo-portuguesa. Vejam-se, no apêndice Z, os *trajes típicos portugueses*, usados.

Em Portugal, as crianças dançam utilizando coreografias e trajes copiados dos grupos de folclore dos adultos (apêndice AA).

Ao falarmos de danças colectivas tradicionais não podemos deixar de referir os grupos de folclore que ainda hoje persistem em Goa e Damão. Foi quando assistimos à exibição destes grupos que nos demos conta não só das misturas fascinantes de tecidos de Portugal e luxuosas sedas da Índia, como também da mistura das coreografias, das letras e dos ritmos. Em Diu não encontramos grupos organizados como tal.

Mais uma vez recordamos o grupo Gavana que inclui no seu repertório a canção (que é também dança) mais conhecida e querida dos goeses, o *mandó*. Desta dança afirma Bragança Pereira : «Os portugueses introduziram na nossa Índia o mandó provavelmente de origem africana, pois os hindus o desconhecem. É hoje a forma popular do canto, poesia e dança, entre os indígenas cristãos [...]» (1940: 253). Nita Lupi (1956) estudou desenvolvidamente esta dança, a sua origem e a sua evolução. Pensamos, tal como a autora, que o mandó continua a transportar-nos à antiga mímica dos bailados simbólicos em honra dos deuses, revelando na maior parte dos casos uma enorme influência da liturgia católica, veiculada pelas muitas escolas de cantochão e seminários, que em Goa têm existido. A poesia do mandó está sempre impregnada de um grande conteúdo emocional. Começou por ser dançado nos salões das casas senhoriais de Goa e, com o passar do tempo, difundiu-se por todas as camadas da população católica. O Padre Tomás de Aquino, director do Gavana, informou-nos que esta dança resultou da fusão de expressão do folclore do Oriente com o Ocidente. Entende ainda que o mandó tenha um pouco do *fado*, preferindo cantá-lo em concaním, onde as influências do português ainda são visíveis; usando o sânscrito, perde-se a *lírica goesa*. Este grupo cultural de Goa também inclui temas portugueses, como fados, corridinhos ou viras, apresentados sobre a forma de rapsódias. Por vezes, também dançam marchas de S. João em apresentações públicas.

O grupo entende que um dos objectivos fundamentais é preservar aquilo que ainda resta de português na cultura e na expressão do folclore de Goa, para que não caia no esquecimento aquilo que torna Goa única na Índia. A particularidade deste grupo é que as suas actuações não se limitam

à Índia mas, em digressões pelo estrangeiro, divulgam a memória da cultura indo-portuguesa.

Também, e principalmente nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, que é a época turística alta, não faltam, na animação local, manifestações de folclore indo-português. Um dos pontos altos do passeio turístico de barco no rio Mandovi é, na ilha de Chorão, assistirmos à improvisação de um palco no próprio cais, onde um grupo de folclore nos surpreende com um *corredinho* (que é uma mistura de vira, malhão e fandango), rapsódia de cantares e bailares, onde está tão presente uma memória de um passado comum entre Portugal e a Índia. Somos levados a observar a grande necessidade das populações em manter a continuidade de uma identificação cultural através da memória lúdica. Bernardo Bernardi, na sua *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, afirma que a cultura tem uma tendência conservadora, mas que «[...] a esta tendência corresponde, e com ela contrasta, a necessidade de renovação» (1982: 66). Também nós verificámos alterações nas letras, músicas e coreografias, que não julgamos serem reflexo de falta de autenticidade, mas, pelo contrário, parecem demonstrar a existência da vitalidade de uma tradição.

Após uma pesquisa local pudemos encontrar vários exemplos de repertórios, mas achámos especialmente significativa a letra que apresentamos no apêndice BB.

Em Goa e Damão estes grupos têm um carácter de maior continuidade, mas em Diu, na comunidade católica, não há festa em que não se cantem canções de Coimbra, se dancem marchas, se mime o *Tiroliro* e se convide, entre os poucos turistas, algum português, não só para os acompanhar nas suas danças, como até para fazer um discurso na língua que ainda falam, recordando um passado hoje já desfasado da realidade portuguesa.

Foi muito grande a disponibilidade das pessoas da terra para nos fornecerem as letras das canções; tivemos também a oportunidade de participar em festas onde fizemos recolhas de imagem (ver alguns exemplos no apêndice BB) e de gravar e filmar interpretações de canções e fados portugueses, o que, à falta de estúdio, aconteceu na Igreja Matriz. Nos serões em que participámos, em Goa, Damão e Diu, era frequente os mais velhos cantarem, muitas vezes acompanhando-se à viola ou ao piano, canções tradicionais portuguesas.

Concluindo, da recolha efectuada, encontraram-se poucos estudos que tratassem especificamente destas actividades lúdicas das crianças. Aparecem muitas vezes incluídas em estudos sobre jogos tradicionais, apresentando nomenclaturas diversas.

De entre as *danças, rondas e jogos cantados*, recolhidos em Portugal e na Índia, muitas contêm ainda alguns aspectos semelhantes, mas aquelas que apresentamos, mantêm quase idênticas, as suas características.

Foi em Goa que recolhemos a maior parte das danças de roda das crianças. Em Damão e Diu ainda vimos repetição de algumas. Nas festas de fim de ano lectivo, em Portugal, por vezes, as crianças exibem as suas danças tradicionais. Embora na Índia não haja escolas de língua portuguesa, as suas festas de fim de ano lectivo, assemelham-se às de Portugal quando as crianças dançam o *vira*, o *corredinho*, ou o *malhão*. Entendemos que das danças tradicionais colectivas resta uma memória, digamos uma evolução própria, que é mantida pelos raros grupos de folclore *indo-português*.

É um facto que estas manifestações de folclore evoluíram ao longo dos tempos, distanciadas da sua origem, assumindo um carácter específico e criando assim a sua própria autenticidade. Será o conjunto dos registos das

diferentes etapas da evolução das coreografias, músicas, letras, trajes, locais, que poderá contribuir para o estudo da história do património lúdico de um povo.

A persistência destas tradições, onde a língua portuguesa se insinua, pareceu-nos também um importante veículo de comunicação.

6.3 - Recolha das Danças, Rondas e Jogos Cantados

Muitas foram as danças, rondas e jogos cantados em Portugal e na Índia que recolhemos, mas neste trabalho só iremos fazer uso das poucas que ainda são comuns. As recolhas, em Portugal, efectuaram-se em espaços exteriores, nomeadamente nos recreios das escolas eram quase sempre actividades livres. Na Índia, muitas persistem na memória, confusamente lembradas, na letra, na música, ou até na própria coreografia; as que recolhemos, foram encontradas principalmente em acontecimentos festivos dos cristãos, onde as crianças vestiam os seus fatos domingueiros. Eram no entanto os adultos quem ainda se lembrava das letras.

Recolhidas as letras, as coreografias, e as músicas, foram estas últimas ouvidas com Raquel Correia¹¹³, e analisadas as suas semelhanças e diferenças que comentaremos na discussão dos dados.

Tal como fizemos com a apresentação dos *Jogos Tradicionais*, também aqui as músicas, letras e registo fotográfico serão incluídos no texto de forma a facilitar a comparação. A ordem alfabética por que optámos respeita os títulos das *Danças, Rondas e Jogos Cantados* em Portugal, já que, em Goa, Damão e Diu, estas práticas lúdicas tomaram, nalguns casos,

¹¹³ Prof. de Ed. Musical na E.S.E.(Escola Superior de Educação) da Universidade do Algarve, mestre em Interpretação (piano).

nomes próprios embora os nomes usados em Portugal fossem ainda todos conhecidos. No que respeita aos Jogos Cantados, só um foi classificado comum a Portugal e à Índia, pelo que decidimos incluí-lo neste capítulo.

6.3.1 - Definição das variáveis constantes das fichas

- VARIANTE: modificação da letra ou de algum pormenor da coreografia, mantendo-se a identidade da dança.
- RITUAL: cerimónia introduzida na dança.

6.4 - Listagem

Ficha Nº 1	Portugal	A Menina que está no Meio
Ficha Nº 1'	Índia	A Menina, A Menina Maria
Ficha Nº 2	Portugal	Indo Eu a Caminho de Viseu
Ficha Nº 2'	Índia	Indo Eu a Caminho do Jardim
Ficha Nº 3	Portugal	Fui ao Jardim da Celeste
Ficha Nº 3'	Índia	A luzir a luzir
Ficha Nº 4	Portugal	Ora Bate Padeirinha
Ficha Nº 4'	Índia	Ora Bat'a Padeirinha
Ficha Nº 5	Portugal	Que Linda Falua
Ficha Nº 5'	Índia	Laranja, Limão
Ficha Nº 6	Portugal	Senhora Don'Anica
Ficha Nº 6'	Índia	Ora Vivam as Meninas

6.5 - Fichas de Danças, Rondas e Jogos Cantados com registo
fotográfico

PORTUGAL - ÍNDIA
Danças, Rondas e Jogos Cantados
 Estudo Comparativo
PORTUGAL

NOME: A MENINA QUE ESTÁ NO MEIO **Nº 1**

LETRA: A menina, que está ao meio,
 Está na idade, está na idade de casar* (bis) (1ª)
 Que anda a roda,
 Desanda a roda,
 Escolha o par, escolha o par que lhe agradar. (bis) (2ª)
 A ti não quero,
 De ti não gosto,
 Só a ti, só a ti eu hei-de amar. (bis) (3ª)

*Quando esta roda é feita por mais velhos acrescentam os versos:
 Olha os noivos, olha os noivos.
 Que estão fazendo lá dentro
 'Stão fazendo o penteado
 P'ra o dia do casamento

MÚSICA:

A me - ni - na que es - tá no mei - o stá na i - da - de stá na i -
 da - de de ca - sar stá na i - da - de stá na i - da - de de ca - sar.

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Roda simples fechada, uma criança no meio.

Desenvolvimento: (1º) - As crianças, de mãos dadas, rodam e cantam.

(2º) - A roda inverte o sentido, girando ao contrário.

(3º) - A criança do centro escolhe o par que lhe agrada, apontando e cantando; a escolhida passa para o centro, dançando as duas agarradas pelos braços.

ESPAÇO: Exterior **SEXO:** Ambos **IDADE:** 6/10 **ÉPOCA:** Todo o ano

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

ÍNDIA

NOME: **A MENINA, A MENINA MARIA** Nº 1'

LETRA: A menina, a menina Maria, (1º)
 Está na idade, está na idade de brincar. (bis)
 E por isso,
 Aqui na roda,
 Escolha o par, escolha o par como lh' agradar. (bis)
 Eu não te quero, (2º)
 Tu não me serves,
 Só contigo, só contigo brincarei. (bis)

MÚSICA:

A me - ni - na _____ meni-na Ma - ri - a _____ stá na i - da - de stá na i -
 da - de de brin - car stá na i - da - de stá na i - da - de de brin - car. _____

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Roda simples fechada, uma criança no meio.

Desenvolvimento: A finalidade desta dança de roda é a mesma que em Portugal, só que as meninas da roda cantam uma só vez, sem inverter o sentido desta roda (1º) e a do centro responde (2º), apontando uma a uma as crianças e, à terceira vez, é seleccionada a escolhida que passa para o meio.

Aqui não é a menina do "meio", mas a menina "Maria".

ESPAÇO: Ext./Int. SEXO: Ambos IDADE: 6/10 ÉPOCA: Todo o ano

PORTUGAL

A MENINA QUE ESTÁ NO MEIO (1)



FIG. 270



FIG.271



FIG.272

ÍNDIA

A MENINA, A MENINA MARIA (1')



FIG.273



FIG.274

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

PORTUGAL

NOME: INDO EU A CAMINHO DE VISEU

Nº 2

LETRA: Indo eu, indo eu,
A caminho de Viseu. (bis)

Encontrei o meu amor,
Ai Jesus que lá vou eu. (bis)

Ora zus, truz, truz!
ora zás, trás, trás! (bis)

Ora chega, chega, chega!
Ora arreda lá p'ra trás. (bis)

MÚSICA:



COREOGRAFIA:

Posição inicial: - Roda simples fechada em pares, de mãos dadas.

Desenvolvimento: - Durante o 1º e o 2º versos, as crianças rodam, para um lado, em pequenos saltos. Quando bisam, as crianças rodam em sentido contrário, realizando também pequenos saltos.

Quando cantam os 3º e 4º versos, continuam a rodar em passo de corrida e, no momento em que dizem *Ai Jesus*, param, baixam-se flectindo as pernas e colocam as mãos sobre a cabeça simulando um susto.

Durante o 5º verso, cada um, já em pé, volta-se para o seu par batendo três palmas.

No 6º verso, repetem o movimento para o lado oposto.

Ao cantar o 7º verso, vão para o centro da roda, dando as mãos e de braços levantados.

No 8º verso, recuam baixando os braços.

ESPAÇO: Exterior SEXO: Ambos IDADE: 6/10 ÉPOCA: Todo o ano

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

ÍNDIA

NOME: INDO EU A CAMINHO DO JARDIM Nº 2'

LETRA: Ontem à tarde indo eu,
A caminho do jardim. (bis)

Encontrei quem não queria,
Ai Jesus triste de mim. (bis)

Vai de rás, trás, trás!
Vai de ruz, truz, truz! (bis)

Ora chega, chega, chega!
Ora arreda lá p'ra trás! (bis)

Quando ia colher flores,
Ontem à minha roseira. (bis)

Encontrei uma menina,
Ai Jesus, que feiticeira! (bis)

MÚSICA:



COREOGRAFIA:

Posição inicial: Roda simples, fechada, em pares.

Desenvolvimento: processa-se do mesmo modo que acontece em Portugal, muito embora haja alguma diferença na letra.

Quando cantam: *Quando ia colher flores...*, voltam ao início do desenvolvimento.

ESPAÇO: Ext./ Int. SEXO: Ambos IDADE: 6/10 ÉPOCA: Todo o ano

PORTUGAL

INDO EU A CAMINHO DE VISEU (2)



FIG.275



FIG.276



FIG. 277

ÍNDIA

INDO EU A CAMINHO DO JARDIM (2')



FIG.278



FIG.279



FIG.280

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

PORTUGAL

NOME:	FUI AO JARDIM DA CELESTE	Nº3
--------------	---------------------------------	------------

- LETRA:** (1ª) Fui ao jardim da Celeste, giroflé, giroflá.
 Fui ao jardim da Celeste, giroflé, flé, flá.
- (2ª) O que foste lá fazer? Giroflé, giroflá.
 O que foste lá fazer? Giroflé, flé, flá.
- (3ª) Fui lá buscar uma rosa, giroflé, giroflá.
 Fui lá buscar uma rosa, giroflé, flé, flá.
- (4ª) P'ra quem é essa rosa? Giroflé, giroflá.
 P'ra quem é essa rosa? Giroflé, flé, flá.
- (5ª) É par'o(a) menino(a) ...*, giroflé, giroflá.
 É par'o(a) menino(a)...*, giroflé, flé, flá.
- * nome de uma das crianças

MÚSICA:

Fui ao jar - dim da Ce - les - te gi - ro - flé gi - ro - flá fui ao
 jar - dim da Ce - les - te gi - ro - flé - flé - flá.

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Duas fileiras de crianças, colocadas frente a frente.

Desenvolvimento: Uma fileira, cantando a 1ª estrofe, avança até à segunda e recua novamente.

A segunda fileira responde, cantando a segunda estrofe, fazendo igual movimento.

Quando cantam: *é par'o(a) menino(a) ...**, a criança mencionada recebe uma flor e passa para o grupo que a escolheu.

VARIANTE:

Posição inicial: Todas as crianças se dispõem numa fileira, à excepção de uma delas que fica de frente para as outras.

Desenvolvimento: Igual ao anterior, sendo o diálogo iniciado pela primeira criança.

ESPAÇO: Exterior **SEXO:** Ambos **IDADE:** 6/10 **ÉPOCA:** Todo o ano

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

ÍNDIA

NOME: **A LUZIR, A LUZIR** Nº 3'

- LETRA:
- | | | | |
|------|--|------|--|
| (1ª) | Debaixo, debaixo da torre, a luzir, a luzir.
Debaixo, debaixo da torre, a luzir, a luzir. | (5ª) | O que dareis vós? A luzir, a luzir.
O que dareis vós? A luzir, a luzir. |
| (2ª) | Nós queremos uma menina, a luzir, a luzir.
Nós queremos uma menina, a luzir, a luzir. | (6ª) | Um vestido de brocado, a luzir, a luzir.
Um vestido de brocado, a luzir, a luzir. |
| (3ª) | Qual de nós quereis vós? A luzir, a luzir.
Qual de nós quereis vós? A luzir, a luzir. | (7ª) | Ela diz que gosta muito, a luzir, a luzir.
Ela diz que gosta muito, a luzir, a luzir. |
| (4ª) | A menina Marcelina, a luzir, a luzir.
A menina Marcelina, a luzir, a luzir. | | |

Nota: a versão apresentada é a de uma dança de meninas. Para uma dança mista, os nomes e as prendas são de acordo com o género.

MÚSICA:

De - bai - xo debai - xo da to - rre a lu - zir a lu - zir de - bai -

xo debai - xo da to - rre a lu - zir a lu - zir.

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Duas fileiras de crianças, colocadas frente a frente.

Desenvolvimento: Tudo se passa como em Portugal à excepção de que, aqui, as duas fileiras vão ao encontro uma da outra.

Muitas vezes a oferta também é uma flor.

E tudo se processa numa repetição cadenciada e monótona, mudando só a oferta e o nome da criança.

RITUAL: Uma particularidade interessante é que na cerimónia do avançar e do recuar, as crianças se cumprimentam com uma vénia.

ESPAÇO: Ext./Int. **SEXO:** Ambos **IDADE:** 6/10 **ÉPOCA:** Todo o ano

PORTUGAL

ÍNDIA

FUI AO JARDIM DA CELESTE (3)

A LUZIR, A LUZIR (3')



FIG.281

FIG.283



FIG.282

FIG.284

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

PORTUGAL

NOME: **ORA BATE PADEIRINHA** Nº 4

LETRA: Ora bate padeirinha,
Ora bate o pé no chão.
Ora bate, padeirinha
Amor do meu coração.

Fui à fonte p'ra te ver
Fui ao rio p'ra te falar.
Nem na fonte nem no rio
Nunca te pude encontrar.

MÚSICA:



COREOGRAFIA:

Posição inicial: - Roda simples aberta em pares.

Desenvolvimento: - Cada criança vira-se para o seu par e enquanto cantam o 1º e 2º versos e bate com o mesmo pé no chão cruzando três vezes, ora para a direita, ora para a esquerda.

Quando cantam o 3º verso fazem o mesmo movimento mas trocam de pé.

Quando cantam o 4º verso cruzam as mãos no peito (abandonando o corpo numa atitude carinhosa).

No 5º e 6º versos dão as mãos e andam à roda.

No 7º e 8º versos dão meia volta e continuam no sentido inverso.

A seguir largam as mãos e repetem a dança.

Por vezes, quando batem com o pé direito e esquerdo, fazem-no voltadas para o centro.

ESPAÇO: Exterior SEXO: Ambos IDADE: 6/10 ÉPOCA: Todo o Ano

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

ÍNDIA

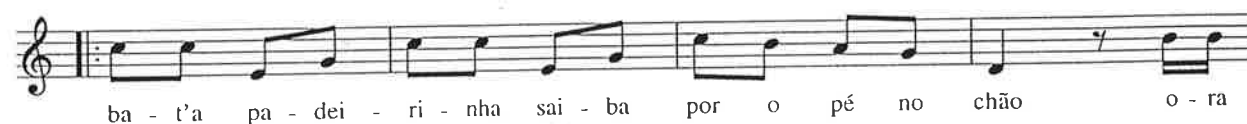
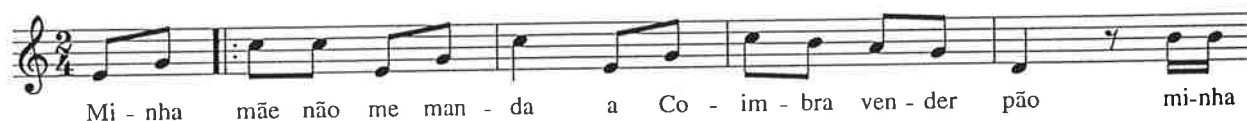
NOME: ORA BAT' A PADEIRINHA Nº 4'

LETRA: Minha mãe não me manda
A Coimbra vender pão. (bis)

Ora bat'a padeirinha
saiba pôr o pé no chão.
Ora bat'a padeirinha
Cabe no meu coração. (bis)

Fui à fonte pr'a te ver
Fui ao rio pr'a te falar.
Nem na fonte nem no rio
Eu te pude encontrar.

MÚSICA:



COREOGRAFIA:

Posição inicial: - Roda simples fechada em pares.

Desenvolvimento: - Inicia-se a dança andando à roda de mãos dadas. O desenvolvimento é semelhante ao de Portugal, mas quando os pares batem os pés dão também as mãos em "arco"; além disso, no 6º verso, cruzam as mãos no peito enquanto abanam o corpo.

ESPAÇO: Ext./Int. **SEXO:** Ambos **IDADE:** 6/10 **ÉPOCA:** Todo o ano

PORTUGAL

ÍNDIA

ORA BATE A PADEIRINHA (4)

ORA BAT'A PADEIRINHA (4')



FIG.285



FIG.287



FIG.286



FIG.288

PORTUGAL

ÍNDIA

QUE LINDA FALUA (5)

BOM BARQUEIRO (5')



FIG.289

FIG.291



FIG.290

FIG.292

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

PORTUGAL

NOME:	SENHORA DON' ANICA	Nº 6
--------------	---------------------------	-------------

LETRA: Senhora Don' Anica
 Venha abaixo ao meu jardim.
 Venha ver as lavadeiras (*)
 A fazer assim, assim.

Senhora Don' Anica
 Venha abaixo ao meu jardim.
 Venha ver as lavadeiras (*)
 A fazer assim, assim.

* Enumera-se uma série de profissões:
 carpinteiros, cozinheiros, bailarinas, etc.

MÚSICA:

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Roda simples fechada.

Desenvolvimento: As crianças em roda cantam: *Senhora Don' Anica, venha abaixo ao meu jardim. Venha ver as lavadeiras*, aqui param de rodar e imitam o gesto de lavar dizendo: *Assim, assim*.

O mesmo se passa com o resto das profissões.

ESPAÇO: Exterior **SEXO:** Ambos **IDADE:** 6/10 **ÉPOCA:** Todo o ano

PORTUGAL - ÍNDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

ÍNDIA

NOME:	ORA VIVAM AS MENINAS	Nº 6'
-------	----------------------	-------

LETRA: Ora vivam as meninas que fazem assim. (bis)
 Ora agora o estudante faz A, B, C*. (bis)
 Ora vivam as meninas que fazem assim. (bis)
 Ora agora a costureira faz assim, assim, assim. (bis)

* A mímica é substituída pelo dizer das três letras do alfabeto.

MÚSICA:

O - ra vi - vam as me - ni - nas que fa - zem as -
 sim. O-r'a a - go - ra a cos - tu - rei - ra faz as - sim as - sim as - sim.

COREOGRAFIA:

Posição inicial: Roda simples fechada.

Desenvolvimento: As crianças, tal como em Portugal vão enumerando várias profissões fazendo os gestos correspondentes.

VARIANTE:

Esta ronda também é conhecido por *Boia, Boia, Binha*. A letra altera-se como se segue, mantendo-se a coreografia.

Boia, boia, binha faz assim, assim, assim. (bis)
 Ora agora a beatinha faz assim, assim, assim (bis)

ESPAÇO: Ext./Int. SEXO: Ambos IDADE: 6/10 ÉPOCA: Todo o ano

PORTUGAL

ÍNDIA

SENHORA DON'ANICA (6)

ORA VIVAM AS MENINAS (6')



FIG.295



FIG.298



FIG.296



FIG.297



FIG.299

6.6 - Quadro de Resultados Nº 5

ANÁLISE COMPARATIVA DAS VARIÁVEIS REFERENTES ÀS DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS								
PORTUGAL	TÍTULO	LETRA	MÚSICA	COREOGR.	VARIANTE	RITUAL	ESPAÇO	ÍNDIA
1-A MENINA QUE ESTÁ NO MEIO	○(A)	○(A)	○(A)	○(=)			○(E)	1'-A MENINA, A MENINA MARIA
2-INDO EU A CAMINHO DE VISEU	○(A)	○(A)	○(A)	○(=)			○(E)	2'-INDO EU A CAMINHO DO JARDIM
3-FUI AO JARDIM DA CELESTE	○(≠)	○(≠)	○(A)	○(A)	○(□)	○(□)	○(E)	3'-A LUZIR, A LUZIR
4-ORA BATE PADEIRINHA	○(=)	○(=)	○(A)	○(A)			○(E)	4'-ORA BAT'A PADEIRINHA
5-QUE LINDA FALUA	○(≠)	○(=)	○(=)	○(=)	○(□)		○(E)	5'-BOM BARQUEIRO
6-SENHORA DON'ANICA	○(≠)	○(A)	○(A)	○(=)	○(□)		○(E)	6'-ORA VIVAM AS MENINAS
(A) -alteração (□) -existência de ritual ou variante								

6.7 - Discussão

Da leitura do quadro comparativo de resultados poderemos verificar que, de um modo geral, são poucas as diferenças relativamente às variáveis observadas.

Entendemos conveniente fazer uma comparação das variáveis determinantes das danças, rondas e jogos cantados: — letra, música e coreografia. Destacamos e comentamos as diferenças encontradas nas duas primeiras, uma vez que as coreografias se mantêm iguais. Comentaremos, no entanto, as coreografias de *Fui Ao Jardim Da Celeste* e *A Luzir, a Luzir*.

1 - Portugal *A Menina Que Está No Meio*

1' - Índia *A Menina, A Menina Maria*

LETRA A letra desta dança de roda apresenta, na Índia, pequenas alterações, sendo de referir que a expressão *está* na idade de casar, usada em Portugal, foi substituída por *está* na idade de brincar. Interrogados os informantes sobre esta alteração, foi-nos dito que «assim, é mais apropriado à idade das crianças».

MÚSICA As melodias são idênticas com alteração na primeira célula rítmica: a célula de colcheia com ponto de aumentação e semicolcheia usada em Portugal transformou-se em duas colcheias na versão indiana. Assim, essa pequena irregularidade no ritmo desta música portuguesa deu origem a um ritmo regular na Índia.

2 - Portugal *Indo Eu A Caminho De Viseu*

2' - Índia *Indo Eu A Caminho Do Jardim*

LETRA Repare-se na alteração do título que incide sobre um dado geográfico que, em nosso entender, de espaço concreto e particular de Portugal (Viseu) se transforma em espaço não identificado e de carácter mais universal (jardim); o termo *jardim* só recentemente substituiu *Viseu*, pois os mais velhos ainda se lembram de usar este último.

MÚSICA Na Índia, a melodia do 3º para o 4º tempos do 2º compasso (que corresponde a I... nho do Jar...) assim como a do 2º tempo para o 3º tempo do 4º compasso (Ai Jesus tris...) não se mantêm em uníssono como em Portugal, fazendo um intervalo de 2ª ascendente. Isto significa que a linha meló-

dica indiana tem um contorno mais ondulante e agudo do que a de Portugal, que é mais estável.

3 - Portugal *Fui Ao Jardim Da Celeste*

3' - Índia *A Luzir A Luzir*

LETRA As letras, em Portugal e na Índia, são completamente diferentes. Embora tenhamos indagado junto de muitos informantes, não encontramos explicação para a letra indiana.

MÚSICA A estrutura rítmica é igual em Portugal e na Índia, mas a melodia é diferente, tendo sofrido alterações profundas na Índia. Isto deve-se à tendência para alterar a melodia para graus conjuntos, suprimindo os intervalos entre as notas.

COREOGRAFIA As coreografias, em Portugal e na Índia, são praticamente iguais. As ofertas, em Portugal, são sempre ou uma flor, ou imaginárias. Na Índia, são muito variadas. O movimento das fileiras faz-se alternadamente em Portugal. Na Índia, o movimento é simultâneo, e a vénia no final de cada deslocação de fila acrescenta ritualidade à dança. Sendo as letras e as melodias tão diferentes, as semelhanças do ritmo e da coreografia levam à identificação imediata das duas danças.

4 - Portugal *Ora Bate Padeirinha*

4' - Índia *Ora Bat'a Padeirinha*

LETRA O texto é o mesmo, com a particularidade de, na Índia, se iniciar a dança com uma estrofe própria. Interessante é o facto de, no que se refere ao texto, em Portugal se iniciar esta dança, normalmente, com o refrão e na Índia com a estrofe.

MÚSICA Enquanto que em Portugal temos dois temas musicais, o refrão *Ora Bate Padeirinha* que alterna com as outras estrofes, tendo estas uma melodia mais aguda. Na Índia, só temos uma melodia para todas as estrofes. Para dar ênfase ao refrão, na Índia repetem-no e na parte final aceleram o andamento.

Relativamente às pautas apresentadas, verificam-se as seguintes diferenças na melodia: as figuras de semicolcheias de ora transformaram-se em colcheias na versão indiana (significando ter o dobro do tempo) cantando-se, portanto, de uma forma mais lenta.

5 - Portugal *Que Linda Falua*

5' - Índia *Bom Barqueiro*

LETRA As letras não têm diferenças assinaláveis; quer em Portugal quer na Índia, este jogo tem também os nomes de *Laranja*, *Limão*, *Quá Quá*, *Passarás...* e *Comboio*; neste caso, a cantilena é acompanhada de apitos de comboio (note-se que na Índia os comboios ainda são, na maior parte, a vapor). Em Portugal aqueles já não existem; contudo, os sons utilizados em onomatopeia são os mesmos que na Índia, o que poderá ser resultado da transmissão oral. No norte de Portugal este jogo é conhecido por *A Mãe E Os Filhos*. Repare-se nas diferenças dos nomes dos frutos utilizados que reflectem a especificidade geográfica de cada grupo.

MÚSICA Neste caso, talvez por ser um jogo cantado e com coreografias iguais, ou, por ser muito frequentemente praticado, a música mantém a mesma melodia para todas as estrofes,

quer em Portugal quer na Índia. Esta canção não vive sem a parte lúdica do movimento e não se canta isoladamente. Talvez seja por estes motivos que conservou a autenticidade da melodia.

6 - Portugal *Senhora Don'Anica*

6' - Índia *Ora Vivam As Meninas*

LETRA

Em Portugal e na Índia as letras são idênticas, diferindo apenas nos primeiros versos das quadras que correspondem aos títulos usados. Na Índia esta dança de roda toma também o nome de *Boia, boia, binha*, que nos anos quarenta ainda se usava em Portugal. Disse-nos a informante de Goa, Anita Rego, professora com mais de 80 anos, que no seu tempo sempre se chamara a esta dança Senhora Don'Anita (como ainda se usa também em Portugal), recordando mesmo a semelhança entre o título e o seu nome. Quando se diz ora agora o estudante, não se acrescenta *faz assim, assim, assim*, mas canta-se, *faz A B C*.

MÚSICA

Neste caso, o maior contraste nota-se no andamento que passou de *allegro* a *andante*. Quanto à melodia, na Índia, o intervalo de 4ª e 6ª ascendentes, que define o seu carácter, é substituído por notas em graus conjuntos, atingindo um registo mais agudo. É interessante verificar que, apesar de as melodias serem diferentes, a estrutura rítmica é semelhante. É de referir, que mesmo na época das monções estas danças de roda fazem, por vezes, parte de acontecimentos festivos de índole católica. Daí também se praticarem em espaços interiores. Embora participem ambos os sexos nestas activi-

dades lúdicas, quer em Portugal quer na Índia, nota-se uma tendência, em Goa, Damão e Diu, para que sejam as crianças de faixas etárias mais baixas, aquelas que participam mais frequentemente neste tipo de práticas.

6.8 - Conclusões

Tanto em Portugal como na Índia, a maioria das danças respeita a disposição cénica mais ancestral — *a roda* — e faz-se acompanhar de palmas, do bater dos pés, do entrelaçar de braços, do agachar, do rodopiar...

Estas actividades, em Portugal, surgem espontaneamente, no recreio da escola ou em qualquer espaço exterior, nos tempos livres das crianças, sendo estas as principais portadoras da *memória*. Na Índia, é principalmente nas festas que estas actividades ocorrem, sendo os adultos quem ajuda as crianças a recordar as palavras.

Muitas vezes a palavra que secunda a melodia transforma-se e o espaço geográfico leva a novas palavras ou novos estribilhos. A roda desmancha-se e surge a fila, a procissão, a colocação de um elemento isolado pronto a escutar e a responder. É um reviver quotidiano da tradição, preservando um património lúdico que surge da confluência destes dados comuns. Na Índia ainda hoje se dança, canta e teatraliza com as mesmas ou equivalentes palavras e marcações de Portugal.

É pelas coreografias que de imediato se identificam as *danças, rondas e jogos cantados* de Portugal e da Índia, o mesmo acontecendo com as letras pois são sempre em português. No que respeita à música, normalmente as melodias, na Índia, sofrem uma ligeira alteração, tendendo a abolir intervalos melódicos e originando linhas melódicas em graus conjuntos; no ritmo

há a tendência para igualizar a duração dos sons, o que contribui para um andamento mais lento.

Musicalmente, as interpretações que encontramos na Índia tendem a igualizar os ritmos que nas canções portuguesas são irregulares; as canções com maiores intervalos melódicos de Portugal, dão origem, na Índia, à diminuição destes intervalos. Os andamentos na Índia, ao tornarem-se mais lentos, revelam uma tendência para a diminuição do esforço vocal e corporal dos executantes.

Assim, poderemos concluir que houve, através da uniformização dos contrastes e do abrandamento dos andamentos das danças, rondas e jogos cantados portugueses, um processo de adaptação à atitude corporal, mais lenta, ondulante e também mais ritualizada das crianças indianas.

7 - FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES

7 - FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES

A presença cultural portuguesa é visível não só no património construído, nas tradições lúdicas que apresentámos anteriormente, em hábitos de comportamento social ou na culinária, mas também em determinadas tradições ancestrais. Os momentos de festa da população cristã são normalmente ligados a acontecimentos sociais e às comemorações e festas religiosas.

Recordemos a festa de S. Francisco Xavier¹¹⁴, em Velha Goa, a 3 de Dezembro, uma peregrinação que traz a Goa gente de toda a Índia e das mais diversas religiões, juntando milhares de pessoas. Compõem-se os festejos religiosos de uma novena, missa campal e visita de homenagem ao corpo do santo na basílica do Bom Jesus. Há também uma feira de grande dimensão onde acontecem práticas lúdicas semelhantes às das feiras portuguesas. É momento alargado de convívio entre cristãos, hindus e mulçulmanos, onde famílias inteiras pernoitam acampadas no recinto, para depois se juntarem na mesma fila que os conduzirá à presença do santo. É também ocasião de festim, onde o *chouriço* assado com pão constitui o prato preferido.

Outro exemplo é a festa das Fontainhas¹¹⁵, a 8 de Dezembro, onde, à noite, depois da procissão, o mundo lúdico das crianças e dos adultos toma particular importância, acontecendo uma festa em tudo semelhante às congéneres de Portugal.

¹¹⁴ Conhecido em concanim por *Goinchó Sahib* que significa o senhor de Goa.

¹¹⁵ Bairro de Pangim, antigamente conhecido por *bairro dos fidalgos goeses*, onde o espaço urbano é muito propício à prática de jogos e brincadeiras das crianças.

Referência especial merecem também as comemorações do Carnaval pelos cristãos, que têm uma festa distinta da do *Holly*¹¹⁶ hindu. Bragança Pereira (1940) referia os *brincos*¹¹⁷ e também inúmeras práticas lúdico-desportivas, como o *hatpaiqui* ou jogo do pau que já não encontramos.

Este assunto merecerá um estudo próprio, pois é nestas ocasiões que muito da tradição herdada da cultura portuguesa se manifesta. E julgamos mesmo que existe material em abundância para comparação, pois em Portugal acontece uma prática intensa de actividades lúdicas por ocasião de algumas festas religiosas que visitámos no norte do País. Pierre Sanchis fez um estudo das romarias portuguesas que pensamos constituir um itinerário valioso, concluindo que «[...] as festas podem tornar-se num lugar privilegiado de recuperação da autonomia popular e de autogestão do imaginário constituinte» (1992: 335).

7.1 - Chegas de Bois e Marradas

Na metodologia que apresentámos, para lá das recolhas que rigorosamente determinámos (cap.3), a nossa investigação incluía igualmente o manter sempre desperta uma atenção ao imprevisto. E foi numa dessas situações que descobrimos, casualmente, em Goa, uma manifestação lúdica, resíduo de uma tradição ancestral semelhante à *chega de bois*, ainda frequente nas terras transmontanas de Portugal. Trata-se das *marradas*, uma luta de bois ou búfalos denominada de *dhiri*¹¹⁸ em concanim.

¹¹⁶ Carnaval hindu.

¹¹⁷ Grupos de populares mascarados.

¹¹⁸ Também conhecida pelo plural *dhirió*.

Jamais tínhamos imaginado que as nossas vivências de infância iriam a ser reavivadas nestas terras longínquas. Num domingo, e no meio de um percurso, demos connosco impedidos de prosseguir caminho, barrados pela excitação de uma multidão que gritava e gesticulava, ouvindo-se incitações à luta. Quisemos ver. Perguntámos o que estava a acontecer e encontrámo-nos perante uma antiga recordação tão presente (devida ao medo que nos inspirava em criança): era uma *marrada*. Preparámo-nos para fotografar e filmar. Por causa deste acontecimento, viemos a verificar que esta *luta*, estranhamente chamada de *desporto*, persiste ainda hoje tanto nas terras transmontanas de Portugal como em Goa, numa ritualidade constante.

A investigação de campo nos dois locais baseou-se em entrevistas e recolha de material fotográfico e vídeo, constituindo o ponto de partida para uma investigação bibliográfica.

Em Portugal, António Fontes (1992), ao abordar as crenças e tradições do Barroso, descreve as chegadas de bois tal como nós tínhamos observado. João Fatela (1989) dedica-se ao tema no capítulo «Violência lúdica, violência ritual», do seu livro *Sangue e a Rua*.

Por outro lado, o simbolismo do touro é largamente analisado por Fernando Teixeira (1994: 123) que também se refere às *achegas de bois* transmontanas. Curiosamente, também Osório de Andrade lhes chama *achegas de bois* (1991: 3).

Bento da Cruz (1974) chega mesmo a descrever minuciosamente tudo o que se relaciona com este ritual.

Na Índia, além da recolha de campo, ainda encontrámos o assunto em alguns artigos de jornal. Nora de Sousa [1987?], por exemplo, descreve as chegadas de bois por ocasião das festas católicas goesas e a revista *Goan Holiday* refere o *dhiri* como uma das grandes atracções turísticas da região.

As marradas, «[...] em todo o sub-continente, são únicas de Goa. Elas têm sido parte das festas de aldeia desde os dias dos Portugueses» (1991: 36).

Em Portugal, esta actividade lúdica tem vindo a manter-se, resistindo às proibições das pastorais diocesanas de 1755¹¹⁹ e às constantes críticas da Igreja. O abade de Baçal refere-se a uma carta de 1825, em que o bispo de Bragança e Miranda protesta contra o *jogo das lutas*¹²⁰. D. Agostinho de Jesus e Sousa refere com indignação nas suas cartas pastorais (1937, 1943) a violência que, por vezes, surge nos ajuntamentos nocturnos a seguir às festividades (em Sanchis, 1983). A festa de touros resistiu também à aversão de Pina Manique (Teixeira 1994) e, finalmente, à pressão exercida pela Sociedade Protectora dos Animais. A este propósito, lembramos que em 1989 o deputado europeu alemão Schmid chamou a atenção para o facto de a Comunidade Europeia não ter previsto, nem no *Tratado da CEE* nem no *Acto Único*, matérias concretas relacionadas com a protecção dos animais (em Villa, 1993).

Nas festas e romarias no concelho de Bragança e na zona do Barrosão, tem vindo a ressuscitar esta forma de *recreio lúdico* do maior agrado das populações.

Não há festa do Divino Senhor da Agonia dos Chãos, do Santo António do Coelhooso e do Santo Amaro de Vilarinho da Cova da Lua, em que o ponto alto não seja a *chega de bois*. Das redondezas chegam pessoas que percorrem, muitas vezes a pé, qualquer distância para assistir a uma *chega*. «Mais do que o moinho, o forno ou os próprios baldios, “o boi do povo” é a mais límpida expressão do comunitarismo barrosão [...]» (Fatela,

¹¹⁹ Pastorais de D. Frei João da Cruz de 20 de Maio e 18 de Dezembro, in Francisco Alves (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, 1910. Tomo II.

¹²⁰ Francisco Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Porto, 1931. Tomo VII.

João 1989: 131). Durante vários anos o touro é principescamente tratado e alimentado por toda a comunidade, onde não falta um *segredo* caseiro, muito especial: as sopas de vinho doce ou de cavalo cansado. Os tratadores estão atentos ao crescimento do boi que virá a defender a *honra da terra*. Faz-se segredo da ração que cada comunidade dá ao seu boi. Dão-se nomes aos lutadores - *o Cordeiro, o Amarelo, o Gancho, o Preto* - e faz-se constar a sua fama e valentia em todos os cantos da região. Já nas recolhas feitas na zona de Bragança, observámos que o boi é, usualmente, propriedade privada e não um bem de toda a comunidade, continuando, no entanto, a representá-la nas lutas entre aldeias. Por vezes, fica latente a rivalidade entre as comunidades, que, ao regressarem às suas casas, e já depois de algumas paragens para festejar a vitória ou esquecer a derrota, se envolvem em acesas disputas. De acordo com a descrição de Bento da Cruz em 1974, as apostas ainda eram pagas em géneros ¹²¹.

As lutas de bois iniciam-se no Verão, época das festas e romarias, sendo o mês de Agosto a temporada mais importante. Talvez o aumento sazonal da população, devido ao retorno estival dos emigrantes, contribua para o facto. Assim, chegada a data dos duelos, provoca-se o encontro dos bois, em terrenos descampados e equidistantes das povoações envolvidas. Os bois confrontam-se e, do resultado da luta, advém o maior ou menor prestígio para a respectiva comunidade.

A este propósito, Miguel Torga, no *Diário X*, escreveu em 1967:

Atrai-me esta amplidão pagã, sinto-me bem a pisar um chão em que o deus vivo de ricos e pobres, de alfabetos e analfabetos, é o toiro do povo. Um deus de cornos e testículos, que, depois de cada chega e de

¹²¹ Veja-se o apêndice DD em que transcrevemos de «"O Boi do Povo" e as "Chegas" do Barroso» de Bento da Cruz, (1974).

cada vitória, a gratidão dos fiéis cobre de palmas, de flores, de cordões de ouro e de ternura [...] Um deus a quem se dão gemadas e cerveja para que possa inundar as vacas de sêmen, as moças de esperança, os moços de certeza e a senilidade de gratas recordações. Um deus eternamente viril, num paraíso sem pecado original.

Miguel Torga (1968: 159)

Já no *Diário XVI* (1993) volta ao assunto em 1991, comentando a degradação e descaracterização do ambiente etnográfico com a comercialização das chegadas. Também nos demos conta desta evolução. No entanto, em 1994, ainda pudemos entrevistar o senhor Adalberto que, em Macedo de Cavaleiros, se mostrou orgulhoso dos seus bois, afirmando: «não são as apostas que me entusiasma, mas sim a vaidade que eu tenho no meu *Gancho* que já ganhou 37 lutas seguidas». Foi com enorme empenho que nos mostrou o seu boi e os prémios que com ele ganhou (apêndice EE).

Também nos confessou que as chegadas nocturnas, no Barroso, são muito apreciadas por serem as mais perigosas.

O segredo da preparação do vencedor, por mais que insistíssemos, ficou envolto em mistério, embora ficássemos a saber que o boi era untado com uma substância mal cheirosa para afastar o inimigo (curiosamente, em Goa, os bois são pintados com marcas vermelhas para afastar os maus olhados). Além disso, o animal é mantido isolado e no escuro, antes da luta, para ficar mais bravo. Os cornos do touro são afiados. As rações são especialmente confeccionadas com tudo o que a crença popular conota com força, masculinidade ou bravura.

No que respeita a Goa, conversámos com pessoas idosas das aldeias e com os organizadores destas manifestações; fomos a Taleigão, local onde há mais tempo se praticam as *marradas* e onde o médico Ramígio Pinto é tido como o impulsionador do seu incremento. Procurámos assistir por todo o

Estado de Goa a estas manifestações. Quer nos documentos escritos, quer nos depoimentos orais, a tradição diz que a origem deste *desporto* vem do tempo dos portugueses (Sousa, [1987?]). Os *dhirió* são manifestações lúdicas de que não encontramos referências no resto da Índia. No artigo «Dhirio!» da revista *Goan Holliday*, editada por Ashwin Tombat, diz-se que «[...] Bullfights, or *dhirio* as they are known locally, are unique to Goa on the sub-continent.» (1991: 36).

Afirmam os populares que a parte essencial de todas as festas da igreja de Goa (os cristãos são os grandes entusiastas destas manifestações), são as *marradas*.

Tal como em Portugal, houve uma altura em que «Bullfighting was [...] prohibited by Christian Church and many attempts were made by several Popes who placed its adherents under the ban of excommunication, but with little results.» (Sousa, [1987?]: 44). Diz ainda esta autora que antigamente em Goa eram os pastores os actores principais na sua organização; mesmo quando guardavam os seus rebanhos, dedicavam parte desse tempo à preparação dos *dhirió*. Actualmente é nas aldeias de Taleigão e Vernã que se inicia a época das *marradas* no Dia da Espiga, que em Goa é festejado em 21 de Agosto. É feita uma grande publicidade nos jornais e folhetos avulsos e há quem se encarregue de anunciar, de aldeia em aldeia, a notícia tão esperada. É curioso verificar que a publicitação recorre a meios muito semelhantes em Goa e em Portugal, tais como, anúncios na Rádio e na Imprensa e cartazes publicitários. O apogeu destas manifestações é em Agosto; curiosamente, é nesta mesma época que acontecem também em Portugal; em Goa, só com a vinda das chuvas é que diminuem os *dhirió*.

Os bois escolhidos, provenientes quase sempre do Estado vizinho de Marahastra, são invariavelmente de linhagem bem conhecida e, quando

jovens, são marcados a ferro; mais tarde, a sua coragem é testada e aqueles que mostram espírito de luta são submetidos a um treino especial. Quando chegam à idade adulta, saúde, peso, cor, forma dos cornos, etc., são objecto de atenta observação. A selecção dos bois para o *dhiri* é considerada uma arte, dando-se atenção especial às mãos e pernas fortes e à corpulência. O poder de lutar, segundo nos confessaram, vem de uma dieta em que o secretismo das poções fortificantes e da alimentação faz parte, tal como em Portugal, dos cuidados dos tratadores. Conseguimos apurar alguns ingredientes dessa dieta cuja base é o milho, incluindo ainda trigo, grão de bico, bolos de óleo, erva, feno e legumes. Tal poção, dizem, será suficiente para fazer o sangue *ferver*. Os bois estão prontos para a luta quando têm cinco anos. Tal como em Portugal, cada lutador tem o seu nome próprio de acordo com a sua natureza — *Ben Hur* e *Bruce Lee*; *Sansão*, *Rajá* e *Foguetão*; *Kalu* ou *Lardó* (preto ou sem rabo); *Pacló* (alcunha que em Goa têm os portugueses). À mistura aparecem frequentemente nomes portugueses como o *Real Xavier*, *Pinto*, *Rodrigues*, ou *Silva*..

Os *dhirió* começaram por ser lutas de ocasião, preparadas para entretenimento festivo mas, nas últimas décadas, tanto a *chega* como a *marrada* tomaram, em alguns casos, um carácter profissional. Em Goa alguns campos das aldeias foram mesmo substituídos por estádios de cidade. Gostaríamos de referir, no entanto, que, na aldeia de Taleigão, perto de Pangim, as *marradas* têm uma das mais longas tradições no festival das colheitas. Aqui as lutas são basicamente não profissionais e a entrada é livre.

As lutas de bois têm sido tradicionalmente misturadas com lutas de búfalos; umas e outras são igualmente apreciadas. Mas se os *dhirió* de Taleigão se caracterizam pela tradição do ritual e como entretenimento, já

noutros locais, como em Goa Velha (perto das Mercês), multidões são atraídas, pagando-se a entrada a 10 ou 15 rupias¹²² e os lances das apostas chegam a dar um prémio que poderá ir de 5.000 a 19.000 rupias, de acordo com a reputação e com o *curriculum* dos triunfos do boi. As apostas são todas em dinheiro. Assistimos à troca de grandes maços de notas. Em Portugal, não são as rupias mas sim os escudos que chegam a atingir somas consideráveis: uma única pessoa chega a apostar cem mil escudos.

Em Goa, existem alguns organizadores deste espectáculo com ocupação a tempo inteiro. Crescem em fama as lutas organizadas pelos irmãos Caiado de Goa Velha, os Botelhos de Vernã, os irmãos Dourado em Margão, os irmãos Dias em Santa Cruz, os Gomes nas Mercês; além dos cristãos que referimos, há também hindus criadores de bois lutadores, como Ganpat nas Mercês ou os irmãos Pankot em Agassaim. Todos estes nomes são garantia de um bom espectáculo. As pessoas deslocam-se a pé, de camioneta, *rickshaw*, por vezes até vão de táxi (transporte considerado caro para a bolsa comum indiana), na procura de excitação e divertimento. Uma *marrada* junta pessoas de locais diversos. Partilham-se piadas e comentam-se acontecimentos sociais. Começa a festa e o medo também se aproxima. Os mais barulhentos são os jogadores que fazem apostas e, quase sempre, se desencadeiam discussões sobre o possível vencedor.

Após a tensa preparação do último minuto, os adversários são levados para a arena perante a impaciência dos espectadores que irrompem em grande berraria. Os dois bois ou búfalos ficam por momentos a olhar um para o outro, e começam a levantar a poeira com as patas dianteiras e, muitas vezes, enfiam os cornos no chão. Procuram o seu lugar, a *querença*, como é chamado. Subitamente *carregam*, ouvindo-se o estrondo da pancada

¹²² Cada rupia equivalia, à época, cerca de 6 escudos.

das duas cabeças. A multidão manifesta-se com gritos e berrarias, enquanto os bois se enfurecem e lutam para alcançar a vitória. Por vezes, soltam-se das cordas que os seus tratadores seguram; a multidão foge, uns para zonas mais altas, outros subindo aos coqueiros; a paliçada que limita a arena é desfeita nalguns lugares, ficando o público quase sem protecção. Os bois voltam a encontrar-se e reinicia-se nova luta, cornos contra cornos. Às vezes passa-se muito tempo nesta luta sangrenta, até que, subitamente, um dos animais, exausto, é forçado a ajoelhar perante o adversário. Desfeito, foge para longe da arena com o inimigo em activa perseguição (veja-se a semelhança destas lutas com as de Portugal nas figuras das páginas seguintes).

PORTUGAL

CHEGAS



FIG.306



FIG.307



FIG.308

ÍNDIA

MARRADAS



FIG.309



FIG.310



FIG.311

Assim se define o vencedor; os que nele apostaram e aqueles que pertencem à aldeia triunfante, enchem-se de um entusiasmo tal que são levados a manifestações exuberantes, quer de ordem corporal, quer a nível da oralidade.

Acabado o *dhiri*, os aldeões regressam a casa muito animados, parando no caminho em várias tabernas para partilhar a vitória bebendo um copo de *fenim*¹²³.

Muitas vezes, tanto em Portugal como em Goa, a *chega* e o *dhiri* terminam em ambiente de pura excitação; ainda que, por vezes, os bois fiquem muito feridos. Em Goa, as cinzas são o remédio mais usado para tentar suster as hemorragias. Em Portugal, é com a água de malvas que se tratam as feridas. Também de entre a multidão uma ou outra pessoa é, às vezes, transportada para o hospital.

Esta luta parece ser a concretização do que Edgar Morin designa por «[...]dimensão ritualista ligada ao sagrado» que «[...]em todos os grandes momentos do ser humano, individual ou colectivamente, acaba por se impor» (em entrevista dada a Schwarz *et al.*¹²⁴, (1993: 80). Mircea Eliade (1952, 1965, 1975) é o autor que, pelo conhecimento que tinha da Índia¹²⁵ (ao tempo da administração inglesa) e pela importância que dedicou à ciência das religiões, ao estudo do sagrado, do simbólico, dos mitos e dos ritos, nos ajuda a compreender o significado destas manifestações em que o sagrado e o profano se misturam. Augusto Mesquitela Lima (1994) considera o *mito*, o *rito* e a *feira* como elementos de estudo essenciais à compre-

¹²³ Aguardente de caju ou de coqueiro.

¹²⁴ Fernand Schwarz, Gilbert Diran, Edgar Morin...

¹²⁵ M. Eliade (1907-1986) viveu na Índia de 1928 a 1931, onde estudou o *sânscrito* e a filosofia indiana na Universidade de Calcutá, tendo feito um doutoramento sobre *Yoga*.

ensão de qualquer cultura. Roger Caillois (1979), quando trata da teoria da festa, associa-a ao *sagrado da transgressão*.

Através do combate entre animais — transposição simbólica do combate entre aldeias «[...] a comunidade procura apropriar-se do território da outra simbolizado no que esta tem de mais prestigioso — o boi — para consolidar a sua identidade» (Fatela, 1989: 131-132), parecendo que através da violência física e ritual se reforça a identidade e a coesão comunitárias.

Os participantes de um ritual partilham experiências, seguindo uma sequência mais ou menos ordenada do acontecimento lúdico, definindo espaços territoriais (Lévy-Strauss, 1960).

A estrutura do espectáculo é a mesma, tanto em Portugal, como na Índia:

- a chegada do público e a escolha dos *melhores* lugares;
- a entrada dos lutadores;
- a definição dos territórios;
- a avaliação mútua;
- a luta;
- a fuga e a perseguição;
- a vitória e a derrota;
- a comemoração.

A última *marrada* a que assistimos em Goa foi em Setembro de 1991; dela apresentamos uma descrição onde se refere a crescente importância que o factor comercial vai tomando (apêndice FF)¹²⁶.

¹²⁶ Descrição que fizemos de uma *marrada*, nas Mercês, Goa, em 1991.

7.2 - Outros Aspectos do Ludismo Adulto

Ao descobrir esta semelhança nas *Chegas e Marradas*, entendemos que era de ter em consideração outros aspectos do ludismo adulto, procurando em Damão e Diu e em Portugal actividades lúdicas idênticas. Efectivamente, em Portugal, jogos com touros — *capeia raiana* — são também praticados nas terras fronteiriças do Sabugal (Tavares, 1985). Curiosamente, também têm lugar no Verão e é fundamentalmente a festa dos rapazes solteiros (Serra e Veiga, 1986) neste caso é mais um jogo de forças entre o touro e uma equipa coesa de moços corajosos e atrevidos. O embate dos rapazes com o boi dá-se através de um *forcão*, tipo de forquilha gigante feita de madeira de carvalho, onde o touro investe. Os rapazes tentam aguentar firmes, evitando que o animal levante o pesado madeiro que os defende das arremetidas.

Ainda hoje a festa de touros é uma presença cíclica em algumas regiões do país: as touradas à corda nas ilhas dos Açores, as largadas em Vila Franca de Xira, a *capeia raiana* que já referimos — a que Osório de Andrade (1991) chama um repositório do inconsciente colectivo — e através da qual as populações parecem conseguir harmonizar o sagrado e o profano. Muito embora não tivéssemos encontrado semelhantes actividades em Goa, Damão ou Diu, estas lutas de bois ou com bois de Portugal foram objecto de viva curiosidade por parte de alguns goeses.¹²⁷

Na literatura consultada sobre jogos com animais, na Índia, só em Damão é que verificámos ter existido um diploma legislativo¹²⁸, que estabe-

¹²⁷ Fomos solicitados para fazer uma conferência em Pangim sobre o tema (1991) e, também, para uma entrevista à All India Radio no mesmo ano. Estas acções foram momentos valiosos de contacto com as populações locais, tendo-nos possibilitado a necessária aproximação, tão importante para qualquer recolha etnográfica.

¹²⁸ Diploma Legislativo nº438 publicado no Boletim Oficial do Estado da Índia de 26 de Agosto de 1930 - nº68 (apêndice GG).

lecia a concessão, por prazo limitado, « [...] do exclusivo da indústria desportiva de "Corridas de Galgos" nas aldeias de Catriá e Marvor do concelho de Damão». Considerava-se este concelho uma *estação de repouso ou de turismo* e, conseqüentemente, era-lhe concedida a autorização exclusiva de corridas de galgos. Ao mesmo tempo, era proposta a construção de hotéis de luxo; estabelecia também regras de pagamento, impostos a aplicar, etc.; este diploma era assinado pelo Governador Geral, João Carlos Craveiro Lopes.

Não encontramos em Damão nem vestígios de canídromos, nem de hotéis de luxo. Como a corrida de galgos não se insere nas tradições portuguesas, também entendemos não ser importante aprofundar o seu estudo.

Do objectivo deste trabalho faz parte, fundamentalmente, a procura de tradições populares semelhantes em Portugal e na Índia. Não resistimos, no entanto, à tentação de descrever um macabro jogo, realizado no S. João, jogo em que também só os cristãos participam. Afirmam os populares de Tiracol (situado no extremo norte de Goa, junto à costa) que este jogo se realiza desde a estada dos portugueses. Não descobrimos a sua origem, mas embora a sua existência seja geralmente negada, continua a ser ainda hoje uma tradição com muita vitalidade.

Numa das nossas estadias em Goa, tivemos acesso à revista *The Illustrated Weekly of India*, onde Maneka Gandhi (1989) descrevia este ritual, apelidando-o de sangrento canibalismo. Isso despertou-nos a atenção. As famílias goesas, principalmente as que ainda falam o português, não apreciaram de todo esta descrição, afirmando mesmo que tal manifestação não acontecia. Movidos pela curiosidade e pelo insólito do acontecimento, voltamos a Tiracol, onde já tínhamos recolhido jogos tradicionais de

crianças mas sem ter sido na época em que este ritual se realiza; fomos informados que, por determinação episcopal, o jogo tinha sido proibido nesse mesmo ano (1991), não se opondo, contudo, a Igreja a uma simulação do mesmo.

Tudo se passa por altura do S. João. Não há sombra de palmar que não seja ocupada por um engenho de moer e alambique utilizados para o fabrico de *fenim*. Apanham-se os cajus que são lançados em grandes cubas, onde começam a fermentar e, com as suas emanações, o ambiente torna-se embriagador. Então, no dia de S. João, lá mais para a tardinha, jovens adolescentes pintam-se de tigres com cores berrantes.



Fig. nº 312 - Os *tigres* mordendo o leitão¹²⁹

Roubam um leitão e largam-no em grande berraria no meio da multidão; um ritmo muito marcado por tambores acompanha esse ritual. Inicia-se

¹²⁹ Foto retirada do artigo «Bloodbath» de Maneka Ghandi publicado na revista *The Illustrated Weekly of India* (1989).

então um animado bailado, de vez em quando interrompido para uma golada de *fenim*. Os participantes no ritual partilham experiências através dos sentidos; representam uma sequência mais ou menos ordenada de acontecimentos lúdicos; é escolhido o território próprio junto ao rio Tiracol e dá-se início ao estranho ritual. O leitão é preso a uma árvore. Ouvem-se os grunhidos e, morto de susto, aguenta as dentadas dos *tigres*, que lhe vão arrancando a pele até ele morrer. Tudo isto se passa num ambiente de euforia desmedida. E, à noite, alguém cozinha um *vindalho* (prato guisado característico de Goa) com a vítima que, assim, é partilhada por todos. A festa termina com uma purificação final — um banho no rio Tiracol.

Conseguimos apurar, junto do pároco e de alguns intervenientes, que, aparentemente, tinha sido acatada a determinação do episcopado que anteriormente referimos. O leitão passou a ser substituído por uma réplica feita de pano, devendo passar-se tudo num ambiente de simulação. Numa conversa mais íntima, facilitada pela comunhão do falar Português, alguns dos rapazes confessaram-nos que, pela tarde de S. João, tudo se passava de acordo com o que era permitido mas que, pela calada da noite, não resistiam a cumprir o ritual *verdadeiro*.

A idade dos participantes sugere-nos a presença de um ritual iniciático da adolescência. Para Edgar Morin (em Schwarz *et al.*, 1993) «[...] os ritos de iniciação ou de passagem operam uma mutação cultural, isto é, transformam a criança em adulto. São ritos que compreendem provações» (1993: 79). O uso do álcool, a cadência musical e a dança podem levar a uma exuberância quase orgiaca e parecem conter uma carga mítica de libertação de energias reprimidas pelas regras sociais, situando-se «[...] no limite entre o mágico e o religioso» (Cazeneuve, 1971: 315).

Também Moisés Espírito Santo refere a indignação manifestada pelo clero das cidades do Norte de Portugal quando fala dos abusos praticados nas festas de S. João. Segundo este autor, «o seu culto associa-se a motivações eróticas ou mesmo a verdadeiros deboches» (1990: 124).

Nas terras do Barroso e no mesmo dia de S. João, os adolescentes, homónimos do santo, praticam um ritual centrado no corpo: rebolam-se «nus, em campos de linho, para ensinar a talhar as camisas, às mulheres e não lhes dar a sarna. [...] Antes do nascer do Sol, todos se vão lavar ao tanque ou fonte que apanhou o orvalho de S. João.» (Fontes 1992: 195).

Mas mais interessante ainda é a descrição que fez Teófilo Braga no século passado da corrida do porco preto que se realizava em Braga: «Na alvorada de S. João, depois das cavalhadas iam soltar o porco do alto do Picoto, correndo atrás dele, e se passava a ponte pertencia então à gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros» (1986: 212).

Muito embora com grandes diferenças, estas práticas lúdicas, quer em Portugal quer na Índia, têm em comum o serem actividades predominantemente corporais, utilizarem o mesmo animal como instrumento do ritual e acontecerem no mesmo dia; lembremos, a propósito, o artigo de Alzira Simões sobre o corpo e o porco; baseia-se a autora na ideia de que talvez os provérbios contenham em si a força do conhecimento transmitido oralmente de geração em geração:

- a) se queres conhecer o teu corpo, mata o teu porco*
- b) se queres conhecer o teu corpo, abre um porco*
- c) se queres conhecer o teu corpo, abre o teu porco*
- d) quem quer ver o seu corpo, mata o seu porco*
- e) mata o teu porco se queres ver o teu corpo*

(1995: 102)

Estes provérbios têm, no nosso entender, muito a ver com o ritual que descobrimos em Tiracol.

7.3 - Conclusões:

Do que investigámos e, fundamentalmente, do que nos foi permitido observar, basta-nos fechar os olhos, esquecer os sons diferentes, os cheiros característicos, as diferenças de temperatura entre Portugal e Goa, e, encontramos-nos perante uma semelhança de costumes facilmente identificáveis. Não fora a constituição diferente dos bois e das paisagens, a semelhança das imagens deixar-nos-ia na dúvida sobre o espaço geográfico em que estas lutas estavam a acontecer. Tanto em Portugal como na Índia, estas lutas já foram proibidas, mas elas continuaram pelo tempo, apenas diferenciadas no espaço. Igualmente evoluíram de uma forma de puro entretenimento, para, progressivamente, tomarem feição mais profissional, iniciando-se até na mesma altura do ano. No meio de coqueiros em Goa, ou num descampado em Trás-os-Montes, elas continuam a ser um grande atractivo para as populações. Muito embora em continentes distintos, no que respeita ao *sítio* da luta, tanto em Portugal como em Goa, os bois, à semelhança do que acontece nas touradas, fixam-se num determinado lugar para lutar — a sua *querença* — que parece ser ubíqua.

Tanto em Portugal como na Índia, estas lutas parece contribuir para o enriquecimento da vida social das aldeias, prolongando-se a festa em comemorações da vitória ou apaziguamentos da derrota. Estes combates seriam talvez uma metáfora das lutas entre comunidades na busca da consolidação da sua identidade. Hoje, *chegas* e *marradas*, tomando um carácter mais comercial, tenderão a transformar-se mais em espectáculo e menos em mito ritualizado.

Relativamente aos festejos de S. João, embora as práticas dos rituais existentes em Portugal e Goa sejam diferentes, será de destacar a coincidência do dia do ano — S. João, a idade dos rapazes e o animal utilizado. No entanto, será de referir o intenso envolvimento corporal e o carácter de transgressão das normas sociais dessas actividades, assim como a ritualidade que envolve o banho purificador. Estes acontecimentos lúdicos, em que o sagrado e o profano coexistem de um modo profundamente enraizado, resistem, apesar da crença católica, às proibições e mesmo às ameaças de excomunhão da Igreja.

8 - CONCLUSÃO

8 - CONCLUSÃO

A nossa vivência de um mundo lúdico em criança, a verificação da existência de influências mútuas entre a cultura portuguesa e a indiana acrescidas dos conhecimentos que nos foram transmitidos pelos autores consultados, constituíram a base em que assentou todo o nosso trabalho.

Da análise comparativa e qualitativa que elaborámos, resultou uma discussão, baseada nos resultados obtidos, quer em Portugal quer na Índia, em que a observação participante e o método comparativo foram os instrumentos privilegiados. Em Goa, Damão e Diu aconteceu um ritual de troca de prendas que teve uma importância fundamental para a aproximação dos informantes; as crianças e os idosos foram as nossas principais fontes de informação, não só para a recolha, mas também para a confirmação dos dados, tendo sido muito positiva a nossa participação em manifestações sociais e religiosas.

Foi dada grande importância à fotografia, aos registos audio e videográficos e à recolha de materiais como meios para preservar o património lúdico.

O estudo enquadrou-se em contextos geográficos situados em continentes distintos, mas com uma forte influência sócio-cultural portuguesa, desenvolvida desde 1498 até à integração dos territórios de Goa, Damão e Diu na União Indiana, em Dezembro de 1961.

A influência da religião cristã e dos costumes portugueses é ainda muito marcada nas populações de Goa, Damão e Diu, sendo, no entanto menos presente entre os hindus e os muçulmanos. O sistema de castas foi mesmo abandonado pelas populações de Damão e Diu, cuja conversão ao cristianismo foi voluntária. Houve, ao longo da História, encontros e desencontros, tendo havido mesmo um corte de relações diplomáticas entre Por-

tugal e a União Indiana entre 1954 e 1975. Hoje, vive-se um clima de reaproximação, entre Portugal e Goa, Damão e Diu, facilitador do conhecimento das influências mútuas das suas culturas ao longo de tantos séculos. Ficaram, entre outras, as vivências lúdicas que foram o objecto deste estudo. A língua portuguesa que sempre serviu como veículo de comunicação, está em vias de se perder completamente na Índia. O facto de existirem várias línguas nativas, para além da língua oficial — o inglês — determina por vezes nomes distintos para as mesmas tradições lúdicas; as palavras em *concanim* são diferentes de *concelho a concelho*, existindo ainda influências linguísticas dos estados vizinhos. Tanto a língua de Goa — o *concanim* — como a de Damão e Diu — o *guzerati* — utilizam, na sua escrita, o alfabeto *devanagri*, oriundo do *sânscrito*. As transcrições para a escrita com alfabeto latino são, normalmente, improvisadas, não havendo uma versão oficial.

No que respeita à recolha dos jogos tradicionais, estivemos sempre conscientes do carácter universal das práticas lúdicas que as crianças livremente escolhem, à medida que vão atingindo os diversos graus de maturação de seu desenvolvimento. Agrupámos os jogos recolhidos de acordo com a dominante corporal utilizada, sem perder de vista a unidade global da pessoa. Relativamente à sua prática, é muito frequente na Índia o uso dos adros das igrejas; a organização dos espaços urbanos facilita, com a criação de zonas tranquilas, a utilização pelas crianças das ruas, largos e praças, para os seus jogos. Da abordagem que fizemos ao estudo dos espaços lúdicos ressalta a importância do *sítio do jogo*, merecendo especial atenção os *sítios* que as crianças elegem como *seus*.

Nas praias de Goa, Damão e Diu é usual a participação dos adultos nalgumas destas actividades lúdicas das crianças. As lenga-lengas, levam-nos muitas vezes até a um passado esquecido, ou ao encontro da

adopção de uma moda do presente traduzindo a influência dos acontecimentos sociais ou da publicidade da ocasião.

Relativamente aos objectos lúdicos, verificou-se que os materiais utilizados são facilmente acessíveis, gratuitos, precários e, por serem personalizáveis, aptos a ser objecto de grande carga afectiva. São usados para práticas lúdicas semelhantes, conservando características próprias em cada região.

Na Índia existe uma significativa produção artesanal de objectos lúdicos. Em Portugal, tem-se feito ultimamente a recuperação da tradição artesanal, observando-se um retorno à fabricação industrial de brinquedos de outros tempos que encontram saída no mercado de adultos, não sendo classificáveis como tal, mas sim como objectos de colecção.

Tanto em Portugal como na Índia, a *roda*, acompanhada de palmas, do bater dos pés, do entrelaçar de braços, do agachar ou do rodopiar, é a disposição cénica mais utilizada.

Em Portugal, as danças, rondas ou jogos cantados surgem espontaneamente no recreio da escola ou em qualquer espaço exterior, nos tempos livres das crianças, sendo estas as principais portadoras da *memória*. Na Índia, é principalmente nas festas que estas actividades ocorrem, havendo um maior cerimonial nos gestos e nos fatos usados, sendo os adultos quem aqui ajuda as crianças a recordar as palavras em português.

Verificou-se que houve um processo de adaptação das danças, rondas e jogos cantados portugueses à atitude corporal, mais lenta, ondulante e também mais ritualizada das crianças indianas.

Nas festas de fim de ano lectivo, em Portugal, as crianças, por vezes, exibem as suas danças tradicionais. Embora na Índia não haja escolas de língua portuguesa, as suas festas de fim de ano assemelham-se às de

Portugal quando as crianças dançam o *vira*, o *corredinho*, ou o *malhão*. Entendemos que das danças tradicionais colectivas resta uma memória, digamos uma evolução própria, mantida pelos raros grupos de folclore *indo-português* que a divulgam, quer na época turística de Goa, Damão e Diu, quer nas suas actuações no estrangeiro.

Relativamente às festividades e tradições populares dos adultos, verifica-se uma semelhança de costumes facilmente identificáveis. Tanto em Portugal como na Índia, as *chegas* e *marradas* parecem contribuir para o enriquecimento da vida social das aldeias sendo talvez um modo das comunidades consolidarem a sua identidade.

Tanto em Portugal como em Goa, nos festejos de S. João, embora as práticas dos rituais existentes sejam diferentes, será de destacar que se trata, em ambos os casos de uma *feira* de rapazes, parecendo assumir, em Goa, um carácter de ritual iniciático, próprio da adolescência, não faltando um banho purificador no rio a terminar a *feira*.

Quanto às actividades lúdicas tradicionais, praticadas ainda hoje e comuns a Portugal e a Goa, Damão e Diu, chegámos aos resultados que passamos a sintetizar.

- JOGOS TRADICIONAIS

A nomenclatura utilizada continua semelhante, encontrando-se ainda nomes iguais para os mesmos jogos.

Tanto em Portugal como na Índia, os jogos que envolvem a participação de *todo o corpo* são os mais utilizados pelas crianças, seguindo-se os jogos de *mãos* e, em menor número, os de *pés*.

Os espaços exteriores são os preferidos pelas crianças em qualquer destas três categorias. A organização dos espaços urbanos

ou rurais, assim como das próprias construções, em cada campo de estudo, têm particularidades específicas, quer geográficas quer sócio-culturais que intervêm na escolha pelas crianças de espaços exteriores ou interiores.

As épocas secas são as normalmente escolhidas pelas crianças portuguesas e indianas para a prática de jogos de exterior.

Tanto em Portugal como na Índia, é difícil fazer a distinção de jogos próprios para cada sexo, sendo no entanto possível, nos jogos de mãos, distinguir os dos rapazes dos das raparigas. Na Índia, acresce ainda que, por razões de ordem cultural, as actividades que proporcionam contactos corporais são, normalmente, praticadas por participantes de um só sexo.

Notou-se a diminuição no aparecimento cíclico dos jogos, tanto em Portugal como na Índia, que parece estar relacionada com a perda de influência dos ciclos da natureza na vida quotidiana de ambas as comunidades.

Os materiais utilizados são quase sempre de fácil aquisição, recorrendo muitas vezes as crianças ao aproveitamento de materiais de ocasião.

O início e o final dos jogos é caracterizado em Goa, Damão e Diu por uma maior ritualidade, conduzindo, por vezes, à sua maior duração. Em Portugal, por outro lado, observámos um maior número de variantes.

• OBJECTOS LÚDICOS

Embora na Índia continue a existir um importante artesanato de produção de brinquedos, as crianças, tal como em Portugal, continuam a criar os seus próprios objectos lúdicos.

Feitos pelos próprios ou seus familiares com materiais de ocasião, facilmente acessíveis, evidenciam através deles a sua origem geográfica, quer em Portugal, quer na Índia.

O sexo determina, em ambos os campos de estudo, a escolha do tipo de jogos de ocasião, sendo estes preferidos pelas crianças do sexo masculino dos escalões etários mais baixos apresentados.

- DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

As letras na Índia são sempre em português, apresentando, no entanto, alterações no título e na letra, relativamente a Portugal.

Musicalmente, as interpretações que encontrámos na Índia tendem a igualizar os ritmos que nas canções portuguesas são irregulares. Os andamentos na Índia, ao tornarem-se mais lentos, revelam uma tendência para diminuição do esforço vocal e corporal dos executantes.

As coreografias são facilmente identificáveis pelas semelhanças que apresentam, sendo a forma de roda a disposição mais usual nos dois campos de trabalho.

- FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES

As *chegas* de Portugal e os *dhirió* de Goa mostram semelhanças notáveis na estrutura de todo o *espectáculo*.

Estas lutas, tanto em Portugal como em Goa, estão a tomar uma feição mais comercial, perdendo gradualmente o seu carácter de mito ritualizado.

Nos festejos de S. João, não se assemelhando as práticas dos rituais, nota-se a coincidência do dia do ano, da idade dos rapazes e do animal utilizado.

EM SÍNTESE:

O que ressalta da observação das práticas lúdicas das crianças é a livre escolha dos espaços e das actividades, o prazer manifestado e a pouca importância que, depois de acabadas, tem o perder ou o ganhar. Existe uma evidente origem portuguesa nas danças, rondas e jogos cantados de Goa, Damão e Diu.

Os modos de utilização do corpo são influenciados por culturas motoras diferentes. Não encontrámos, durante as práticas lúdicas das crian-

ças, distinções de grupos sociais ou de castas, sendo fácil e espontânea a aquisição do material. Relativamente às dos adultos, o sagrado e o profano continuam a coexistir, resistindo às proibições e ameaças de excomunhão. Estas manifestações de património vivo são elementos facilitadores da aproximação dos povos e dos grupos sociais, contribuindo para a preservação das suas identidades. A literatura da especialidade, levada de Portugal para a Índia, revelou-se um importante veículo de transmissão do conhecimento das actividades lúdicas portuguesas.

Por fim, verificámos a existência, ainda hoje, de vivências lúdicas que fazem parte da cultura indo-portuguesa, constituindo veículos de comunicação, de ligação e de manutenção de uma afectividade entre dois povos, que, embora geograficamente distantes, mantêm tanto de uma memória comum.

9 - RECOMENDAÇÕES PARA NOVAS INICIATIVAS

9 - RECOMENDAÇÕES PARA NOVAS INICIATIVAS

A carência de identidade no presente deve-se muitas vezes à ignorância sobre o passado, prejudicando o nosso bem-estar que passa pela consolidação dessa identidade. Também os valores que nos são propostos pelo progresso tecnológico, pela mobilidade espacial e pela apreensão da cultura contemporânea, nos desafiam para um crescente alheamento em relação àquilo que nos identifica culturalmente. Assim, reconhecemos a necessidade de um mais profundo conhecimento do passado para o estabelecimento de um *continuum* temporal sem soluções de continuidade nem interrupções bruscas. Cremos que será possível dar uma contribuição válida no sentido de preservar uma herança ameaçada, através do alargamento de estudos na área do património não construído, tendo em conta todas as memórias lúdicas tradicionais, suas evoluções e materiais utilizados:

- recolhendo e compilando os trabalhos já realizados para, a partir dos conhecimentos que estes nos tragam, poder avançar para novos caminhos;
- recorrendo à literatura, às artes plásticas, ao cinema, à música, e a todas as novas formas de criação e comunicação que forem surgindo;
- procurando novas fontes que possam abrir outras perspectivas de aproximação ao mundo lúdico;
- registando a imagem o som ou outras particularidades que as novas tecnologias venham a proporcionar;
- contemplando, nas metodologias a utilizar, acções concretas de intercâmbio que possam contribuir para o alargamento dos patrimónios culturais das populações estudadas;

- procedendo a um levantamento de campo exaustivo das tradições lúdicas existentes em Portugal;
- realizando estudos comparativos com os países lusófonos com quem Portugal manteve séculos de convivência e também entre os que tenham mantido contactos sócio-culturais profundos, como é o caso de Moçambique e da Índia;
- retomando o intercâmbio de estudos, com a vizinha Andaluzia (Espanha), iniciados no século passado por investigadores ilustres e que não tiveram continuidade.

10 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
E OUTRAS FONTES

10 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

A bibliografia apresentada seguiu a Norma Portuguesa-NP405-1: referências bibliográficas homologadas em Diário da República, 3ª série, nº128 de 1994-06-03. No que se refere a Outras Fontes seguiu-se os projectos norma para materiais não livro.

1 - INTRODUÇÃO

A ÍNDIA PORTUGUESA. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923. 2 vol.

ALLEAU, René - *Dicionário de jogos*. Porto: Editorial Inova, 1973.

ARAÚJO, Joaquin - «Um jogo popular português». In *El Folk-Lore Andaluz*. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981, 215-217.

AZEVEDO, Cândido - *Goa, Damão e Diu: factos, comunidade e lazer nos meados do século XX*. Macau: Edição do autor, 1994.

AZEVEDO, Carlos de - *A arte de Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, 1969.

BERGSON, Henri - *Creative evolution*. London: Macmillan, 1954.

BONITO, Rebelo - «Giroflé, flé, flá». *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. Vol. XXII (1959), 214-234.

BRAGA, Teófilo - «Ethnologia portuguesa: os jogos populares e infantis». *Era Nova: Revista de Movimento Contemporâneo*. Lisboa. (1880/81), 343-367.

- «Os jogos infantis em Portugal e Andalusia». In *El Folk-Lore Andaluz*. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981, 385-392.

- *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985-1986. 2 vol.

BRITO, Raquel de - *Goa e as praças do norte*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1966.

CABRAL, António - *Jogos populares infantis*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1991.

CAILLOIS, Roger - *Les jeux et les hommes*. Paris: Gallimard, 1958.

- *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.
- CAILLOIS, Roger, dir. - *Jeux et sports*. Paris: Gallimard, 1967.
- CAMÕES, Luís Vaz de - *Os Lusíadas*. Org. Emanuel Paula Ramos. 2ª ed. Porto: Porto Editora, [1954?].
- CARITA, Helder - *Os palácios de Goa*. Lisboa: Quetzal Editores, 1995.
- CARITA, Helder e CARDOSO, Homem - *Oriente e ocidente nos interiores de Portugal*. Lisboa: Livraria Civilização, [s.d.].
- CASAL, Adolfo - «Arqueologia, antropologia e património». *Ethnologia*. Lisboa: Edições Cosmos e Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nova série, nºs 1-2 (Out. 1994/Jan. 1995), 11-22.
- CHASTEL, André - «La notion de patrimoine». In NORA, Pierre dir., *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1986. Vol. 2, 405-449.
- CHAVES, Luís - «O sentimento português das cantigas do povo». *Revista Portugal*. Lisboa. Série A - *A Língua Portuguesa*, vol. II (1942), 197-200.
- «Relações do folclore entre os cancioneiros de Galiza e Portugal norduriense». *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Vol. II (1948), 223-243.
- CHICÓ, Mário - «Aspectos da arte religiosa na Índia portuguesa». *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar. Nº318 (1951), 119-140.
- «Igrejas de Goa». *Garcia da Orta*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar. Número especial (1956).
- COELHO, Adolfo - «Os jogos e as rimas infantis de Portugal: coleção e estudo para servirem à história da transmissão das tradições populares». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 4ª série (1883), 567-595.
- COLLIER'S DICTIONARY. Dir. William Halsey. London [etc.]: P.F. Collier, 1986.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN. Larousse Seleções. 3ª ed. Lisboa [etc.]: Seleções do Reader's Digest, 1980. Vol. II.
- DOMINGUES, Francisco e GUERREIRO, Inácio - «A vida a bordo na carreira da Índia. Séc. XVI». *Revista Universidade de Coimbra*. Coimbra. Separata 198, vol. XXXIV (1988), 185-225.

- DUMAZEDIER, Joffre - *Lazer e cultura popular*. S. Paulo: Perspectiva, 1976.
- EL FOLK-LORE ANDALUZ. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981.
- FERMIN, Carlos - «Contactos del folklore canario con el gallego-portugués». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 3ª série, vol. IV (1949), 3-19.
- GONÇALVES, Artur - «Contributo para a leitura do jogo/ladinha: a falua». Comunicação apresentada no *Encontro de Professores de Português das ESE(s)*, 3. Faro: Instituto Politécnico de Faro. Escola Superior de Educação, 1989.
- HELLER, Agnes - *A theory of history*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- HIGHT, Gilbert - *The classical tradition: greek and roman influences on western literature*. Oxford: Clarendon, 1949.
- HOEBEL, E. Adamson - «A natureza da cultura». In SHAPIRO, Harry org., *Homem, Cultura e Sociedade*. S. Paulo: Martins Fontes, 1982, 219-233.
- HUIZINGA, Johan - *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4ª ed. S. Paulo: Perspectiva, 1993.
- LAMAS, Dulce - «Contribuição de Portugal ao folclore musical brasileiro». *Estremadura. Boletim da Junta de Província*. Lisboa. Nº 24 (1950), 339-363.
- LIMA, Augusto Pires de - «Jogos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. V (1946), 69-70.
- LOMBARD, Jacques - *Introduction à l'ethnologie*. Paris: Armand Colin, 1994.
- LOPES, António - *As actividades lúdicas das crianças do ensino primário em espaços de recreio escolar nos meios rural e urbano: um estudo comparativo*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1988. Tese de Mestrado.
- LUPI, Nita - *The music and spirit of portuguese India*. Lisboa: Editorial Império, 1960.
- MACHADO, Antonio - «La niña de los ojos negros». In *El Folk-Lore Andaluz*. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981, 217-220.

- MARKL, Dagoberto - «O xadrez e os descobrimentos: o tempo de João de Barros (1496-1570)». *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Nº 27 (Jul./Set. 1996), 92-98.
- MARTINS, Mário - *Teatro quinhentista nas naus da Índia*. Lisboa: Edições Brotéria, 1973.
- MASCARENHAS, Mira - «Impact of the west on goan music». *Goa: Cultural Trends*. Panagi [Goa]: Directorate of Archives, Archeology and Museums, 1988, 189-206.
- MENDES, A. Lopes - *A Índia portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Asia*. New Delhi [etc.]: Asian Educational Services, 1989. 2 vol.
- MENDILOW, A. - *Time and the novel*. London: Peter Nevill, 1952.
- MORAIS, Tancredo de- «Uma viagem à Índia em 1750». *Revista Ocidente*. Lisboa: [s.n.]. Vol. XVIII, nº53 (1942), 258-272.
- ORMESSON, Jean d' - «La fin des terroirs». *Le Courrier de l'UNESCO: Le Jeu*. Paris: Organization des Nations Unies pour l'Education, la Science et la Culture. (Mai 1991), 34-38.
- PEREIRA, A. de Bragança - *Etnografia da Índia portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1940. 2 vol.
- PESSANHA, Ana - *Comportamento lúdico de dois grupos de crianças de meios sócio-culturais diferentes*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1995. Tese de Doutoramento.
- POMBO, António - «Os jogos populares em Bragança». *Encontro Nacional dos Jogos da Malha e Mostra de Jogos Tradicionais, 1: actas*. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal e jornal Correio de Azeméis, 1990, 79-80.
- RAMOS, Emanuel, org. - *Os Lusíadas de Luís de Camões*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, [1954?].
- REGO, António - «Viagens portuguesas à Índia no século XVI». *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 2ª série, vol. 5 (1954), 111-114.
- RIBAS, Tomaz - «Para uma nova concepção do folclore». Comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Folclore, 1*. Lisboa: Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos

- Trabalhadores, 1991.
- «Folclore: danças e cantares». Comunicação apresentada no *Estágio de Formação e Reciclagem de Directores e Ensaíadores de Grupos e Ranchos de Folclore, IX*. Luso: Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, 1995. No prelo.
- RODRIGUES, António, coord. - *História de Portugal em datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- RODRIGUES, Lúcio - «The euro-indian folklore of Goa». *Boletim do Instituto Menezes Bragança*. Panagi [Goa]. Nº 96 (1971), 221-228.
- «The euro-indian music of Goa». *Sunday Navahind Times*. Panagi [Goa]. (12 de Mar. de 1972), 6.
- ROMERO, Luís - «Dictados tópicos de Portugal y Extremadura». In *El Folk-Lore Andaluz*. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981, 433-448.
- SANTOS, Leonor - «Ensaio comparativo - jogos de construção». *O Consumidor*, Lisboa: Instituto Nacional do Consumidor. (1991), 11-16.
- SANTOS, Reynaldo dos - «A Índia portuguesa e as artes decorativas». *Belas-Artes*. Lisboa: Associação Nacional de Belas-Artes. Nº 7 (1954), 3-16.
- SARAIVA, António José - *Cultura*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.
- SEABRA, Manuel de - *Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Livraria Bertrand, [1962?].
- SEQUEIRA, Gustavo - *Teatro de outros tempos*. Lisboa: [s.n.], 1933.
- SERRA, Mário Cameira - *Desenvolvimento motor jogo e contexto cultural: estudo comparativo*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1992. Tese de Mestrado.
- SHAPIRO, Harry, org. - *Homem, cultura e sociedade*. 3ª ed. S. Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SHENDE, N. R. *Lokasahitya sampada*. Nagpur [Goa: s.n.], 1964.
- SOUSA, Nora de - *Goa cradle of my dreams*. Pilar [Goa: s.n., 1987?].

2 - CONTEXTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS

- ALBURQUERQUE, Luís de - *Os descobrimentos portugueses*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.
- ALBURQUERQUE, Luís de, dir. - *Portugal no mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.
- CALLIXTO, Vasco - *Viagem à Índia: onde Portugal levou o Ocidente ao encontro do Oriente*. Lisboa: Edição do autor, 1985.
- COSTA, Bernardino da - «Geografia física e política». In *A Índia Portuguesa*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923. Vol. 1, 3-36.
- DALGADO, Sebastião. - *Portuguese vocables in asiatic languages*. Comentado e traduzido por Anthony Soares. New Delhi [etc.]: Asian Educational Services, 1988.
- DANVERS, Frederick - *The portuguese in India*. New Delhi, Madras: Asian Educational Services, 1988. 2 vol.
- DELDUQUE, Adelino - *Diu: breve notícia histórica e descritiva*. Lisboa: J. Rodrigues, 1928.
- DIAS, Jorge - *O essencial sobre os aspectos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.
- FIGUEIREDO, Propércia de - *A mulher na Índia portuguesa*. Separata do Boletim do Instituto Vasco da Gama. Panaji [Goa: s.n.], 1922.
- ÍNDIA. Census Operation, Assam. New Delhi : C.O.A., 1991.
- LINSCHOTEN, John van - *The voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies*. New Delhi [etc.]: Asian Educational Services, 1988. 2 vol.
- MENDES, A. Lopes - *A Índia portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Asia*. New Delhi [etc.]: Asian Educational Services, 1989. 2 vol.
- MONIZ, António - «Resumo da história de Damão». In *A Índia Portuguesa*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923. Vol. 1, 185-209.
- PEREIRA, A. de Bragança - «Etnografia da Índia portuguesa». In *A Índia Portuguesa*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923. Vol.1, 254-431.
- *Etnografia da Índia portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1940. 2 vol.
- PINTO, Fernão Mendes - *Peregrinação*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

- PORTUGAL: Instituto Nacional de Estatística - Censos 91. Lisboa: I.N.E., 1996.
- QUADROS, Jerónimo - «História e corografia de Diu». In *A Índia Portuguesa*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923. Vol. 1, 213-252.
- RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.
- RODRIGUES, António, coord. - *História de Portugal em datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- SARAIVA, António José - *A Cultura em Portugal: teoria e história: introdução geral à cultura portuguesa*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981. Livro I.
- SARAIVA, António José, dir. - *História de Portugal*. Lisboa: Edições Alfa, 1986. Vol. II.
- SEABRA, Manuel de - *Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Livraria Bertrand, [1962?]
- SERRÃO, Joel, dir. - *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1989. Vol. I, II e III

3 - METODOLOGIA

- ADLER, Patricia e ADLER, Peter - «Observational techniques». In DEZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna ed. lit., *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications, 1994, 377-393.
- ATKINSON, Paul e HAMMERSLEY, Martyn - «Ethnography and participant observation». In DEZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna ed. lit., *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications, 1994, 248-262.
- BERNARDI, Bernardo - *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari - *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRÁS, Constança - «Jogos tradicionais: influências recíprocas entre os jogos dos portugueses e dos povos de Goa, Damão e Diu desde a época dos descobrimentos». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. VIII, nº 46 (Jan/Fev. 1991/92), 129-132.

- BRAUNSTEIN, Florence e PÉPIN, Jean-François - *L'Homme en question*. Paris: Edition Marketing, 1994.
- BRUNER, Jérôme - *Accion, pensamiento e lenguaje*. Madrid: Alianza, 1984.
- COLLIER Jr., J., - *Visual anthropology: photography as a research method*. New York: Holt, 1967.
- DEZIN, Norman. e LINCOLN, Yvonna, ed. lit. - *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications, 1994.
- DIAS, Jorge - *Estudos de antropologia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1990. Vol. 1.
- FIGUEIREDO, Propécia de - *A magia do folclore na vida da criança indo-portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1938.
- GOETZ, Margaret e LECOMPTE, Judith - *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid: Ediciones Morata, 1988.
- GUICHOT, Alejandro - «Noticias: aplicación de la fotografía à los juegos infantiles». In *El Folk-Lore Andaluz*. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981, 191-192.
- LIMA, Mesquitela - «O Folclore e a recolha etnográfica». Comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Folklore, 1*. Lisboa: Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, 1991. No prelo.
- LIMA, Fernando Pires de - «O valor educativo dos jogos infantis». In *Actas do I Congresso de Etnografía e Folclore*. Lisboa: Biblioteca Social e Corporativa, 1963. Vol. 2, 227-232.
- MALINOVSKY, Bronislaw - *Les argonautes du Pacifique Occidental*. Paris: Gallimard, 1963.
- MAUSS, Marcel - *Manuel d'ethnographie*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1967.
- MENDES, José - *A História como ciência: fontes, metodologia e teorização*. Coimbra: Coimbra Editora, 1987.
- ORTEGA, Rosario - *Jugar e aprender*. Sevilla: Diada, 1990.
- PELTO, P. e PELTO, G. - *Anthropological research: the structure of inquiry*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

SIMÕES, M. - «A entrevista de avaliação com a criança: alguns elementos de justificação». *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Vol. XVII (1984), 247-284.

THOMSON, John e SMITH, A. - *Street life in London*. London: Sampson Low, Murston, Searle & Rurington, 1877.

4 - JOGOS TRADICIONAIS

ALLEAU, René, dir. - *Dicionário de jogos*. Porto: Inova, 1973.

ALLEMAGNE, Henry, d' - *Sports et jeux d' adresse*. Paris: Librairie Hachette, 1904.

ALOY, Pedro - *Recreios collegiaes (por meio de toda a espécie de jogos, excepto os de cartas e de armas)*. Lisboa: Typographia Universal, 1882.

ALVES, Lúcia - «Jogo usado na escola do sexo feminino de Paços (Paços de Ferreira)». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. IX (1944), 66.

AMADO, João - «Psicologia e brinquedo do "Pé Descalço"». *O Professor*. Lisboa: Editorial Caminho. Nº45 (Out., 1990), 30-35.

- *Função educativa dos brinquedos tradicionais populares*. Coimbra: Clube dos Brinquedos Populares, 1992.

AMARO, Ana - *Jogos, brinquedos e outras diversões populares de Macau*. Macau: Imprensa Nacional, 1972.

ASSOCIAÇÃO Distrital de Jogos Tradicionais da Guarda - *Os jogos tradicionais*. Guarda, 1987.

AZEVEDO, Cândido - *Goa, Damão e Diu: factos, comunidade e lazer nos meados do século XX*. Macau: Edição do autor, 1994.

BARBOSA, José - *Visto e ouvido em Olhão... reflexões*. Olhão: Câmara Municipal, 1993.

BARROS, Tomás - «Jogos e brinquedos tradicionais». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. VII (1947), 40-41.

BATTISTELLI, Silvia - *Giochi dimenticati*. Milano: La Spiga, 1991.

BERNARD, Michel - *Le corps*. Paris: Editions Universitaires, 1972.

- BOROTAV, Peter. - «Classification générale des jeux». *Congrès International des Sciences Anthropologiques, VI: actes*. Paris: Centre National de Recherches Scientifiques, 1964. Tome II.
- BOTERMANS, Jack *et al.* - *Le monde des jeux*. Paris: Chene, 1987.
- BRAGA, Teófilo - *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985/86.
- BRANDÃO, Abílio - «Folk-lore: jogos populares infantis». *Nova Alvorada*. Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Nº2 (1892), 135, 141, 159 e 200-201.
- BRÁS, Constança - «Apresentação do jogo do xito no Pessegueiro, Martim Longo, Algarve». Comunicação apresentada no *Encontro Nacional do Jogo da Malha e Mostra de Jogos Tradicionais Portugueses, 1*. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal, 1989.
- «Jogos tradicionais: influências recíprocas entre os jogos dos portugueses e dos povos de Goa, Damão e Diu desde a época dos Descobrimentos». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. VIII, nº46 (Jan/Fev. 1991/92), 129/132.
- «Portugal-Índia, património cultural lúdico: jogos tradicionais». Comunicação apresentada no *Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogos ao Ar Livre, 6*, Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1994. No prelo.
- BRÁS, Constança *et al.* - *Ludoteca: um espaço, um tempo de brincar*. 2ª ed. Faro: Teatro Laboratório de Faro, 1988.
- BRITO, António de Paula - *Educação física infantil: teoria e prática*. Lisboa: Livraria Portuguesa, 1972.
- BRITO, Joaquim Pais de, coord. - *Tradições*. Lisboa: Pomo, imp. 1993.
- BRITO, Manuel - «A cavalgada e o ruxa-milhano: jogos infantis na transição do séc. XIX para o séc. XX, em Portugal». *O professor*. Lisboa: Editorial Caminho. Nº 76 (Junho 1985), 17-27.
- BULLOCK, Alan e STALLYBRASS, Oliver, ed. lit. - *The dictionary of modern thought*. Londres: Fontana/Collins, 1977.
- CABRAL, António - *Jogos populares portugueses*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1986.
- *Teoria do jogo*. Lisboa: Editorial Notícias, 1990.
- *Jogos populares infantis*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1991.

- *Jogos populares portugueses de jovens e adultos*. Porto: Editorial Domingos Barreira, D. L. 1991.
- CAEIRO, Alberto - *Poemas de Alberto Caeiro*. 3ª ed. Lisboa: Publicações Europa América, [s.d].
- CAILLOIS, Roger - *Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.
- CARDOSO, Hermínia - «Jogos usados no posto escolar da freguesia de Sequeirô, concelho de Santo Tirso». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 73.
- CARVALHO, Alberto - «Jogo usado na escola do sexo masculino da freguesia de Santa Marinha do Zézere (Baião)». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. IX (1944), 62-63.
- CARVALHO, Cristina *et al.* - «Do Natal aos Reis». In BRITO, Joaquim Pais de coord., *Tradições*. Lisboa: Pomo, imp. 1993, 50-58.
- CARVALHO, José - «Jogos e brinquedos tradicionais: a bilharda (jogo de Inverno) Silvalde-Espinho». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 5ª série, vol. III/IV (1953), 155.
- CASTRO, Irene de - «Jogos usados na escola do sexo feminino do lugar de Lamosa, freguesia de Labrugue, concelho de Vila do Conde». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 68-70.
- Feira Nacional do Jogo 1*. Tomar: Clube de Actividades de Lazer e Manutenção e Câmara Municipal, 1988.
- CHATEAU, Jean - *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântica, 1941.
- COELHO, Adolfo - *Obra etnográfica*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1993. 2 vol.
- COSTA, António - «Corpo e mito». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. VII, nº43 (Maio/Jul. 1991), 24-29.
- COSTA, Júlia da - «Jogos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. II. (1944), 48-53.
- COSTA, Maria Emília e COSTA, Salvador, compil.- *Grupo de jogos tradicionais alfageme de Santarém*. Santarém: Grupo de Jogos Tradicionais Alfageme de Santarém, 1992.
- CRESPO, Jorge - *Antropologia do jogo*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1979.

- «O papel dos jogos tradicionais no desenvolvimento regional». Comunicação apresentada no *Seminário Internacional de Jogos Tradicionais*. Vila Real: Direcção-Geral dos Desportos, 1988.
- *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990
- «Os jogos tradicionais em Portugal: os caminhos da investigação». *Os Jogos Tradicionais em Portugal: actas*. Guarda: Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico da Guarda e Delegação da Direcção Geral de Desportos da Guarda, 1990, 51-62.
- «As práticas físicas das crianças». Comunicação apresentada no *Encontro Os Jogos no Mediterrâneo*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1993. No prelo.
- CRUZ, António - «Lembranças dos verdes anos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 64-66.
- DIAS, Maria da Conceição - «Jogos infantis alentejanos (colhidos da tradição popular)». *Segundo Congresso Pedagógico*. Lisboa: [s.n], 1909, 283-308.
- DIAS, Jaime Lopes - *Dicionário de jogos*. Porto: Inova, [s.d].
- DIRECÇÃO-GERAL dos Desportos, - *Jogos tradicionais*. Setúbal: Delegação da Direcção-Geral dos Desportos, 1989.
- *Jogos populares portugueses*. Lamego, 1982
- ELIAS, Maria Amélia - «Sobre as danças populares e a sua importância na Educação Física». In *III Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física*. Lisboa: Ministério do Ultramar. Direcção Geral do Ensino, 1966, 61-73.
- ENCONTRO Nacional do Jogo da Malha e Mostra de Jogos Tradicionais Portugueses, 1. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal, 1989.
- ENCONTRO de Jogos Tradicionais do Algarve, 1. Faro: Instituto Português da Juventude, Universidade do Algarve e Instituto do Desporto da Região do Algarve, 1994.
- ENCONTRO de Jogos Tradicionais do Algarve, 2. Faro: Instituto Português da Juventude, Universidade do Algarve, Instituto do Desporto da Região do Algarve e Direcção Regional de Educação do Algarve, 1995
- ENCONTROS de Jogos Populares Inter-Universitários: XI encontro, VII ibérico. Vila Real: Associação Académica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1995.

- FEIO, José Noronha - *Desporto para a liberdade*. Lisboa: Diabril, 1975.
- *Desporto e política*. 2ª ed. Lisboa: Compêndio, 1979.
 - *Portugal, desporto e sociedade*. Lisboa: Direcção-Geral da Comunicação Social, 1985.
 - «Jogo, movimento, cidade, natureza». *Encontro Nacional do Jogo da Malha e Mostra de Jogos Tradicionais Portugueses, 1*: actas. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 1989, 25-28.
 - «Da necessidade de "urbanizar" os jogos para um desenvolvimento harmonioso dos cidadãos». *Jornadas de Reflexão: Os jogos tradicionais em Portugal*: actas. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Escola Superior de Educação. Departamento de Antropologia do Jogo e Direcção-Geral de Desportos, 1990, 73-78.
- FÉRIA, Izidro, coord. - *Jogos tradicionais do distrito de Santarém*. Santarém: Instituto do Desporto, 1994.
- FIGUEIREDO, Propércia de - *O jogo, escola da vida*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1937.
- *A magia do folclore na vida da criança indo-portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1938.
- FONSECA, José Nicolau da - *An historical and archaeological sketch of the city of Goa*. New Delhi: Asian Educational Services, 1986.
- FRUTUOSO, Gaspar - *Saudades da terra*. Edição Comemorativa do Centenário do Nascimento de Gaspar Frutuoso. Ponta Delgada: [s.n.], 1922. Livro IV, vol. II.
- FUNDAÇÃO Nacional para a Alegria no Trabalho [FNAT] - «Tracção à corda». Lisboa: FNAT. Ano XX, 1954.
- GARON, Denise - *Le système ESAR: un modèle de classement des jouets et du matériel de jeu à l'intention des éducateurs*. Trois-Rivière [Canadá]: Université Laval, Faculté des Sciences de L'Education, 1982. Tese de Doutoramento.
- *La classification des jeux et des jouets: le système ESAR*. Québec: Documentor, 1985.
- GIL, José - *Corpo, espaço e poder*. Lisboa: Edições Litoral, 1988.
- GIBSON, James - *The senses considered as perceptual systems*. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

- GONÇALVES, Flávio - «Um livro curioso sobre jogos de prendas». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 3ª série, vol. IV (1949), 25-30.
- GONÇALVES, Júlia - «Jogos usados na escola feminina de Santiago de Bougado (Santo Tirso)». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 71-72.
- GRUNFELD, Frédéric van- *Jeux du monde: leur histoire, comment y jouer, comment les construire*. Genève: Lied 1979.
- GRUPO de ADARRA Bizkaia oskus - *En busca del juego perdido*. Bilbao: Adarra, D.L. 1984. (Cadernos de Adarra, 9).
- GUEDES, Graça - *Jogos tradicionais portugueses: o seu interesse pedagógico em educação física*. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1956. Dissertação Final [licenciatura].
- «Jogos tradicionais portugueses». *Educação física e desportos*. Lisboa: Direcção-Geral de Desportos. (1968/69), 14-18.
 - «Jogos tradicionais portugueses: o seu interesse pedagógico». *Educação Física, Desportos e Saúde Escolar*. Lisboa: Direcção-Geral de Desportos. Nº 14 (Abr. 1968), 26-38.
 - «Jogos tradicionais portugueses: o seu interesse pedagógico». *Educação Física, Desportos e Saúde Escolar*. Lisboa: Direcção-Geral de Desportos. Nº 15/16 (Jul./Out. 1968), 55-60.
 - «Jogos tradicionais portugueses: o seu interesse pedagógico». *Educação Física, Desportos e Saúde Escolar*. Lisboa: Direcção-Geral de Desportos. Nº 18 (Abr. 1969), 43-58.
 - *Jogos tradicionais portugueses*. Lisboa: Direcção-Geral de Desportos, 1973.
 - «Jogos tradicionais portugueses, motricidade e desenvolvimento». *Jornadas de reflexão: Os jogos tradicionais em Portugal: actas*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Escola Superior de Educação. Departamento de Antropologia do Jogo e Direcção-Geral de Desportos, 1990, 63-82.
 - «Revalorização dos jogos tradicionais e a melhoria da condição física das populações». *Jornadas Científicas Desporto Saúde e Bem-Estar: actas*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, [1991?], 119-127.
 - «As crianças e os jogos tradicionais». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. VIII, nº43 (Maio/Jul. 1991), 9-14.

- «A herança cultural do movimento e o seu significado no mundo actual». Comunicação apresentada no *Congresso Anual da Sociedade Portuguesa de Educação Física*. Oeiras: Sociedade Portuguesa de Educação Física, 1992.
- «O património lúdico e o desenvolvimento da criança: os jogos de ontem no terceiro milénio». Comunicação apresentada no *Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogos e ao Ar Livre, VI*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1994. No prelo.
- GUIMARÃES, Maria do Rosário - «Descrição do jogo das pedrinhas». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. III. (1945), 76-77.
- HAGEN, Rose-Marie e HAGEN, Reiner - *Pieter Bruegel, o velho (cerca de 1525-1569). Camponeses, Loucos e Demónios*. Colónia: Benedikt Taschen, 1995.
- HASSE, Manuela - *O divertimento do corpo: lazer e desporto na transição do séc. XIX para o séc. XX em Portugal*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1994. Tese de Doutoramento.
- «O Jogo e a socialização da criança em Portugal na transição do século XIX para o século XX». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Vol. 14, nº1 (Jan/Mar 1994), 11-14.
- HASSE, Manuela e AMADO, João - *Jogos e brinquedos tradicionais*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1993.
- HENRIOT, Jacques - *Le jeu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- HYDE, Thomas - *De ludus orientalibus*. Oxford: [s.n.], 1694.
- ITURRA, Raúl - «A etnografia, memória da história». In *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia, 1989, 305-309.
- «A aprendizagem para além da escola: o jogo infantil numa aldeia portuguesa». Guarda: Associação de Jogos Tradicionais, 1990.
- «O imaginário das crianças nos seus jogos de reprodução familiar». Comunicação apresentada no *Encontro O Jogo e o Desenvolvimento da Criança: Perspectivas de Investigação, II*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1994.

- LEAL, João - «As fontes da obra etnográfica de Consiglieri Pedroso». *Revista Lusitana*. [Lisboa: s.n.]. Nº2 (1981), 129-163.
- LEÃO, Armando - «Brinquedos: freguesia de Oliveira (Póvoa do Lanhoso)». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 50-51.
- «Folclore de Santa Leocádia: jogos infantis». *In Memoriam a Pedro Vitorino*. Porto (1945), 187-189.
- LEITE, Ana - «Jogos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. II (1944), 45.
- LIBBRECHT-GOURDET, Anne - *Créer une ludothèque*. Vevey [Suisse]: Editions Delta, 1978.
- LIMA, Augusto Mesquitela - «O corpo e o desporto». Comunicação apresentada na comemoração dos 20 Anos na UTL. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1995. No prelo.
- LIMA, Augusto Pires de - *Jogos e canções infantis*. 2ª ed. Porto: Domingos Barreira, 1943.
- «O Jogo da Choca». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 5-11.
- «Jogos e brinquedos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 67.
- «O valor dos brinquedos». *In memoriam a Pedro Vitorino*. Porto (1945), 203-208.
- LIMA, Fernando Pires de - «Crónica de aldeia: jogos infantis». *Mensário das Casas do Povo*. Porto. Vol. VII, nº76 (1952), 8-10.
- «O valor educativo dos jogos infantis». *In Actas do I Congresso de Etnografia e Folclore*. Lisboa: Biblioteca Social e Corporativa, 1963. Vol. 2, 227-232.
- «Brinquedos». *In A Arte Popular em Portugal (Continente)*. Lisboa: Verbo. Vol. III (1963), 257-292.
- LOPES, António Mendes - *As actividades lúdicas das crianças do Ensino Primário em espaços de recreio escolar nos meios rural e urbano: um estudo comparativo*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1988. Tese de Mestrado.

- LOPES, António - «UNESCO adianta recomendações para a salvaguarda do folclore». *1º de Janeiro*. Suplemento de Domingo. (23 de Abr. de 1989), 6-7.
- LORA, Josefa - *La educación corporal*. Barcelona: Paidotribo, 1991.
- MANUAL de Jogos da Mocidade Portuguesa. Lisboa: Direcção dos Serviços de Educação Física e Desportos, 1942.
- MARREIROS, Glória - *Um Algarve outro contado de boca em boca*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
- MATTOS, Armando de - «O Jogo das escondidas». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 38-40.
- MAUSS, Marcel - *Sociologie et anthropologie*. Paris: P.U.F., 1966.
- MITCHEL, E. e MASON, B - *Theory of play*. New York: A.S. Barnes, 1948.
- MONTEIRO, Filomena - «Jogos usados na escola feminina de Rosamonde, freguesia de Valbom». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. IX (1941), 64-65.
- MUSEU DE LAMEGO - *Jogos tradicionais das crianças do concelho de Lamego*. Lamego, 1982.
- NATIONAL Council of Education, Research and Training - *Physical education, games and recreation in early India*. New Delhi: National Council of Education, Research and Training, 1978.
- NEVES, Guilherme - «O folguedo infantil do sarapico». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 5ª série, Vol. V-VI. (1953), 144-153.
- OLIVEIRA, Beatriz - *A infância e o lazer: estudo da ocupação dos tempos livres de crianças dos 3-10 anos em diferentes contextos sociais*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1993. Tese de Mestrado.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - «Alguns jogos populares poveiros». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 7ª série, vol. I-II (1956), 63-67.
- OPIE, Iona e OPIE, Peter - *Children's games in street and playground*. Oxford [etc.]: Oxford University Press, 1984.
- ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. *Declaração dos direitos da criança*. 1959.
- ORTEGA, Rosario - *El juego infantil y la construcción social del conocimiento*. Sevilla: Ediciones Alfar, 1992.

- «El juego en la educación primaria», *Cultura y Educación*. Separata. Madrid. Fundación Infancia y Aprendizaje. nºI (1996), 115-128.
- PEIXOTO, Mário - «Jogos usados na escola masculina do Castelo (Águas Santas). *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 75-79.
- PEIXOTO, Rosa - «A cabra cega». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. V (1946), 72.
- PEREIRA, Benjamim - *Bibliografia analítica de etnografia portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1965.
- PEREIRA, Benjamim - «Notas etnográficas de Caíde». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 9ª série, vol. III (1959), 571-584.
- PIAGET, Jean - *La formation du symbole chez l'enfant*. 2ª ed.. Neuchâtel-Paris: Delachaux e Niestlé, 1959.
- PIÇARRA, Landislau - «Jogos populares infantis». *Revista Municipal*. Esposende: [s.n.]. Vol. XIII (1898), 113-118.
- «Jogos populares». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. NºI (1899), 14-15, 30-33, 53-54, 94-95, 122, 175-176.
- «Jogos populares». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. NºII (1900), 139-140.
- «Jogos populares». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. NºIII (1901), 75-76, 150-153, 169-171.
- «Jogos populares». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. NºIV (1902), 57-58.
- «Jogos populares». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. NºVI (1904), 40.
- PIRES, António - *Rimas e jogos coligidos no concelho de Elvas*. Elvas: [s.n.], 1937.
- POMBO, António - «Os jogos populares do nordeste raiano: "a festa dos rapazes"». *Jornadas de reflexão: Os Jogos Tradicionais em Portugal*: actas. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Escola Superior de Educação. Departamento de Antropologia do Jogo e Direcção-Geral de Desportos, 1990, 13-24.
- RABELAIS, François - «La vie très horrible du grand Gargantua, Père de Pantagruel». In *Rabelais, Oeuvres complètes*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1959.

- RODRIGUES, Alzira - «Jogos usados na escola femiina nº28 (lugar de Arroiteia, freguesia de Valbom, Concelho de Gondomar). *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. Vol. VIII (1943), 74.
- ROLO, Maria Conceição - *Rimas e jogos infantis*. Lisboa: Asa, 1995.
- «Saltar á Corda». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. III (1945), 80.
- SANTOS Jr., J. - «Lengas-lengas e jogos infantis». *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia. Vol.VIII, nºs 3-4, (1938), 317-361.
- *Para sortear quem fica nos jogos infantis*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia, 1982.
- SANTOS, João dos - *Ethiopia oriental*. Lisboa: [s.n.], 1891. Vol. I.
- SEQUEIRA, Ferraz - «Jogos infantis portugueses». *Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas*. Porto: [s.n.]. (1883), 63-64.
- SÉRGIO, Manuel e FEIO, Noronha - *Homo ludicus*. Lisboa: Compêndio, 1979.
- SERRA, Mário Cameira - «Materiais de jogo recolha e registo responsabilidade e metodologia». *Os Jogos Tradicionais em Portugal: actas*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Escola Superior de Educação. Departamento de Antropologia do Jogo e Direcção-Geral de Desportos, 1990, 41-50.
- *O castanheiro e a castanha na tradição e na cultura*. Guarda: Assembleia Distrital da Guarda, 1990.
- *Desenvolvimento motor jogo e contexto cultural: estudo comparativo...* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1992. Tese de Mestrado
- «Os jogos tradicionais e o seu valor no mundo rural». *Leader. 20 Valores do Mundo Real*. Lisboa: Ministério da Agricultura. (1995),115-118.
- SILVA, Alexandrino - «A zocha». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol I (1944), 77-78.
- SILVA, Cristovão e MORAIS, Manuel - *Jogos tradicionais portugueses*. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Primário, 1958.
- SILVA, Elísio - *Jogos de quadrícula do tipo mancala com especial incidência nos praticados em Angola*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1995.

- SILVA, Idalina - «Jogo das pedrinhas». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. III (1945), 67.
- SILVA, Maria Isabel - «Jogos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. II (1944), 43-44.
- SILVA, Maria Madalena - «Índia». In *A Arte Popular em Portugal (Ilhas Adjacentes e Ultramar)*. Lisboa: Verbo. Vol. III (1975), 249-361.
- SIMÕES, Rui - *O Jogo do pau em Portugal: processos de mudança*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1990. Tese de Mestrado.
- SOUSA, Carolina - «Activação do desenvolvimento cognitivo e facilitação da aprendizagem». In TAVARES, José e BONBOIR, Anne, orgs., *Activação do desenvolvimento psicológico nos sistemas de formação*. Aveiro: CIDIne, 1995.
- SOUSA, Tomé de - *Actividades lúdicas na serra do Alvão (Trás-os-Montes: análise e classificação sob a perspectiva de Roger Caillois)*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1986. Tese de Mestrado.
- «Jogos e brinquedos populares tradicionais». *Encontro Nacional do Jogo da Malha e Mostra de Jogos Tradicionais Portugueses, 1: actas*. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal, 1989, 63-66.
- TEIXEIRA, Madalena e BARROCO, Carlos - *O brinquedo português*. Lisboa: Bertrand, 1987.
- TEIXEIRA, Rosa - «Jogos». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. II (1944), 55-56.
- UNESCO - «Jeux et jouets des enfants du monde». *Catalogue de l'exposition Maison de l'Unesco*. Paris, 1978.
- VARENNE, Jean-Michel e BIANU, Zéno - *L'esprit des jeux*. Paris: Éditions Albin Michel, 1990.
- VASCONCELOS, Leite de - *História do museu etnológico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1915.
- *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. Vol. V.
- *Tradições populares de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- VITERBO, Sousa - «Jogos portugueses». *A Tradição*. Serpa: [s.n.]. N.ºII (1900), 132-135, 150-154.

VICENTE, Gil - *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1944. Vol. V.

WALLON, Henri - *L'evolution psychologique de l'enfant*. Paris: Colin, 1941.

- *Del acto al pensamiento*. Buenos Aires: Psique, 1974.1965.

XAVIER, Carlos - *A brief history of physical education in Goa, Daman and Diu*. Panagi [Goa]: Directorate of Sports and Cultural Affairs, 1975.

- *Development of sports and games in Goa Daman and Diu*. Panagi [Goa]: Directorate of Sports and Cultural Affairs, 1976.

OUTRAS FONTES:

BRUEGEL (O Velho), Pieter - *Jogos de crianças*. [Documento icónico]. Viena: Kuns Thistoniches Museum, [1560?]. 1 quadro: color.

Aniki-bobó [Registo vídeo]. Realização e argumento de Manoel de Oliveira. Lisboa: Filmes Lusomundo, 1991. 1 cassete vídeo (VHS) (71 min. aprox.): p. e b., son.

Os jogos e os homens. Realização, montagem e apresentação de Noronha Feio; filmagens de Henriques da Silva. Lisboa: Rádio Televisão Portuguesa, 1980-1989. Série televisiva com 28 programas emitidos no Canal 1.

5 - ESPAÇOS E MATERIAIS LÚDICOS

BACHELARD, Gaston - *La poétique de l'espace*. 12^a ed. Paris: PUF, 1958.

BARREIROS, João e BRITO, Manuel - «O planeamento de um espaço de jogo infantil». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto de Educação Física. Vol. 9, nº3 (Abr/Jun 1985), 15-22.

BARTHES, Roland - *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, 1976.

BENJAMIM, Walter - *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. S. Paulo: Summus, 1984.

BORGES, Jorge Luís - *O Aleph*. Lisboa: Estampa, 1976.

BRÁS, Constança - «Do entender do espaço: breve introdução a uma gramática do espaço», *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº3 (Abr/Jun. 1985), 51-53.

- *Análise de comportamentos seleccionados de ensino em escolas do Ensino Primário: plano dos centenários e projecto normalizado tipo P3*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1986. Tese de Mestrado.
- BRÁS, Constança *et al.* - *Ludoteca: um espaço, um tempo de brincar*. 2ª ed. Faro: Teatro Laboratório de Faro, 1988.
- BRITO, António de Paula - «A animação desportiva nos espaços urbanos tradicionais». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol.VIII, nº 46 (Dez/Jan 1991/92), 153-155.
- BROUGÈRE, Gilles, dir. - *Le jouet: valeurs et paradoxes d'un petit objet secret*. Paris: Autrement, 1992.
- CAILLOIS, Roger - *Les jeux et les hommes*. Paris: Gallimard, 1958.
- CAILLOIS, Roger, dir. - *Jeux et sports. Encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 1967. Vol. 23.
- CARNEIRO, E. Lapa - «O papagaio: pequena contribuição para o seu estudo em Portugal». In *O Estudo das Nossas Tradições*. Barcelos: [s.n.], 1964.
- CASCUDO, Luís - *Literatura oral*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1952.
- CASTANEDA, Carlos - *A erva do diabo*. Rio de Janeiro: Sedegra, [s.d.].
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. - «L'interaction de l'enfant et de l'environnement: objet de recherche et révélateur social». *Bulletin de Psychologie*. Paris: Groupe d'Etudes de Psychologie de l'Université de Paris. (1976), 954-969.
- COSTA, Jorge e LINO, Luís - «Elementos para uma visão integrada do planeamento de centros de lazer, recreação e desporto». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº 3 (Abr/Jun 1985), 23-27.
- DENIEUL, P. N. - «Histoire de jouer». In JAULIN, Robert, compil., *Jeux et Jouets*. Paris: Aubier, 1979, 89-107.
- DIBIE, P. - «Techniques et jeux traditionnels en Bourgogne ». In JAULIN, Robert, compil., *Jeux et Jouets*. Paris: Aubier, 1979, 109-125.
- DUMAZEDIER, Joffre - *Lazer e cultura popular*. S. Paulo: Perspectiva, 1976.

- FEIO, Noronha - «Habitação e desenvolvimento humano: esboço de um quadro de investigação pluridisciplinar sobre um espaço social». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº3 (Abr./Jun. 1985), 5-14.
- FERREIRA, Pedro. - *A situação actual das ludotecas em Portugal*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1991. Seminário de Mestrado.
- FIGUEIREDO, Propécia de - *A magia do folclore na vida da criança indo-portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1938.
- *Rabindranath Tagore: o educador*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1942.
- GOMES, Susana - «Estudo da concepção, estrutura e modo de funcionamento das ludotecas em Portugal». Comunicação apresentada no *Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogos ao Ar Livre, 6*, Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1994. No prelo.
- GRANDMONT, Nicole de - *Pédagogie du jeu*. Québec: Éditions Logiques, 1989.
- HALL, Edward - *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, 1986.
- HASSE, Manuela - «A criança e o espaço de jogo». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 3, nº2/3 (Jan/Jun. 1979), 17-22.
- HIRN, Yrjö - *Les jeux d'enfant*. Paris: [s.n.], 1926.
- HUGON-DERQUENNE, Huguette - *Le jeu réinventé*. Paris: Éditions Fleurus, 1977.
- JAULIN, Robert, comp. - *Jeux et jouets*. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1979.
- KAUFMANN, P. - *L'expérience emotionnelle*, Paris: Urin, 1967.
- LEFÈBRE, Henri - *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1981.
- MEIRELES, Duarte, ALMEIDA, Manuela e ALVES, Anabela - «A atitude dos pais perante o brinquedo: estudo de um meio social». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 14, nº 1 (Jan/Mar. 1994), 15-22.
- MOREIRA, Júlio *et al.* - *[O mundo é a nossa casa]*. Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente, 1975.

- MUNTAÑOLA, Josep - *El niño y la arquitectura: manual introductorio sobre la enseñanza de la arquitectura y del urbanismo en las escuelas*. Barcelona: Oikos -Tau, 1984.
- NETO, Carlos - «A criança, o espaço e desenvolvimento motor». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 3, n.ºs 2/3 (Jun. 1979), 35-44.
- ORTEGA, Rosario - *El juego infantil y la construcción social del conocimiento*. Sevilla: Alfar, 1992.
- PERINO, Odile - «La ludothèque». In BROUGÈRE, Gilles - *Le jouet: valeurs et paradoxes d'un petit objet secret*. Paris: Éditions Autrement, 1992, 113-121.
- PESSANHA, Ana - *Comportamento lúdico de dois grupos de crianças de meios sócio-culturais diferentes*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1995. Tese de Doutoramento.
- PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. - *La représentation de l'espace chez l'enfant*. Paris: PUF, 1977.
- PIMENTEL, João - «Os dados psicológicos: espaço e o seu significado no desenvolvimento da criança segundo H. Wallon». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, n.º3 (Abr/Jun. 1985), 39-43.
- PINON, Roger - «Les jouets». In CAILLOIS, Roger, dir., *Jeux et Sports*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1967, 287-339. Vol. 23.
- RAABE, Juliette - «Os jogos e a sociedade». *Correio da UNESCO*. Brasil, 1980, 4-8.
- RIJNEN, José - «Participación de los niños en la planificación y construcción del espacio de juegos». Comunicação apresentada no *Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre*, 6. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1994. No prelo.
- SANTOS, Ary dos e ALMEIDA, Vitorino de - «O Fado do Campo Grande». In Carlos do Carmo, *Um Homem na Cidade*. Lisboa: Polygram, 1977. 1 disco. Trova/6330900.
- TACOU, Constantin, dir. - *Les symboles du lieu L'habitation de l'homme*. Paris: Éditions de l'Herne, 1983.
- TEIXEIRA, Madalena e BARROCO, Carlos - *O brinquedo português*. Lisboa: Bertrand, 1987.

6 - DANÇAS, RONDAS E JOGOS CANTADOS

- ABADIE, Madeleine e MADRE, Marie-Louise - *Plaisir de danser des jeunes enfants*. Paris: Fernand Nathan, 1976.
- ABREU, Clara, coord. - *O meu livro de canções*. Porto: Porto Editora, 1991. Vol. 1.
- ALLEMAGNE, Henry, d' - *Sports et jeux d' adresse*. Paris: Librairie Hachette, 1904.
- AMARO, Ana Maria - *Jogos, brinquedos e outras diversões populares de Macau*. Macau: Imprensa Nacional, 1972.
- AMICALE DE L'ENSEP - *L'activité physique de l'enfant de 2 à 10 ans*. Paris: Amicale de l'École Normale Supérieure d'Education Physique et Sportive et revue Education Physique et Sportive, 1977.
- ARIÈS, Philippe - *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancient Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- BARROS, João de - *Humilde plenitude*. Lisboa: Livros do Brasil, 1951.
- BATALHA, Ana Paula - «As estruturas etnográficas na educação». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 7, nº 4 (Jul/Set. 1983), 29-32.
- «Emergência do sentido rítmico». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº 4 (Jul/Set 1985), 19-25.
- «Análise rítmica das rodas e jogos cantadas». Comunicação apresentada no *Encontro O Jogo e o Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1991.
- BERGÉ, Yvonne - *Viver o seu corpo: para uma pedagogia do movimento*. Lisboa: Socicultur, 1976.
- BERNARDI, Bernardo - *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BOURCIER; Paul - *História da dança no Ocidente*. S. Paulo: Livraria Martins Fontes, 1987.
- BRAGA, Teófilo - *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985. Vol. 1.
- BRASÃO, Lígia - *Brinquedos tradicionais cantados: lengalengas e trava-línguas*. Lisboa: O Livro, [1985?].

- CABRAL, António - *Jogos populares portugueses*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1985.
- CABREIRA, Estefânia e CABRAL, Oliveira - *Cançonetas infantis sobre brinquedos para festas*. Porto: [s.n.], 1938.
- CAILLOIS, Roger - *Les jeux et les hommes*. Paris: Gallimard, 1958.
- CAMPOS, Almeida - «Capítulo musicológico». *Beira Alta Arquivo Provincial*. Viseu: [s.n.], (1955), 119-133.
- COELHO, Adolfo - *Jogos e rimas infantis*. Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz, 1883.
- COELHO, Helena e BOM, Luís - «Sobre o conceito de dança». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº4 (Jul/Set. 1985), 13-18.
- DELIMBEUF, Joceline - «Da evolução do conceito de expressão corporal». *Ludens*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. Vol. 9, nº4 (Jul/Set. 1985), 37-40.
- DINIZ, Manuel Vieira - «Canções de roda». *Douro Litoral*. Porto: Junta de Província. 2ª série, vol. II (1944), 37-42.
- DUNCAN, Isadora - *Ma vie*. Paris: Gallimard, 1928.
- EL FOLK-LORE ANDALUZ. Madrid: Editorial tres-catorce-diecisiete, 1981
- ENTHOVEN, R.E. - *Folk lore notes*. New Delhi [etc.]: Asian Educational Services, 1989. 2 vol.
- FERNANDES, Margarida - *A estrutura rítmica da dança popular portuguesa*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1990. Tese de Mestrado.
- *Danças lengalengas e jogos cantados*. Oeiras: Câmara Municipal, [s.d.].
- FIGUEIREDO, Propércia de - *A magia do folclore na vida da criança indo-portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1938.
- GARAUDY, Roger - *Danser sa vie*. Paris: Le Seuil, 1973
- GIACOMETTI, Michel - *Cancioneiro popular português*. Colab. de Fernando Lopes Graça. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981.
- GRAÇA, Fernando Lopes - *A canção popular portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, [1973?].
- *Canções e rondas infantis*. Lisboa: Viriato Camilo, 1981.

- GUEDES, Graça - «As crianças e os jogos tradicionais». *Horizonte*. Lisboa: Livros Horizonte. Vol. VII, nº 43 (Maio/Jul 1991), 9-14.
- LAMOUREUX, Claude e Nicole - «De la ronde et du jeu chanté vers la danse collective». In Amicale De L'ENSEP, *L'activité sportive de l'enfant*. Paris: Amicale de l'École Normale Supérieure d'Éducation Physique et Sportive et revue Education Physique et Sportive, 1977.
- LEÇA, Armando - *Da música portuguesa*. Porto: Livraria Educação Nacional, 1942.
- «Da nossa música popular». *Estremadura. Boletim de Junta da Província*. Lisboa, 1949, 33-35.
- LIMA, Augusto Pires de - *Jogos e canções infantis*. Porto: Domingos Barreira, 1943.
- LUPI, Nita - *Música e alma da Índia Portuguesa*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.
- ORTEGA, Rosario - *El juego infantil y la construcción social del conocimiento*. Sevilla: Ediciones Alfar, 1992.
- PASCOAIS, Teixeira - *Maranos X*. Porto: Magalhães e Moniz, 1911.
- PEREIRA, Maria Isabel - *Ensino da dança na escola: reconstrução e aplicação do repertório expressivo infantil*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1994. Tese de Mestrado.
- PEREIRA, A. de Bragança - *Etnografia da Índia Portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1940. Vol. II.
- PORTINARI, Maribel - *História da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- PRIM, Fernanda - *Actividades lúdicas de expressão musical, motora e verbal: análise do repertório infantil dos sete aos dez anos no concelho de Campo Maior*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1992. Tese de Mestrado.
- REBELO, Joaquim - «Subsídios para uma paremiologia teológica ou um quadro vivo de Trás-os Montes e Alto Douro». *Colóquio sobre Folclore: comunicações, discursos e conclusões*. Lisboa: Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, 1981, 83-106.

RIBAS, Tomaz - *Danças populares portuguesas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

- *Guia de recolha de danças populares*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. Departamento de Etnologia, 1985.

- *O ballet*. 2ª ed. Lisboa: Arcádia, 1992.

ROLO, Maria Conceição - *Rimas e jogos infantis*. Lisboa: Asa, 1995.

SASPORTES, José - *História da dança em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

SERRA, Mário Cameira - *Desenvolvimento motor, jogo e contexto cultural: estudo comparativo da actividade lúdica e do comportamento motor de três grupos de crianças com 6, 7, 8 e 9 anos pertencentes a meios socioculturais diferenciados*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 1992. Tese de Mestrado.

SOUSA, Tomé de - *Actividades lúdicas na Serra do Alvão (Trás-os-Montes): análise e classificação sob a perspectiva de Roger Caillois*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física, 1986. Tese de Mestrado.

OUTRAS FONTES:

GIACOMETTI, Michel - *Vozes e imagens de Trás-os-Montes*. [Registo sonoro]. Colab. Fernando Lopes Graça, João Gaspar Simões e Sebastião Rodrigues. Lisboa: Arquivos Sonoros Portugueses, 1962. 1 disco + 1 livro.

- *Pequena antologia da música regional portuguesa*. [Registo sonoro]. Colab. Fernando Lopes Graça e documentos dos Arquivos Sonoros Portugueses. Lisboa: Philips, 1981. 6 discos (LP).

LAMOUREUX, Nicole e PESQUE, Suzanne - *50 rondes et jeux chantés*. [Registo sonoro]. Création et orchestre de Nicole Lamouroux, François Burvingt et Gerard Dupont. Paris: Revue EPS, [s.d.]. 1 disco (LP).

7 - FESTIVIDADES E TRADIÇÕES POPULARES

ALVES, Francisco - *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto: Typographia a vapor da Empreza Guedes, 1910. Tomo II.

- *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto: Typographia a vapor da Empreza Guedes, 1931. Tomo VII.
- ANDRADE, Osório de - «A capeia raiana: um repositório do inconsciente colectivo». Comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Folclore, I*. Lisboa: Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, 1991.
- BRAGA, Teófilo - *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: D. Quixote, 1986. Vol. II.
- CAILLOIS, Roger - *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CAZENEUVE, Jean. - *Sociologie du rite*. Paris: PUF, 1971.
- CRUZ, Bento da - «"O boi do povo" e as "chegas" no Barroso». In *Memoriam António Jorge Dias*. Lisboa. Separata do vol. III, 1974.
- «Dhirio». *Goan Holiday*. Panagi [Goa]: Gomantak Times Publication, 1991, 35-36.
- DIPLOMA Legislativo nº 438. Diário do Governo, 68 (30-08-26). Lisboa: Imprensa Nacional, 1930.
- ELIADE, Mircea - *Images et symbols*. Paris: Gallimard, 1952.
- *Le sacré et le profane*. Paris: Payot, 1965.
- *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot, 1975.
- FATELA, João - *O sangue e a rua: elementos para uma antropologia da violência em Portugal (1926-1946)*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1989.
- FONTES, António - *Etnografia transmontana: crenças e tradições de Barroso*. Lisboa: Editorial Domingos Barreira, 1992. Vol. I.
- GANDHI, Maneka - «Bloodbath». *The Illustrated Weekly of India*. Bombaim: Pritish Nandy (3-9 Set. 1989), 39.
- LÉVY - STRAUSS, Claude - «Introduction a l'oeuvre de Marcel Mauss». In MAUSS, Marcel, *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1960.
- LIMA, A. Mesquitela - «Mito, rito e festa». *Ethnologia*. Lisboa: . Edições Cosmos e Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nova Série, nºs 1-2 (Out.1994/Jan. 1995), 43-49.
- PEREIRA, Bragança - *Etnografia da Índia portuguesa*. Bastorá [Goa]: Tipografia Rangel, 1940. 2 vol.

- SANCHIS, Pierre - *Arraial: festa de um povo: as romarias portuguesas*. 2ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.
- SANTO, Moisés Espírito - *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.
- SCHWARZ, Fernand *et al* - *Mircea Eliade: o reencontro com o sagrado*. Lisboa: Edições Nova Acrópole, 1993.
- SERRA, Cameira e VEIGA, Pires - *A Capeia: um jogo de força*. Guarda: Associação Distrital de Jogos Tradicionais e Lazer, 1986.
- SIMÕES, Alzira - *Ethnologia*. Lisboa: Edições Cosmos e Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nova Série, nºs 1-2 (Out. 1994/Jan. 1995), 100-106.
- SOUSA, Nora de - *Goa cradle of my dreams*. Pilar [Goa: s.n.,1987?].
- TAVARES, Adérito - *A capeia arraiana*. Lisboa: Edição do autor, 1985.
- TEIXEIRA, Fernando - *O touro e o destino: morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, 1994.
- TORGA, Miguel - *Diário X*. Coimbra: Edição do autor, 1968.
- *Diário XVI*. Coimbra: Edição do autor, 1993.
- VILLA, Javier, coord. - *Los toros: el estado de la cuestion*. Madrid: Edición Akal, 1993.

11 - ÍNDICE DE AUTORES

11 - ÍNDICE DE AUTORES

A

- Abadie, Madeleine, 374
 Abreu, Clara, 373
 Adler, Patricia, 45; 46
 Adler, Peter, 45; 46
 Afonso X (O Sábio), 77
 Aguilar, Luís, 69
 Albuquerque, Luís de, 29
 Alleau, René, 7; 56; 79; 273
 Allemagne, Henri d', 79; 370
 Almeida, Manuela, 310
 Aloy, Pedro, 59; 60
 Alves, Anabela, 310
 Alves, Francisco, 434
 Alves, Lúcia, 62
 Amado, João, 73
 Amaro, Ana, 68; 84; 372
 Andrade, Osório de, 433; 447
 Araújo, Joaquim, 17
 Ariès, Philippe, 371
 Aristóteles, 85; 87; 295
 Atkinson, Paul, 45
 Azevedo, Cândido, 15; 68; 84
 Azevedo, Carlos de, 16
- B
- Bachelard, Gaston, 301
 Barbosa, José, 69
 Barreiros, João, 298
 Barroco, Carlos, 74; 75; 360
 Barros, João de, 7; 369
 Barros, Tomás, 62
 Barthes, Roland, 310
 Batalha, Ana, 367; 373
 Battistelli, Silvia, 56
 Benjamim, Walter, 308
 Bennig, Simão, 74
 Bergé, Yvone, 371
 Bergson, Henri, 10
 Bernard, Michel, 86
 Bernardi, Bernardo, 45; 378
 Bianu, Zéno, 79
 Biklen, Sari, 41; 42; 47
 Bloch, Marc, 45
 Bogdan, Robert, 41; 42; 47
 Bom, Luís, 367
 Bonito, Rebelo, 19
 Borges, Jorge Luis, 302
 Borotav, Peter, 81
 Botermans, Jack, 56; 77; 78
 Bourcier, Paul, 366; 368
 Braga, Teófilo, 16; 17; 58; 64; 277;
 366; 451
 Branco, Jorge Freitas, 58
 Brandão, Abílio, 60
 Brás, Constança, 48; 68; 69; 82; 295;
 299; 301

- Brasão, Lígia, 373
Braunstein, Florence, 44
Brito, António de Paula, 83; 298
Brito, Joaquim, 73
Brito, Manuel, 60; 298
Brito, Raquel de, 15
Brougère, Gilles, 298; 310
Bruegel (o Velho), Pieter, 56; 74
Bruner, Jerome, 43; 54
Bullock, 85
Burrett, Tony, 56
- C
- Cabral, António, 18; 67; 82; 373
Cabral, Oliveira, 372
Cabreira, Estefânia, 372
Caeiro, Alberto, 275
Caillois, Roger, 3; 14; 68; 82; 87; 299;
306; 308; 356; 357; 370; 446
Callixto, Vasco, 32; 33
Camões, Luís de, 6; 59
Campos, Almeida, 372
Cardoso, Hermínia, 62
Cardoso, Homem, 16
Carita, Helder, 16
Carneiro, António, 372
Carneiro, Lapa E., 360
Carvalho, Alberto, 62
Carvalho, Cristina, 67
Carvalho, José, 62
Casal, Adolfo, 13
Cascudo, Luís, 360
Castaneda, Carlos, 304
Castro, Irene de, 62
Cazeneuve, Jean, 450
Chastel, André, 12
Chateau, Jean, 81; 82
Chaves, Luís, 19
Chicó, Mário, 16
Chombart de Lauwe, Marie-José, 296
Claparède, 84
Coelho, Adolfo, 18; 58; 59; 277; 278;
372
Coelho, Helena, 367
Collier, J., 42
Confúcio, 366
Costa, António, 85
Costa, Bernardino da, 29
Costa, Jorge, 298
Costa, Júlia da, 275
Costa, Maria Emília, 70
Costa, Salvador, 70
Crespo, Jorge, 66; 81; 84; 86
Cruz, António, 62
Cruz, Bento da, 433; 435
Cruz, João da, 434
- D
- Dalgado, Sebastião, 26
Danvers, Frederik, 29
Delduque, Adelino, 33; 34
Delft, Pieter van, 56
Delimbeuf, Joceline, 367
Denieul, P.N, 299

Descartes, 85; 295

Dias, Jaime, 61

Dias, Jorge, 26; 27; 45

Dias, Maria da Conceição, 61; 67

Dibie, P, 307

Diniz, Manuel, 372

Diran, Gilbert, 445

Domingues, Francisco, 6

Dumazedier, Joffre, 10; 296

Duncan, Isadora, 365

E

Eliade, Mircea, 445

Elias, Amélia, 69

Elkonin, 53

Enthoven, R. E., 368

F

Fatela, João, 433; 435; 446

Feio, Noronha, 65; 66; 295

Féria, Izidro, 70

Fermin, Carlos, 18

Fernandes, Margarida, 367; 373

Ferran, 78

Ferreira, Pedro, 299

Figueiredo, Propércia de, 31; 47; 63; 84;
272; 357; 360; 368; 372; 375

Fonseca, José da, 57

Fontes, António, 433; 451

Fox, D.M., 42

Frutuoso, Gaspar, 65

G

Gandhi, Maneka, 448

Garaudy, Roger, 366

Garon, Denise, 78; 81; 82

Giacometti, Michel, 367

Gibson, James, 88

Gil, José, 86

Godinho, Paula, 67

Goetz, Judith, 43

Goetz, Margaret, 44; 46

Gomes, Susana, 299

Gonçalves, Artur, 8

Gonçalves, Flávio, 61

Gonçalves, Júlia, 62

Graça, Fernando Lopes, 367; 368; 373

Grandmont, Nicole de, 308

Grunfeld, Frédéric van, 56; 77; 78; 80

Guedes, Graça, 66; 83; 373; 375

Guerreiro, Inácio, 6

Guerreiro, Manuel, 59

Guichot, Alejandro, 42

Guimarães, Maria do Rosário, 62

H

Hagen, Rainer, 74

Hagen, Rose-Marie, 74

Hall, Edward, 296; 300

Hammersley, Martyn, 45

Hasse, Manuela, 73; 86; 299

Heller, Agnes, 10

Henriot, Jacques, 82

Héroard, 78

Highet, Gilbert, 10

Hirn, Yrjö, 360

Hoebel, E. Adamson, 14

Hugon-Derquennes, Huguette, 297

Huizinga, Johan, 14

Hyde, Thomas, 78

I

Inhelder, Bärbel, 297

Iturra, Raúl, 67; 72

J

Jaulin, Robert, 299; 307

K

Kaufmann, P., 301

L

Lamas, Dulce, 19

Lamouroux, Claude, 371

Lamouroux, Nicole, 371

Lawrence, C., 42

Leal, João, 59

Leão, Armando, 63

Leça, Armando, 372

LeCompte, Judith, 44; 46

LeCompte, Margaret, 43

Lefèbre, Henri, 295

Leibnitz, 295

Leite, Ana, 62

Lévy-Strauss, Claude, 446

Libbrecht-Gourdet, Anne, 78

Lima, Augusto Mesquitela, 48; 85; 445

Lima, Augusto Pires de, 18; 63; 64; 82;
193; 372

Lima, Fernando Pires de, 45; 64

Ling, 83

Lino, Luís Sena, 298

Linschoten, John van, 29

Loidi, Augustin, 80

Lombard, Jaques, 14

Lopes, António, 18; 68; 82

Lora, Josefa, 85

Lupi, Nita, 16; 377

M

Machado, Antonio, 18; 42; 371

Madre, Marie-Louise, 374

Malinowski, Bronislaw, 46

Marin, Rodriguez, 16; 17

Markl, Dagoberto, 7

Marreiros, Glória, 69

Martins, Mário, 6

Mascarenhas, Mira, 16

Mason, B., 81

Matos, Gregório de, 277

Mattos, Armando de, 63; 192

Mauss, Marcel, 41; 86

Meireles, Duarte, 310

Melo, Francisco de, 277

Mendes, A. Lopes, 15; 30; 32; 33

Mendes, José, 45

Mendilow, A., 10

- Miranda, Delphim, 69
Miranda, Sá de, 59
Mitchel, E, 81
Moniz, António, 33
Monteiro, Filomena, 62
Morais, Manuel, 61; 83
Morais, Maria, 67
Morais, Tancredo de, 7
Moreira, Júlio, 304
Morgan, Lewis, 44
Morin, Edgar, 445; 450
Muntañola, Josep, 297
- N
- Neto, Carlos, 296
Neves, Guilherme, 63
- O
- Oliveira, Beatriz, 68
Oliveira, Ernesto Veiga de, 61
Oliveira, Manoel de, 75
Opie, Iona, 56; 80
Opie, Peter, 56; 80
Orey, Margarida d', 304
Ormesson, Jean d', 12
Orta, Garcia de, 7
Ortega, Rosario, 43; 53; 54; 69; 307;
372
- P
- Pascoais, Teixeira de, 369
Pedroso, Zófimo, 58
- Peixoto, Mário, 62
Peixoto, Rosa, 62
Pelto, G, 47
Pelto, P., 47
Pépin, Jean-François, 44
Pereira, A. de Bragança, 15; 29; 31; 377
Pereira, Benjamim, 58; 62
Pereira, Maria Isabel, 373
Pereira, Rosa, 67
Perino, Odile, 298
Perrlet, Artus, 46
Pesque, Suzanne, 371
Pessanha, Ana, 19; 299
Pessoa, Fernando, 275
Piaget, Jean, 54; 81; 82; 297
Piçarra, Landislau, 60
Pimentel, João, 296
Pinon, Roger, 308; 356
Pinto, Fernão Mendes, 29
Pires, António, 61
Pitágoras, 295
Platão, 85
Pombo, António, 18; 67
Portinari, Maribel, 366; 368
Prestes, António, 277
Prim, Fernanda, 367
Pulaski, 310
- Q
- Quadros, Jerónimo, 33; 34

R

Raabe, Juliette, 310
Rabelais, François, 78
Ramos, Emanuel, 6
Rebelo, Joaquim, 370
Rego, António Silva, 7
Reis, Cristina, 304
Resende, Garcia de, 64
Ribas, Tomaz, 19; 365; 367; 373
Ribeiro, João, 45
Ribeiro, Orlando, 27
Rijnen, José, 297
Rodrigues, Alzira, 62
Rodrigues, António, 6; 25; 29; 30
Rodrigues, Lúcio, 16
Rodrigues, Mário, 372
Rolo, Maria da Conceição, 63; 277; 373
Romero, Luis, 17

S

Sanchis, Pierre, 432; 434
Santo, Moisés Espírito, 451
Santos Jr., J., 61
Santos, João dos, 193
Santos, José Ary dos, 304
Santos, Leonor, 19
Santos, Maria Manuela dos, 67
Santos, Reynaldo dos, 16
Saraiva, António José, 13; 26; 29
Sasportes, José, 366
Schwarz, Fernand, 445; 450

Seabra, Manuel, 6; 29
Sequeira, Ferraz, 60
Sequeira, Gustavo, 6
Sérgio, Manuel, 65
Serra, Mário Cameira, 19; 67; 68; 78;
83; 373; 447
Serrão, Joel, 25; 29; 32; 33
Shapiro, Harry, 14
Shende, N.R., 3
Silva, Alexandrino, 62
Silva, Cristovão, 61; 83
Silva, Elísio, 68; 80
Silva, Idalina da, 62; 274
Silva, Maria Isabel, 63
Silva, Maria Madalena, 64
Silva, Sena da, 304
Simões, Alzira, 451
Simões, M., 46
Simões, Rui, 82
Smith, A., 42
Sousa, Agostinho, 434
Sousa, Carolina, 53
Sousa, Nora de, 12; 433; 437
Sousa, Tomé de, 68; 82; 373
Splunteren, Carla van, 56
Stallybrass, 85

T

Tacou, Constantin, 300
Tagore, Rabindranath, 357
Tavares, Adérito, 447

Teixeira, Fernando, 433; 434

Teixeira, Madalena, 74; 360

Teixeira, Manuela, 75

Teixeira, Rosa, 61

Thomson, John, 42

Torga, Miguel, 71; 435; 436

V

Varenne, Jean, 79

Vasconcelos, José Leite de, 17; 58; 59

Veiga, Pires, 67; 447

Vicente, Gil, 59; 277

Villa, Javier, 434

Viterbo, Sousa, 60

Vygotsky, Lev, 54

W

Wallon, Henri, 81; 86; 296

X

Xavier, Carlos, 57

12 - APÊNDICES

APÊNDICE A

Oficio do Dr. P. P. Shirodkar, Director do *Directorate of Archives, Archeology and Museum*, Pangim, Goa



Dr. P.P. Shirodkar
Director

GOVERNMENT OF GOA, DAMAM AND DIU
Directorate of Archives,
Archaeology & Museum,
Panaji - Goa.

D. O. No. 1/85/DAAM-318

Dated: 29/3/1985.

Dear Mrs. Brás,

Kindly refer to your letter dated 28th March 1985; wherein you have expressed your desire to do research on physical education in the primary schools as well as the traditional games during the erstwhile portuguese regime.

The subject is quite interesting and you may get a lot of material on the topics in our Archives as well as in other libraries in this Union Territory. If you complete the work, it is felt, it will be a very good contribution to Indo - Portuguese cultural history.

With all good wishes,

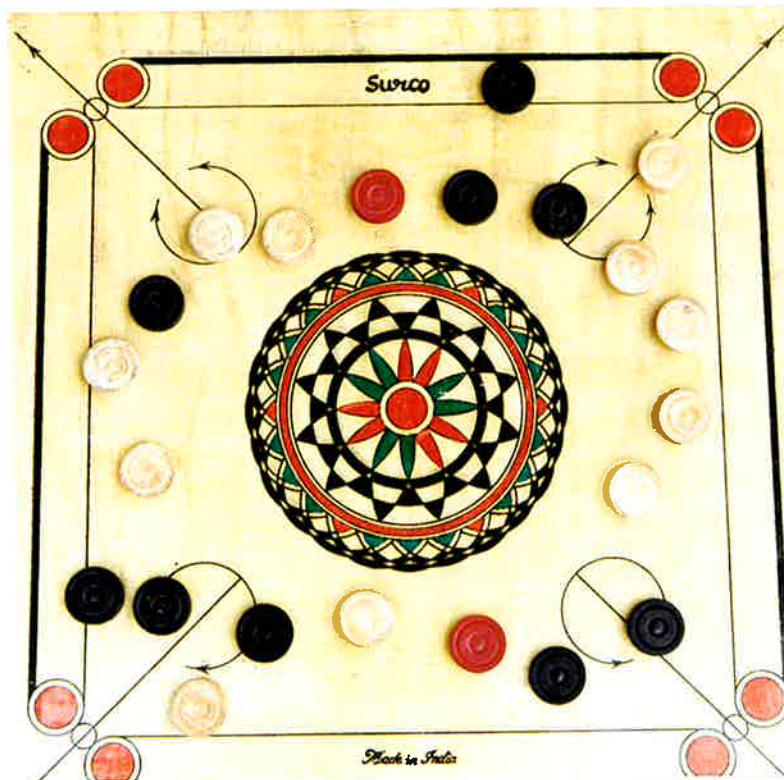
Yours

(P. P. Shirodkar)

To,
Mrs. Constanca Brás.
AV. 8 de Outubro, No. 90- 1^o D to.
8000 - FARO
PORTUGAL.

APÊNDICE B

Troca de materiais lúdicos entre o representante do Governo de Goa e o Presidente da Câmara Municipal de Faro.



APÊNDICE C

Mapa das localizações de Portugal na Europa e de Goa, Damão e Diu na Índia.



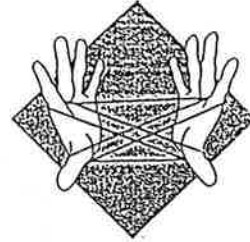
APÊNDICE D

Ficha utilizada para recolha de Jogos Tradicionais

PORTUGAL - INDIA

Jogos Tradicionais

Estudo Comparativo



CLASSIFICAÇÃO

Nº

PORTUGAL

INDIA

nome

região

espaço

época

material

nº de participantes

idades

sexo

REGRAS

con - conca

ing - inglês

PORTUGAL

INDIA

VARIANTES

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

ESQUEMA

RECOLHA DE CAMPO

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

OBSERVAÇÕES

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

APÊNDICE E

Ficha utilizada para recolha de Objectos Lúdicos

PORTUGAL - ÍNDIA

Objectos Lúdicos

Estudo Comparativo

		Nº...
PORTUGAL	PAÍS	ÍNDIA
	NOME	
	ESPAÇO	
	ÉPOCA	
	AQUISIÇÃO	
	PARTICIPANTES	
	IDADE	
	SEXO	

MATERIAL

OBSERVAÇÕES

APÊNDICE F

Ficha utilizada para recolha de Danças, Rondas e Jogos Cantados

PORTUGAL - INDIA

Danças, Rondas e Jogos Cantados

Estudo Comparativo

PORTUGAL ou ÍNDIA

NOME:	Nº
-------	----

LETRA:

MÚSICA:

COREOGRAFIA:

Posição inicial: -Desenvolvimento: -

ESPAÇO:

SEXO:

IDADE:

ÉPOCA:

VARIANTES:

LOCAL DE RECOLHA:

OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE G

Mapa de Portugal com indicação do Algarve e respectivos concelhos



APÊNDICE G₁

Lista das escolas do Ensino Básico do 1º ciclo fornecida pela Direcção Regional de Educação do Algarve

CONCELHO	FRÉGUESIA	ESCOLA	C. MARIM		
ALBUFEIRA			08 04 001	Azinhai	Azinhai
08 01 001	Albufeira	Albufeira nº1	08 04 004	Altura	Lagoa-Altur
08 01 002	"	Brejos	08 04 005	"	Barrocal
08 01 003	"	Ferreiras	08 04 006	C. Marim	C. Marim nº1
08 01 004	"	Fontainhas Int.	08 04 007	" "	Junqueira
08 01 005	"	Mouraria	08 04 008	" "	SBartolomeu
08 01 006	"	Olhos Água	08 04 009	Odeleite	Alta Mor
08 01 007	"	Sesmarias	08 04 015	"	Odeleite
08 01 008	"	Vale Carro	08 04 018	C. Marim	Rio Seco
08 01 009	Guia	Guia	08 04 020	" "	C. Marim nº2
08 01 010	"	Vale de Parra	FARO		
08 01 011	"	Vale Verde	08 05 001	Conceição	Conceição
08 01 013	Paderne	Paderne	08 05 002	"	Ferradeira
08 01 014	"	Ribeira Alte	08 05 005	Estoi	Estoi
08 01 015	"	Cerro Ouro	08 05 006	"	Sambada
08 01 016	"	Vale Pegas nº1	08 05 008	S. Luis	Faro nº 1
08 01 017	Albufeira	Albufeira nº2	08 05 009	S. Pedro	Faro nº 2
ALCOUTIM			08 05 010	" "	Faro nº 3
08 02 001	Alcoutim	Alcoutim	08 05 011	Sé	Faro nº 4 Int.
08 02 002	"	Balurcos	08 05 012	"	Faro nº 5
08 02 004	"	Guerreir. Rio	08 05 013	"	Faro nº 6
08 02 009	Giões	Giões	08 05 016	StºBárb.Nexe	Bordeira
08 02 013	Martinlongo	Martinlongo	08 05 017	" " "	Gorjões nº 1
08 02 014	"	Pessegueiro	08 05 019	" " "	Medronhal
08 02 019	"	Pereiro	08 05 021	" " "	StºBar.Nexe
08 02 022	Vaqueiros	Alcarias	08 05 022	S. Pedro	Ilha Ancão
08 02 024	"	Vaqueiros	08 05 023	" "	Mar e Guerra
08 02 026	"	Zambujal	08 05 024	" "	Mata Lobos
ALJEZUR			08 05 025	" "	Marchil
08 03 002	Aljezur	Aljezur	08 05 026	" "	Montenegro
08 03 004	Rogil	Mº. Vinagre	08 05 027	" "	Patacão
08 03 006	"	Rogil	08 05 029	Sé	Areal Gordo
08 03 007	Aljezur	Vales	08 05 030	"	Ilha Culatra
08 03 009	Bordeira	Carrapateira	08 05 033	Estoi	Alcaria Cova
08 03 013	Odeceixe	Odexeixe	08 05 034	"	Arjona
08 03 014	"	Azia	LAGOA		
			08 06 001	Estômbar	Estômbar
			08 06 003	"	Mexilhoeira
			08 06 004	"	Parchal
			08 06 005	"	Vale de Lapa
			08 06 006	Ferragudo	Ferragudo

08 08 037	Querença	Mesquita
08 08 038	"	Querença nº1
08 08 040	"	Tor
08 08 043	Salir	Cortelha
08 08 044	"	F. Seco Cima
08 08 048	"	Salir
08 08 051	S. Clemente	Areiro nº 1
08 08 052	" "	Clareanes
08 08 053	" "	Goldra
08 08 054	" "	Poço Amoreira
08 08 055	" "	" Novo
08 08 056	S. Sebastião	Estação
08 08 057	" "	Gilvrazino
08 08 059	" "	Monte Seco
08 08 060	" "	Palmeiral
08 08 061	" "	Vale Judeu
08 08 063	" "	Areiro nº 2
08 08 065	Alte	Azinhal
08 08 070	"	Sª Margarida
08 08 073	S. Clemente	Loulé nº 4
08 08 074	Quarteira	Quarteira 2
MONCHIQUE		
08 09 001	Alferce	Alferce
08 09 011	Marmelete	Marmelete
08 09 015	"	Rua Nova
08 09 016	Monchique	Alcaria Peso
08 09 019	"	Brejo
08 09 020	"	Caldas
08 09 021	"	Casais
08 09 030	"	Monchique 1
08 09 031	"	Monchique 2
08 09 032	"	Nave
08 09 037	Marmelete	Três Figos
OLHÃO		
08 10 001	Fuseta	Fuseta Int.
08 10 002	Moncarapacho	Bias do Sul
08 10 003	"	Estiramanténs
08 10 004	"	Maragota
08 10 005	"	Moncarapacho
08 10 06	"	Pereiro
08 10 007	Olhão	Olhão nº 1 Int.
08 10 008	"	Olhão nº 2 Int.

08 06 007	Lagoa	Alfanzina
08 06 008	Carvoeiro	Carvoeiro
08 06 009	Lagoa	Lagoa
08 06 010	"	Vale d El-Rei
08 06 011	Porches	Alporchinhos
08 06 012	"	Porches
LAGOS		
08 07 001	Barão S. João	Barão S. João
08 07 002	Bensafrim	Bensafrim
08 07 007	Luz	Almádena
08 07 008	"	Espiche
08 07 011	Odeáxere	Odeáxere
08 07 013	S. Sebastião	Lagos nº1-Int.
08 07 015	Santa Maria	Lagos nº 2
08 07 016	" Sebastião	Lagos nº 3 Int.
08 07 017	" "	Chinicato
08 07 018	" "	Meia Praia
08 07 019	" "	Portelas
08 07 020	" "	Sargaçal
08 07 021	Luz	Luz
LOULÉ		
08 08 001	Almancil	Almancil
08 08 002	"	Calijos
08 08 003	"	Escanchinas
08 08 004	"	S. João Venda
08 08 005	"	S. Lourenço
08 08 006	"	Vale Éguas
08 08 007	Alte	Alte
08 08 009	Benafim	Benafim
08 08 010	Alte	Cortinhola
08 08 017	Ameixial	Ameixial
08 08 024	Boliqueime	Benfarras
08 08 025	"	Boliqueime
08 08 027	"	Patã
08 08 028	"	S. Faustino
08 08 030	"	Vale Silves
08 08 031	S. Sebastião	Loulé nº 1 Int.
08 08 032	S. Clemente	Loulé nº 2
08 08 033	" "	Loulé nº 3 Int.
08 08 034	Quarteira	Fonte Santa
08 08 035	"	Quarteira nº1
-	-	-

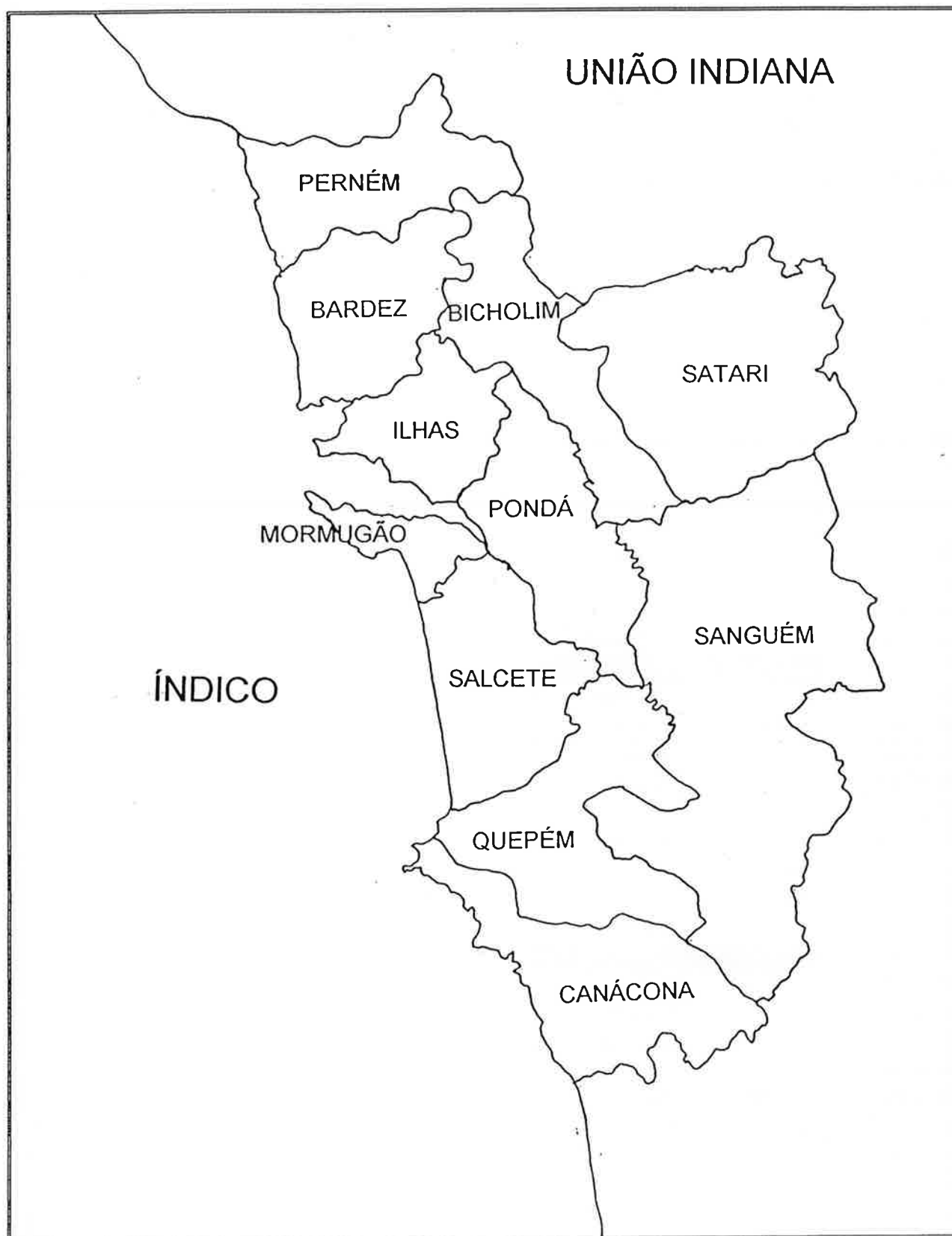
08 10 010	"	Olhão nº 3
08 10 012	"	Olhão nº 4 Int.
08 10 013	"	Olhão nº 5 Int.
08 10 017	"	Olhão nº 6
08 10 018	Pechão	Pechão nº1
08 10 019	Quelfes	Alecrineira
08 10 020	"	Brancanes
08 10 021	"	Marim nº1
08 10 022	"	Quelfes
08 10 023	Pechão	Pechão nº 2
08 10 024	Quelfes	Marim nº 2
PORTIMÃO		
08 11 001	Alvor	Alvor
08 11 002	"	Mont. Alvor
08 11 004	Mex. Grande	Figueira
08 11 005	" "	Mex. Grande
08 11 006	" "	Montes Cima
08 11 007	" "	Pereira
08 11 008	" "	Poio
08 11 009	" "	Sª do Verde
08 11 010	Portimão	Chão Donas
08 11 012	"	Portimão nº 1
08 11 013	"	Portimão nº2
08 11 014	"	Portimão nº3
08 11 016	"	Porto Lagos
08 11 018	"	Vendas
08 11 020	"	Portimão nº4
08 11 021	"	Portimão nº5
S.B.ALPORTE		
08 12 001	S.B. Alportel	Almargens
08 12 002	" " "	Alportel
08 12 004	" " "	Corotelo
08 12 006	" " "	Mesquita Baixa
08 12 008	" " "	Mealhas
08 12 009	" " "	Parises
08 12 010	" " "	S.B. Alp. nº 2
08 12 011	" " "	Vilarinhos
08 12 012	" " "	Peral
08 12 014	" " "	S.B. Alp. nº1
SILVES		
08 13 001	Alcantarilha	Alcantarilha
08 13 002	"	F. Louseiros

08 13 003	"	Malhão
08 13 004	"	Algôs
08 13 005	"	Ribª. Alta
08 13 006	"	Ribª. Baixa
08 13 007	Tunes	Tunes
08 13 008	Arm. Pera	Armação Pera
08 13 009	Pera	Pera
08 13 010	"	V. Margem
08 13 011	S. B. Messines	Amorosa
08 13 012	" " "	Barrocal
08 13 013	" " "	Benaciate
08 13 014	" " "	Calvos
08 13 014	" " "	Cumeada
08 13 016	" " "	Foz Ribeiro
08 13 017	" " "	Monte Boi
08 13 018	" " "	Nora
08 13 019	" " "	Perna Seca
08 13 020	" " "	Pico Alto
08 13 021	" " "	Portela
08 13 022	" " "	S. B. Messines
08 13 024	" " "	Vale Fuseiro
08 13 027	S. M. Serra	Ázilheira
08 13 034	" " "	S. M. Serra
08 13 035	Silves	Falacho
08 13 036	"	Loubite
08 13 037	"	Silves nº 1
08 13 038	"	Odelouca
08 13 039	"	Poço Barreto
08 13 040	S. B. Messines	Rib. Arade -1
08 13 041	Silves	Stº Estêvão-1
08 13 043	"	Torres Cercas
08 13 044	"	Vila Fria
08 13 045	"	Font. Matosa
08 13 046	Algôs	Paço e Corgo
08 13 047	"	Stº Estêvão-2
08 13 048	S. B. Messines	Rib. Arade - 2
08 13 051	Silves	Poço Deão
08 13 053	"	Silves nº2
TAVIRA		
08 14 001	Cachopo	Cachopo
08 14 010	Conceição	Conceição nº1
08 14 011	"	C. Antº Martins

08 14 012	"	Estorninhos	08 16 015	" " " "	" " " n° 3
08 14 013	"	Faz Fato	08 16 016	" " " "	Hortas n° 2
08 14 014	"	Ribeirinha	08 16 017	V.N.Cacela	V.N.Cacela - 2
08 14 015	Luz	Am.Gonçalves			
08 14 016	"	Igreja-Luz			
08 14 017	"	Pinheiro-Liv.			
08 14 019	StªCatarina	Aldeia n° 1			
08 14 022	" "	Marco			
08 14 025	" "	V.do Vinagre			
08 14 030	Santa Maria	Fonte Salgada			
08 14 031	" "	Vale Covo			
08 14 032	" "	Vale da Murta			
08 14 033	Santiago	Bernardinheiro			
08 14 034	Santa Luzia	Stª Luzia n° 1			
08 14 035	StºEstêvão	Igr.StºEstêvão			
08 14 036	" "	Malhão-Norte			
08 14 037	Santiago	Tavira n° 1			
08 14 038	Santa Maria	Tavira n° 2			
08 14 041	Conceição	Conceição n° 2			
08 14 042	Stª Catarina	Aldeia n° 2			
08 14 043	Santa Luzia	Stª Luzia n°2			
08 14 046	Santiago	Stª Margarida			
VILA BISPO					
08 15 001	B. S. Miguel	Ā. S. Miguel			
08 15 002	Budens	Budens			
08 15 003	"	Burgau			
08 15 004	"	Figueira			
08 15 005	"	Salema			
08 15 006	Raposeira	Raposeira			
08 15 007	Sagres	Sagres n° 1			
08 15 010	Vila do Bispo	Vila do Bispo			
08 15 011	Sagres	Sagres n° 2			
V.R.StAntónio					
08 16 001	V.N.Cacela	Fonte Santa			
08 16 002	" " "	Manta Rota			
08 16 005	" " "	Santa Rita			
08 16 006	" " "	V.N.Cacela -1			
08 16 007	V. R. Stº Antº.	Hortas n° 1			
08 16 008	Monte Gordo	Monte Gordo 1			
08 16 010	" "	" Gordo n°2			
08 16 012	V.R.Stº Antº	V.R.StºAntº 1			
08 16 013	" " " "	" " " " n°2			

APÊNDICE H

Mapa de Goa com indicação das respectivas divisões administrativas



APÊNDICE H₁

Lista das escolas do Ensino Primário fornecida pelos Serviços de Educação

LIST OF GOVERNMENT PRIMARY SCHOOLS:

Sl. No.	Name of the Primary School	Urban/Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat.
A) DISTRICT: NORTH GOA:					
TALUKA PERNEM (87 SCHOOLS):					
1.	G.P.S. Pernem	Urban	Marathi	I-IV	Pernem Municipality
2.	" Bhironewada	"	"	"	"
3.	" Agarwada	Rural	"	"	Agarwada Panchayat
4.	" Chopdem	"	"	"	"
5.	" Aroba, Dhargal	"	"	"	Dhargal Panch.
6.	" Chicola, Dhargal	"	"	"	"
7.	" Deulwada, Dhargal	"	"	"	"
8.	" Dhalbhat, Dhargal	"	"	"	"
9.	" Mahakhajan, Dhargal	"	"	"	"
10.	" Oshalbag, Dhargal	"	"	"	"
11.	" Shirgal	"	"	"	"
12.	" Tiwade, Dhargal	"	"	"	"
13.	" Khutwal	"	"	"	Halarn Panch.
14.	" Deulwada, Harmal	"	"	"	Harmal Panch.
15.	" Girkarwada	"	"	"	"
16.	" Harmal (Main)	"	"	"	"
17.	" Khalchawada Harmal	"	"	"	"
18.	" Parsekarwada	"	"	"	"
19.	" Hedus	"	"	I, II-III	Ibrepur Panchayat.
20.	" Bodgul	"	"	I-IV	Kassarvane Panchayat.
21.	" Chandel	"	"	"	"
22.	" Hali	"	"	"	"
23.	" Sada	"	"	I & II	"
24.	" Ozari, Madkai	"	"	"	Ozari Panchayat
25.	" Gothanwada, Ozari	"	"	"	"
26.	" Sangawada, Ozari	"	"	"	"
27.	" Bhendalem, Ozari	"	"	I, II&III	"
28.	" Madhalawada, Keri	"	"	I-IV	Keri Panch.
29.	" Talwada, Keri	"	"	Kg.IV	"
30.	" Terekhol	"	English	I, II&III IV	"

Sl. No.	Name of the Primary School	Urban/Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat.
31.	G.P.S. Bhaid	Rural	Marathi	I-IV	Korgao Panchayat.
32.	" Bhalkhajan	"	"	"	"
33.	" Bhatwadi, Korgao	"	"	"	"
34.	" Deulwada	"	"	"	"
35.	" Devsu	"	"	"	"
36.	" Gaonkarwada	"	"	"	"
37.	" Konedi	"	"	"	"
38.	" Manshiwada	"	"	"	"
39.	" pethechawada	"	"	"	"
40.	" Asvem, Mandrem	"	"	"	Mandrem panch.
41.	" Askawada, Mandrem	"	"	"	"
42.	" Dandoswada, Mandrem	"	"	"	"
43.	" Deulwada, Mandrem	"	"	"	"
44.	" Junaswada, Mandrem	"	"	"	"
45.	" Madhalamaj, Mandrem	"	"	Kg-IV	"
46.	" Naikwada, Mandrem	"	"	I-IV	"
47.	" Sawantwada, Mandrem	"	"	"	"
48.	" Selgaonkarwada, Mandrem	"	"	"	"
49.	" Banderkarwada, Morjim	"	"	Kg.IV	Morji panch.
50.	" Deulwada, Morjim	"	"	I-IV	"
51.	" Kannaikwada, Morjim	"	"	"	"
52.	" Katteawada, Morjim	"	"	"	"
53.	" Madhalawada, Morjim	"	Konkani English	I, II & III IV	"
54.	" Mardiwada, Morjim	"	Marathi	I-IV	"
55.	" Pokewada, Morjim	"	"	"	"
56.	" Vithaldawada, Morjim	"	"	"	"
57.	" Bandarwada, Palye	"	"	"	Palye Panch.
58.	" Kiranpani	"	"	"	"
59.	" Naikwada	"	"	"	"

No.	Name of the Primary School	Place	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat
60.	G.P.S. Chonsai, Parsem	Rural	Marathi	I-IV	Parsem Panchayat
61.	" Chawdewada, Parsem	"	"	"	"
62.	" Madhalawada, Parsem	"	"	"	"
63.	" Vaidongor, Parsem	"	"	"	"
64.	" Bhatpewani, Poraskadem	"	"	"	Poraskadem Panchayat
65.	" Khajane Poraskadem	"	"	"	"
66.	" Kondalwada	"	"	"	"
67.	" Naibag	"	"	"	"
68.	" Vithaladevi	"	"	"	"
69.	" Fakirphata	"	"	"	Torsem panch.
70.	" Lamgerbag, Torsem	"	"	"	"
71.	" Shahid Karnalsing Banipal, Patradevi	"	"	"	"
72.	" Sakral	"	"	"	"
73.	" Torsem, Tal	"	"	"	"
74.	" Bandarwada, Tuem	"	"	"	Tuem Panch.
75.	" Harmalkarwada, Tuem	"	"	"	"
76.	" Katurlim, Tuem	"	"	"	"
77.	" Murmuse	"	"	"	"
78.	" Kadshi Mopa	"	"	"	Ugve Panch.
79.	" Tambose, Tal	"	"	"	"
80.	" Nanyache Pani	"	"	"	Varkhand Panchayat
81.	" Varkhand	"	"	"	"
82.	" Shameche Adwan	"	"	I-IV	"
83.	" Tulaskarwadi	"	"	"	"
84.	" Amai, Tal	"	"	"	Virnoda Panchayat
85.	" Bhatwadi	"	"	"	"
86.	" Malpe	"	"	"	"
87.	" Valpe	"	"	"	"

Sl. No.	Name of the Primary School	Urban/Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat
<u>TALUKA BARDEZ (88 SCHOOLS):</u>					
88.	G.P.S. Duler, Mapusa	Urban	Marathi Urdu	I-IV "	Mapusa Municipality
89.	" Gaunsawada, Mapusa	"	Marathi Urdu	" English IV	"
90.	" Kamarkhajan, Mapusa	"	Marathi	I-IV	"
91.	" Karaswada, Mapusa	"	"	"	"
92.	" Kuchelim, Mapusa	"	"	"	"
93.	" Khobrawada, Calangute	"	"	"	Calangute Panch.
94.	" Naikawada, Calangute	"	Konkani Marathi	I-III I-IV	"
				English IV	
95.	" Sawantwada, Calangute	"	Konkani Marathi	I-III I-IV	"
				English IV	
96.	" Bamonwada, Siolim	"	Marathi	Kg-IV	Siolim Panch.
97.	" Dando, Siolim	"	"	I-IV	"
98.	" Gholmarna, Siolim	"	"	"	"
99.	" Gudem, Siolim	"	"	"	"
100.	" Rai, Siolim	"	"	"	"
101.	" Trop, Siolim	"	"	"	"
102.	" Vadi, Siolim	"	"	"	"
103.	" Aldona	Rural	"	"	Aldona Panch.
104.	" Carona	"	"	"	"
105.	" Khorjuem	"	"	"	"
106.	" Gorjuem	"	"	"	"
107.	" Podwal	"	"	Kg-IV	"
108.	" Quitula	"	Konkani Marathi	I & III I-IV	"
				English IV	
109.	" Araiswada	"	Marathi	I-IV	Arpora Panch.
110.	" Nagoa, Arpora	"	Konkani Marathi	I&II I-IV	"
				English IV	
111.	" Sakwadi Bag, Arpora	"	Marathi	I-IV	"
112.	" Simwada, Arpora	"	"	"	"

			Language	Panchayat
113.	G.P.S. Assagao	Rural	Marathi I-IV	Assagao Panchayat
114.	" Badem, Assagao	"	"	"
115.	" Munang	"	"	"
116.	" Sakhalwada, Assagao	"	"	"
117.	" St. Cruz, Bastora	"	"	Bastora Panch.
118.	" Xell, Bastora	"	Marathi I-IV English IV	"
119.	" Bharwanwada	"	Marathi I-IV	Camurlim Panchayat
120.	" Camurlim	"	Marathi Kg-I&IV	"
121.	" Caturliwada, Camurlim	"	Marathi I-IV	"
122.	" Oxel, Vegali	"	Marathi Kg-IV	"
123.	" Khairat, Oxel	"	Marathi I-IV	"
124.	" Poryachawada, Camurlim	"	"	"
125.	" Ganca	"	Marathi Kg-IV	Ganca Panch.
126.	" Verla	"	Marathi Kg-IV	"
127.	" Abade Faria, Candolim	"	Konkani I-III Marathi I-IV English IV	Candolim Panch.
128.	" Aguad	"	Marathi II&III	"
129.	" Confreniwada, Candolim	"	" I-IV	"
130.	" Dando, Candolim	"	Konkani I-III Marathi I-IV English I&IV	"
131.	" Saipem, Candolim	"	Marathi I-IV	"
132.	" Bandarwada, Chapora	"	"	Chapora Panchayat
133.	" Chapora	"	"	"
134.	" Chiwar, "Band	"	"	"
135.	" Hudo	"	"	"
136.	" Tembi	"	"	"
137.	" Coniwada, Colvale	"	"	Colvale Panch.
138.	" Chikali, Colvale	"	"	"
139.	" Tarwada, Colvale	"	Marathi Kg-IV	"
140.	" Monte de Guirim	"	Konkani I-III Marathi I-IV English IV	Guirim Panch.
141.	" Namoxim, Guirim	"	English IV Marathi I-IV	"

Sl. No.	Name of the Primary School	Urban/Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat.
142.	G.P.S. Bambordem, Moira	Rural	Marathi	I-IV	Moira Panchayat
143.	" Nachinola	"	"	"	"
144.	" Nerul	"	"	KG-I-IV	Nerul Panch.
145.	" Oxel Bhati	"	"	I-IV	Oxel Panch.
146.	" Oxel, Chopdem	"	"	I- IV	"
147.	" parra	"	English	I-IV IV	Parra Panchayat
148.	" Alto Betim	"	Marathi	I-IV	penha de France Panch.
149.	" Betim	"	Marathi English	I-IV IV	"
150.	" Virlosa	"	Marathi	I-IV	"
151.	" Maicawada, Pilerne	"	"	"	Pilerne Panchayat
152.	" Maina, Pilerne	"	"	"	"
153.	" Savlem, Pilerne	"	"	"	"
154.	" Kel, Pirna	"	Marathi English	I-IV IV	Pirna Panch.
155.	" Kelwada, Pirna	"	Marathi	I-IV	"
156.	" Talap, Pirna	"	"	KG-I-IV	"
157.	" Tanodiwada, Pirna	"	"	"	"
158.	" Pomburpa	"	"	I-IV.	Pomburpa Panchayat
159.	" Juvem, Nadora	"	"	"	Revora Panchayat
160.	" Korkyachowal, Revora	"	"	"	"
161.	" Madat, Revora	"	"	"	"
162.	" Magilwada, Revora	"	"	"	"
163.	" Tank Tevora	"	"	"	"
164.	" Deulwada, Betim Verem	"	"	"	Reis Magoss Panchayat
165.	" Quitula Salvador do Mundo	"	"	"	Salvador do Mundo Panch.
166.	" Serula, Britona	"	"	"	"
167.	" Serula, Paithan	"	"	"	"
168.	" Sangolda	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV	Sangolda Panchayat
169.	" Joshwada, Succorro	"	Marathi	I-IV	Succorro Panch.
170.	" Kharem. Soccorro	"	"	"	"
171.	" Cansa, Thivim	"	"	"	Thivim Panchayat
172.	" Madel, Thivim	"	"	"	"
173.	" Sirsai	"	"	KG-I-IV	"

174.	G.P.S. Kuttawadi, Deaswad	Rural	Marathi English	I-III I-IV IV	Deaswad Panchayat
175.	" Pallea, Deaswad	"	Marathi	I-IV	"

TALUKA BICHOLIM (85 SCHOOLS):

176.	G.P.S. Borde No. 1	Urban	Marathi	KG-IV	Bicholim Municipal
177.	" Borde No. 2	"	"	"	"
178.	" Kantar Dabdaba	"	"	"	"
179.	" Longao	"	"	"	"
180.	" Valshi	"	"	"	"
181.	" Amona, Tal	Rural	"	"	Amona Panch
182.	" Kharwada	"	"	"	"
183.	" Bandarwada	"	"	"	"
184.	" Dhargarwada	"	"	"	Advalpal Panchayat
185.	" Falwadi, Kudne	"	"	"	Kudne Panch
186.	" Karmale, Kudne	"	"	"	"
187.	" Kudne	"	"	KG-IV	"
188.	" Dodamarg	"	"	I-IV	Latambarcem Panchayat
189.	" Kharpal	"	"	"	"
190.	" Khaitwada, Kasarpal	"	"	"	"
191.	" Kasarpal	"	"	"	"
192.	" Ussap	"	"	"	"
193.	" Vadv, Deulwada	"	"	"	"
194.	" Vadv, Dhargarwada	"	"	"	"
195.	" Vadv, Naikwada	"	"	"	"
196.	" Mavlinguem	"	"	"	Mavlinguem Panchayat
197.	" Naigin, Kudchirem	"	"	"	"
198.	" Van	"	"	"	"
199.	" Paltadwada	"	"	"	"
200.	" Bhavkai, Maye	"	"	"	Maye Vaiguni Panchayat
201.	" Jambulbhat Maye	"	"	"	"
202.	" Chich Bhatwadi	"	"	"	"
203.	" Deus Bhatwadi	"	"	"	"
204.	" Mayem, Gaokarwada	"	"	"	"
205.	" Haturli	"	"	KG-IV	"
206.	" Haldonwadi	"	"	I-IV	"
207.	" Kumbharwada	"	"	"	"
208.	" Sikeri	"	"	"	"
209.	" Vaigini	"	"	"	"
210.	" Varpal	"	"	"	"

No.	Name	Language	Class	Location
211.	G.P.S. Amthane	Marathi	I-IV	Pankarshi Panchayat
212.	" Dhumashe	"	I-III&IV	"
213.	" Menkurem	"	I-IV	"
214.	" Gaonkarwada, Mulgao	"	"	Mulgao-Shirigao Panchayat
215.	" Mulgao	"	"	"
216.	" Manasbag	"	"	"
217.	" Shirigao	"	"	"
218.	" Fanaswadi	"	"	Navelim Panchayat
219.	" Navelim	"	"	"
220.	" Ghongadi	"	"	"
221.	" Maini	"	"	"
222.	" Deulwada Narve	"	"	Narve Panch.
223.	" Murdiwada Narve	"	"	"
224.	" Ambeshi	"	"	Pale-Kothambi Panchayat
225.	" Bhamai	"	"	"
226.	" Kothambi, Surla	"	"	"
227.	" Khajan	"	"	"
228.	" Nawarwada	"	"	"
229.	" Rumod	"	"	"
230.	" Tale Pale	"	"	"
231.	" Tishe	"	"	"
232.	" Bagwada	"	"	Pilgao Panch.
233.	" Mathwada	"	"	"
234.	" Sarmanas	"	"	"
235.	" Gaothan	"	"	Sanquelim Panchayat
236.	" Ghadiwada	"	"	"
237.	" Harvale Upper	"	"	"
238.	" Harvale Lower	"	"	"
239.	" Pratap Nagar, Harvale	"	"	"
240.	" Karekhajan	"	"	"
241.	" Vazari	"	"	"
242.	" Viridi, Sanquelim	"	"	"
243.	" Bholwada	"	"	Sarvan-Karapur Panchayat
244.	" Karapur, Kothi	"	"	"
245.	" Kudapwada	"	"	"
246.	" Sarvan	"	"	"
247.	" Vathadev	"	"	"
248.	" Vithalpur	Marathi	KG-IV	"
249.	" Vhavati, Vathadeu	Urdu Marathi	I-IV I-IV	"

No.	Name of the Primary School	Medium	Classes taught	Municipality/panchayat.	
250.	G.P.S. Bayem	Rural	Marathi	I-IV	Suria panch.
251.	" Digne	"	"	"	"
252.	" Ghadiwada	"	"	"	"
253.	" Ghodakatad	"	"	"	"
254.	" Khodgini	"	"	"	"
255.	" Kodchal	"	"	"	"
256.	" Tarwada	"	"	"	Sal panch.
257.	" Kummyamala	"	"	"	"
258.	" Kholpewadi	"	"	"	"
259.	" Sal	"	"	"	Velguem panchayat
260.	" Chinchwada, Pale	"	"	"	"

TALUKA SATTARI (102 SCHOOLS):

261.	G.P.S. Massordem	Urban	Marathi	I-IV	Velpoi Municipality
262.	" Nayawada	"	Urdu	"	"
263.	" Nagve	"	Marathi	"	"
264.	" Betkekarwada	Rural	"	"	Bhironda panchayat
265.	" Bhironda	"	"	"	"
266.	" Gaonkarwada Vante	"	"	"	"
267.	" Madai Vante	"	"	"	"
268.	" Nanus	"	Urdu Marathi	I-II-IV	"
269.	" Savarse	"	Marathi	I-IV	"
270.	" Vante	"	"	"	"
271.	" Dhada Melauli	"	"	"	Guleli panch.
272.	" Dhamse	"	"	"	"
273.	" Guleli	"	"	"	"
274.	" Kankire	"	"	"	"
275.	" Maigine	"	"	"	"
276.	" Murmunem	"	"	"	"
277.	" Shel Melauli	"	"	"	"
278.	" Bodanwada	"	"	"	Honda panch.
279.	" Dhangarwada Bhuipal	"	"	"	"
280.	" Gaonkarwada Honda	"	"	"	"
281.	" Ovaliye	"	"	"	"
282.	" Saleli	"	"	"	"
283.	" Soliye	"	"	"	"
284.	" Sonus	"	"	"	"
285.	" Narayan Nagar Honda	"	"	"	"

Sl. No.	Name of the primary School	Urban/ Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat
286.	G.P.S. Baherilwada	Rural	Marathi	I-IV	Keri Panch.
287.	" Goteli No. 1	"	"	"	"
288.	" Goteli No. 2	"	"	"	"
289.	" Kelwada	"	"	"	"
290.	" Keri	"	"	KG-IV	"
291.	" Dhangarwada Keri	"	"	I - IV	"
292.	" Ravan	"	"	"	"
293.	" Shirol	"	"	"	"
294.	" Assodem	"	"	"	Khotoda Panch.
295.	" Barajan	"	"	"	"
296.	" Bimbal	"	"	"	"
297.	" Gaulmal	"	"	"	"
298.	" Khadki	"	"	KG-IV	"
299.	" Malpan	"	"	I-IV	"
300.	" Shelap Khurd	"	"	"	"
301.	" Shirsodem	"	"	"	"
302.	" Gavane	"	"	I-III	"
303.	" Ambelim Khotodem	"	"	II-III	Mause Panch.
304.	" Mause	"	"	I-IV	"
305.	" Dave	"	"	"	"
306.	" Zarme	"	"	KG-IV	"
307.	" Brahma Karmali	"	"	I-IV	Nagargao Panch.
308.	" Shelap Shigne (Thane)	"	"	"	"
309.	" Dabos	"	"	"	"
310.	" Derode	"	"	"	"
311.	" Dhangarwada, Dhavem	"	"	"	"
312.	" Gundelwada, Veluz	"	"	"	"
313.	" Hedode	"	"	"	"
314.	" Kodai	"	"	"	"
315.	" Maloli	"	"	"	"
316.	" Nagargao	"	"	"	"
317.	" Nanoda Bambar	"	"	"	"
318.	" Satode	"	"	"	"
319.	" Satre	"	"	"	"
320.	" Signe	"	"	"	"
321.	" Temkarwada, Uste	"	"	"	"
322.	" Veluz	"	"	"	"

- 46 -

Sl. No.	Name of the Primary School.	Urban/ Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat.
323.	G.P.S. Bhagwada Morle	Rural	Marathi	I-IV	Parye Panch.
324.	" Rehabilitation Colony Morlem	"	"	"	"
325.	" Belwada Parye	"	"	"	"
326.	" Parye	"	"	"	"
327.	" Tamidage, Parye	"	"	I-IV	"
328.	" Dhatwada podose	"	"	"	"
329.	" MHakshekarwada	"	"	"	"
330.	" Morle	"	"	KG-IV	"
331.	" Kesarkarwada.	"	"	I-IV	"
332.	" Deulwada, Morlem	"	"	"	"
333.	" Tulshimol	"	"	"	"
334.	" Galwada, Parye	"	"	I-III	"
335.	" Advai	"	"	I-IV	Pissurlem Panchayat
336.	" Dhatwada Pissurlem	"	"	"	"
337.	" Dhonkalwada	"	"	"	"
338.	" Khodiye	"	"	"	"
339.	" Kumbharkan	"	"	"	"
340.	" Panasam	"	"	"	"
341.	" Pissurlem	"	"	"	"
342.	" Kajaryachi Vhali,	"	"	"	"
343.	" Bandirwada	"	"	"	Sawardem Panchayat
344.	" Dharkand	"	"	"	"
345.	" Karanjol	"	"	"	"
346.	" Sawarde	"	"	"	"
347.	" Sonal	"	"	"	"
348.	" Sheer	"	"	"	"
349.	" Kumthol	"	"	"	"
350.	" Bandorwada	"	"	"	"
351.	" Charvane	"	"	"	"
352.	" Dongurli	"	"	"	Thane Panch.
353.	" Golali	"	"	"	"
354.	" Harijanwada	"	"	"	"
355.	" Hirve Budruk	"	"	"	"
356.	" Hirve Kurd	"	"	"	"
357.	" Naneli	"	"	"	"
358.	" Pal	"	"	"	"
359.	" Riye	"	"	"	"
360.	" Sawantwada Pal	"	"	"	"
361.	" Thane	"	"	"	"
362.	" Patwal	"	"	"	"

No.	NAME OF SCHOOL	TYPE	LANGUAGE	LEVEL	LOCATION
363.	G.P.S. Altinho, Panaji	Urban	Marathi	I-IV	Panaji Municipality
364.	" Chincholem	"	Marathi English	KG-IV IV	"
365.	" Fontainhas	"	Marathi	I-IV	"
366.	" Panaji Central (Masano de Amori)	"	Konkani Marathi English Urdu	I, II & III I-IV IV I-IV	"
367.	" Ramdas Panaji	"	Marathi Kannada	I-IV I-IV	"
368.	" Ramdas, St. Inez	"	Marathi	I-IV	"
369.	" Bal Niketan, Raibandar	"	"	"	"
370.	" Raibandar	"	Marathi English Konkani	KG-IV IV I-II	"
371.	" Dona Paula	"	English Marathi Konkani	IV I-IV I	"
372.	" 1st Bairro St. Cruz	"	Konkani Marathi English	I, II & III I-IV IV	St. Cruz Panchayat
373.	" 2nd Bairro St. Cruz	"	Marathi	I-IV	"
374.	" Banda, St. Cruz	"	Konkani Marathi English	I, II & III I-IV IV	"
375.	" Deulwada St. Cruz	"	Marathi English Konkani	I-IV IV II	"
376.	" Kakra, St. Cruz	"	Marathi	I-IV	"
377.	" Caranzalem	"	Marathi	I-IV	Taleigao Panch.
378.	" Odxel	"	"	"	"
379.	" St. Inez Tonca	"	English Marathi	IV I-IV	"
380.	" S. Paulo	"	Konkani Marathi English	I, II & III I-IV IV	"
381.	" Nagali	"	Marathi	I-IV	"
382.	" Taleigao	"	"	"	"
383.	" Vodlem Bhat	"	Marathi English Konkani	KG-IV IV I, II & III	"
384.	" Bhatim	Rural	English	IV	Batim Panch.
385.	" Maina Bati	"	Konkani English	I, II & III IV	"
386.	" Carambolim	"	Marathi	KG-IV	Carambolim Panchayat
387.	" Manaswada Chimbel	"	Marathi English	I-IV IV	Chimbel Panchayat
388.	" S. Barbara	"	Marathi	I-IV	"

389.	S.P.S. Bhulapi	"	"	I-IV	Corlim Panch.
390.	" Mangoda	"	"	"	"
391.	" Khadapwada Kumbharjua	"	"	"	Cumbharjua Panchayat.
392.	" Gaun-dalim Kumbharjua	"	Marathi English	I&III IV	"
393.	" Gawant Cumbharjua	"	Marathi	I-IV	"
394.	" New Bambolim	"	"	"	Curca Telaulim Panch.
395.	" Old Bambolim	"	Konkani English	I, II&III IV	"
396.	" Vadvad Curca	"	Marathi	I-IV	"
397.	" Gauli Maula	"	"	"	"
398.	" Piedade	"	Marathi English Konkani	I-IV IV III	Goltim Navel Panchayat
399.	" Sateribhat	"	Marathi	I-IV	"
400.	" Devgi Chodan	"	"	"	Madel Chodan Panchayat
401.	" Madel Chodan	"	"	"	"
402.	" Karabhat	"	"	"	"
403.	" Kerem	"	"	KG-IV	"
404.	" Pandawwada	"	"	I-IV	"
405.	" S. Bartholemeo	"	"	"	"
406.	" Dhondebhat	"	"	"	Neura Panch.
407.	" Neura Grande	"	"	"	"
408.	" Neura O. Pequeno	"	"	"	"
409.	" Pale Siridao	"	Konkani English	I, II&III IV	Pale Siridao Panch.
410.	" Dando Pilar	"	Marathi English Konkani	I-IV IV I, II&III	S. Andre Panchayat
411.	" Goa Velha	"	Konkani Marathi English	I, II&III I-IV IV	"
412.	" Akhada	"	Marathi	I-IV	St-Estevam Panchayat
413.	" St. Estevam	"	"	"	"
414.	" St. Estevam Toncawada	"	"	"	"
415.	" Malar Piedade	"	"	KG-IV	S. Matias Neros Panch.
416.	" Neros Divar	"	"	I-IV	"

117.	G.P.S. Ela, Old Goa	Urban	Marathi	I-IV	Old Goa Panch.
118.	" " " " " "	"	"	"	"
119.	" " " " " "	"	"	"	"
120.	" " " " " "	"	"	"	S. Lourenca Panchayat
121.	" " " " " "	"	Konkani English	I, II & III IV	"

TALUKA FONDA (155 SCHOOLS):

122.	G.P.S. Khadpaband, Ponda	Urban	Marathi	KG-IV	Ponda Municipality
123.	" " Purnanand Saraswati Ponda	"	"	I-IV	"
124.	" " Tisk Ponda	"	"	"	"
125.	" " Ponda Centre	"	Marathi English Urdu	I-IV IV I-IV	"
126.	" " Adpoi	Rural	Marathi	I-IV	Adpoi Agapur Panchayat
127.	" " Agapur No.1	"	"	"	"
128.	" " Agapur No.2	"	"	I-III	"
129.	" " Durbhat	"	"	I-IV	"
130.	" " Und Agapur	"	"	"	"
131.	" " Chirpute, Bandora	"	"	"	Bandora Panch.
			Kannada	I-II	
132.	" " Farmagudi	"	Marathi	I-IV	"
133.	" " Gaunem No.1, Bandora	"	"	"	"
134.	" " Kharwada, Bandora	"	"	"	"
135.	" " Kurpes	"	"	"	"
136.	" " Ramnath	"	"	"	"
137.	" " Gaunem No.2	"	"	"	"
138.	" " Talaule	"	"	"	"
139.	" " Undir, Bandoda	"	"	"	"
140.	" " Varad, Bandoda	"	"	"	"
141.	" " Navat Bandoda	"	"	"	"
142.	" " Amaywada, Khandola	"	"	"	Betki Khandola Panchayat
143.	" " Gaonkarwada Khandola	"	"	KG-IV	"
144.	" " Haladanwada, Khandola	"	"	I-IV	"
145.	" " Kurduwada, Khandola	"	"	"	"
146.	" " Talem, Betki	"	"	"	"
147.	" " Wadi Betki	"	"	"	"
148.	" " Betki	"	"	"	"
149.	" " Bhoma	"	"	"	Bhoma Adcolna Banastari Panch.
150.	" " Muslimwada, Bhoma	"	"	"	"

Sl. No.	Name of the Primary School	Urban/Rural	Medium	Classes taught	Municipality Panchayat
451.	G.P.S. Deulwada, Borim	Rural	Marathi	I-IV	Borim panch.
452.	" Paniwada, Borim	"	"	"	"
453.	" Talsai, Borim	"	"	"	"
454.	" Tamshire, Borim	"	"	"	"
455.	" Tishem, Borim	"	"	"	"
456.	" Shasordem	"	"	"	"
457.	" Galshire, Kavlem	"	"	"	Kavlem panch.
458.	" Kapilwshwari	"	"	"	"
459.	" Khalchawada, Dhavli	"	"	"	"
460.	" Kavlem	"	"	"	"
461.	" Varchawada, Dhavli	"	"	"	"
462.	" Amarkhane, Keri	"	"	"	Keri Panchayat
463.	" Arla Keri	"	"	"	"
464.	" Karmale, Keri	"	"	"	"
465.	" Palsore	"	"	"	"
466.	" Satode, Keri	"	"	KG-IV	"
467.	" Dharjo, Kundaim	"	"	I-IV	Kundaim Panch.
468.	" Kundaim Bazar	"	"	KG-IV	"
469.	" Mauzo, Kundaim	"	"	I-IV	"
470.	" Vadi, Kundaim	"	"	"	"
471.	" New Building, Kundaim	"	"	"	"
472.	" Bazar, Khandepar	"	"	"	Kurti Khandepar Panchayat
473.	" Gauthen, Khandepar	"	"	"	"
474.	" Haveli	"	Urdu	"	"
475.	" Kerye, Khandepar	"	Marathi	"	"
476.	" Koperwada, Kurti	"	"	"	"
477.	" Mhalshi, Kurti	"	"	"	"
478.	" Marval, Kurti	"	"	"	"
479.	" Mestawada, Kurti	"	"	"	"
480.	" Murdi, Khandepar	"	"	"	"
481.	" Nagzar, Kurti	"	"	"	"
482.	" Opa, Khandepar	"	"	"	"
483.	" Opawada, Khandepar	"	"	"	"
484.	" Tamdi, Kurti	"	"	"	"
485.	" Zamole, Khandepar	"	"	"	"
486.	" Adan Madkai	"	"	"	Madkai Panch.
487.	" Aksan, Madkai	"	"	"	"
488.	" Dutale, Madkai	"	"	"	"
489.	" Honso, Madkai	"	"	"	"
490.	" Karanzal, Madkai	"	"	"	"
491.	" Malwada, Madkai	"	"	"	"
492.	" Madkai, Centre	"	"	"	"
493.	" Narasa, Madkai	"	"	"	"

No.	Locality	Language	Level	Notes
494.	Bibalwada, Nirankal	Marathi	I-IV	Nirankal Betoda panch.
495.	Bonbag, Betoda	"	"	"
496.	Galwada, Nirankal	"	"	"
497.	Gothawada, Betoda	"	"	"
498.	Kodar, Betoda	"	"	"
499.	Konse, Nirankal	"	"	"
500.	Kumbarwada, Nirankal	"	"	"
501.	Mayanewada, Nirankal	"	"	"
502.	Mattidhad, Nirankal	"	"	"
503.	Mestawada, Betoda	"	"	"
504.	Padel, Betoda	"	"	"
505.	Signewal, Nirankal	"	"	"
506.	Talyewada, Betoda	"	"	"
507.	Amlai, panchwadi	"	"	panchwadi panch.
508.	Digas, panchwadi	"	"	"
509.	Jitone Mat, panchwadi	"	"	"
510.	Map Panchwadi	"	"	"
511.	Mat Vizar Panchwadi	"	"	"
512.	Mudai panchwadi	"	"	"
513.	Ambegan	"	"	"
514.	Vizar panchwadi	"	"	"
515.	Ghano Savoi-Verem	"	"	Savoi Verem Panchayat
516.	Kaungal, Verem	"	"	"
517.	Knede, Savoi-Verem	"	"	"
518.	Pali, Savoi-Verem	"	"	"
519.	Savoi, Ponda	"	"	"
520.	Shilwada, Savoi Verem	"	"	"
521.	Velkas, Savoi Verem	"	"	"
522.	Savoi-Verem	"	KG-IV	"
523.	Anandwadi, Shiroda	"	I-IV	Shiroda Panchayat
524.	Barbhat, Shiroda	"	"	"
525.	Dabolim, Shiroda	"	"	"
526.	Devaddem, Shiroda	"	"	"
527.	Haldai Shiroda	"	"	"
528.	Karmane, Donger	"	"	"
529.	Karai, Shiroda	"	"	"
530.	Mankem, Shiroda	Konkani	I-III	"
531.	Makadsai, Shiroda	Marathi	I-IV	"
532.	pez, Shiroda	"	"	"
533.	pede, Shiroda	"	"	"
534.	Sakre, Shiroda	"	"	"
535.	Shiroda Centre	"	"	"

No.	Name of the Village	Language	Grade	Panchayat
536.	G.P.S. Tariwada, Shiroda	Marathi	I-IV	Shiroda Panchayat.
537.	" Tarwale, Shiroda	" "	" "	" "
538.	" Uddain, Shiroda	" "	" "	" "
539.	" Vazangal, Shiroda	" "	" "	" "
540.	" Vaje, Shiroda	" "	" "	" "
541.	" Chon Shiroda	" "	KG-IV	" "
542.	" Torla	" "	I-IV	" "
543.	" Kaswadi, Talaulim	" "	" "	Talaulim Panch.
544.	" Talaulim	" "	" "	" "
545.	" Wadi Talaulim	" "	" "	" "
546.	" Madapai, Marcela	" "	" "	Tivrem Orgao Panchayat
547.	" Marcela	" "	" "	" "
548.	" Orgao	" "	" "	" "
549.	" Tariwada, Marcela	" "	" "	" "
550.	" Tivrem	" "	" "	" "
551.	" Wadi Tivrem	" "	" "	" "
552.	" Barajan, Usgao	" "	KG-IV	Usgao Panch.
553.	" Dhatwada, Usgao	" "	I-IV	" "
554.	" Kantor, Usgao	" "	" "	" "
555.	" Kasalaye, Tisk Usgao	" Marathi Malyalam	I-IV I-IV	" "
556.	" Nanus, Usgao	" Marathi	I-IV	" "
557.	" paludi, Usgao	" "	" "	" "
558.	" Par, Usgao	" "	" "	" "
559.	" Tankwada, Usgao	" "	" "	" "
560.	" Tiral Usgao	" "	" "	" "
561.	" Daushire	" "	" "	" "
562.	" Apewel, Priol	" "	" "	Veling Mardol Priol Panchayat
563.	" Galwada, Priol	" "	" "	" "
564.	" Gauthan, Priol	" "	" "	" "
565.	" Khajanwada, Veling	" "	" "	" "
566.	" Khede, Priol	" "	" "	" "
567.	" Kone, Priol	" "	" "	" "
568.	" Kunkolim	" "	" "	" "
569.	" Magilwada, Priol	" "	" "	" "
570.	" Mangueshi	" "	KG-IV	" "
571.	" Mardol	" "	I-IV	" "
572.	" Panchame, Priol	" "	" "	" "
573.	" Veling	" "	" "	" "
574.	" Sateribhat, Volvoi	" "	" "	Volvoi Panch.
575.	" Volvoi	" "	" "	" "

DISTRICT - SOUTH

TALUKA SANGUEM (123 SCHOOLS):

576.	G.P.S.	Sanguem	Bhat	Marathi	KG-IV	Sanguem Municipality
577.	"	Sanguem (URDU)	"	Urdu	I-IV	"
578.	"	Dando	"	Marathi	"	"
579.	"	Nandurlem	"	"	"	"
580.	"	Tarimol	"	"	"	"
581.	"	Taripanta	"	"	"	"
582.	"	Vercotta	"	"	"	"
583.	"	Dhargini	Kural	"	"	Bhati Panchayat
584.	"	Volkini Colony No.2	"	"	"	"
585.	"	Potrem	"	"	"	"
586.	"	Kongare	"	"	"	"
587.	"	Villian	"	"	"	"
588.	"	Kumari	"	"	"	"
589.	"	Naiquinim	"	"	"	"
590.	"	Collem	"	Konkani Marathi English	I-III KG-IV IV	Collem Panch.
591.	"	Navawada	"	Marathi	I-IV	"
592.	"	Bimbal	"	"	"	"
593.	"	Velipwada	"	"	"	"
594.	"	Vakekulan	"	"	"	"
595.	"	Matoje	"	"	"	"
596.	"	Bharipwada	"	"	"	"
597.	"	Maidwada	"	"	"	"
598.	"	Shigao	"	"	"	"
599.	"	Sousamall	"	"	"	"
600.	"	Pilyem	"	"	"	Dharbandora Panch.
601.	"	Gauthan	"	"	"	"
602.	"	Dadewada	"	"	"	"
603.	"	Okamb	"	"	"	"
604.	"	Dharbandora	"	"	"	"
605.	"	Marad	"	"	"	"
606.	"	Gurkhem	"	"	"	"
607.	"	Shivade	"	"	"	"
608.	"	Talsai	"	"	"	"
609.	"	Thutad	"	"	"	"
610.	"	Dhulai	"	"	"	"
611.	"	Daukand	"	"	"	"
612.	"	Pratapnagar	"	"	"	"
613.	"	Kalay	"	"	"	Kalay Panchayat
614.	"	Maulingue	"	"	"	"
615.	"	Dhudnai	"	"	"	"
616.	"	Devnamol	"	"	"	"
617.	"	Podarmol	"	"	"	"
618.	"	Valdav	"	"	"	"

No.	Locality	Area	Pop.	Grade	Remarks
619.	C.P.S. Kirlapal	600	2100	I-IV	Kirlapal Dabal Panchayat
620.	" Sadol	"	"	"	"
621.	" Haluliwada	"	"	"	"
622.	" Khamarkhand	"	"	"	"
623.	" Bandol	"	"	"	"
624.	" Karmanc	"	"	"	"
625.	" Morhani-Bandol	"	"	"	"
626.	" Kodli Tisk	"	"	"	"
627.	" Saton	"	"	"	"
628.	" Dabal	"	"	KG-IV	"
629.	" Kalsai	"	"	I-IV	"
630.	" Vagon	"	"	"	"
631.	" Kodli	"	"	"	"
632.	" Kotarli	"	"	"	Kurdi Panchayat
633.	" Sattarkarwada	"	"	"	"
634.	" Chimutwada	"	"	"	"
635.	" Dapode	"	"	I-III	"
636.	" Wado	"	"	I-IV	"
637.	" Wado Col. NO.1	"	"	"	"
638.	" Wado Col. NO.2	"	"	"	"
639.	" Mollem	"	"	"	Mollem Panchayat
640.	" Jambolim	"	"	"	"
641.	" Bandumol	"	"	"	"
642.	" Casavali	"	"	"	"
643.	" Palaskata	"	"	"	"
644.	" Suctalim	"	"	"	"
645.	" Dhat	"	"	"	"
646.	" Nandaran	"	"	"	"
647.	" Barakati Mollem	"	"	"	"
648.	" Netravali	"	"	"	Netravali Panch.
649.	" Bandewada	"	"	KG-IV	"
650.	" Nune	"	"	I-IV	"
651.	" Pat	"	"	I-III&IV	"
652.	" Rundem	"	"	I-IV	"
653.	" Salgini	"	"	"	"
654.	" Verla	"	"	"	"
655.	" Haldikune	"	"	"	"
656.	" Vichundrem	"	"	"	"
657.	" Devare	"	"	"	"
658.	" Tudav	"	"	I-II&IV	"

No.	Village	Language	Grade	Panchayat
650.	Rivona	Marathi	KG-IV	Rivona Panch.
660.	Shivserem	"	I-IV	"
661.	Kevan	"	"	"
662.	Khiman	"	"	"
663.	Chati	"	"	"
664.	Mascaurem	"	"	"
665.	Keri	"	"	"
666.	Colamb	"	"	"
667.	Zambaulim	"	"	"
668.	Murie	"	"	"
669.	Sharada Vidyalaya	"	"	Sanvordem Panchayat
670.	Shri Shantadurga	Kannada	"	"
671.	Bharat Vidyalaya	Marathi	"	"
672.	Dhade	"	"	"
673.	Madel	"	I, II&IV	"
674.	Mirabag	"	I-IV	"
675.	Ambeudak	"	"	"
676.	Periudak	"	"	"
677.	Guddamol	"	"	"
678.	Male	"	"	Sancordem Panch.
679.	Nave	"	"	"
680.	Panashi	"	"	"
681.	Panaswada	"	"	"
682.	Murge	"	"	"
683.	Khumbarwada	"	"	"
684.	Bolkarne	"	"	"
685.	Udalshem	"	"	"
686.	Surla	"	"	"
687.	Bothar	"	"	"
688.	Dharge	"	"	"
689.	Tambadi	"	I, II&IV	"
690.	Dhongarwada	"	I-IV	"
691.	Satpal	"	"	"
692.	Talden	"	"	"
693.	Mugoli	"	"	Uguem Panchayat.
694.	Temchowada	"	"	"
695.	Pansamol	"	"	"
696.	Uguem	"	"	"
697.	Bombal	"	I, II&IV	"
698.	Valkini Col.1	"	I-IV	"

TALUKA GUEPPI (SI SKHOLA)					Guepim Municipality	
699.	G.P.S.	Amona	Urban	Marathi	I-IV	
700.	"	Balonnati	"	"	"	"
701.	"	Borimol-Sirvoi	"	Konkani	I-III	"
				Marathi	KG-IV	
				English	IV	
				Urdu	I-IV	
702.	"	Caonkarwada	"	Marathi	I-IV	"
703.	"	Deussa	"	"	"	"
704.	"	Deao Cusman	"	"	"	"
705.	"	Bomdamol	"	"	"	"
706.	"	Kumbarwada	"	"	"	"
707.	"	Deumol Shirvoi	"	"	"	"
708.	"	Igramol Deao	"	"	"	"
709.	"	Katta Amona	"	"	"	"
710.	"	Bag Curchorem	"	"	"	Curchorem Kakoda Municipality
711.	"	Gajenan Vidyalaya Khandevada	"	"	"	"
712.	"	Curchorem Main	"	Marathi	KG-IV	"
				Urdu	I-IV	
713.	"	Karmal	"	Marathi	I-IV	"
714.	"	Khamamol	"	"	"	"
715.	"	Pantemol	"	"	"	"
716.	"	Betmoddi	"	"	"	"
717.	"	Chiraknali	"	"	"	"
718.	"	Gadiwada	"	"	"	"
719.	"	Ghotmorad	"	"	"	"
720.	"	Karmaliwada	"	"	"	"
721.	"	Mad Kakoda.	"	"	"	"
722.	"	Soliye	"	"	"	"
723.	"	Acamol	Rural	Marathi	I-IV	Ambaulim Panch.
724.	"	Ambaulim	"	Konkani	I-III	"
				English	IV	
				Marathi	I-IV	
725.	"	G ³ wada Ambaulim	"	"	"	"
726.	"	Avedem	"	Marathi	KG-IV	Avedem Cottambi Panchayat
727.	"	Bag Cottombi	"	Konkani	I-III	"
				English	IV	
728.	"	Cottombi	"	Marathi	I-IV	"
729.	"	Goval Cottombi	"	"	"	"
730.	"	Adnem	"	"	"	Bali-Adnem Panch.
731.	"	Ballimoth	"	"	"	"
732.	"	Deulwada Balli	"	"	"	"
733.	"	Khadem Balli	"	"	"	"
734.	"	Koop Adnem	"	"	"	"
735.	"	Barcem	"	"	"	Barcem-Paddi panchayat
736.	"	Gokhade	"	"	"	"
737.	"	Khedem	"	"	"	"
738.	"	paddi	"	"	"	"
739.	"	Quisconda	"	"	"	"
740.	"	Sirli	"	"	"	"
741.	"	Subdolem	"	"	"	"
742.	"	Vaurle	"	"	"	"
743.	"	Velipwada	"	"	"	"

743.	W.P.S.	Betul	Rural	Marathi	I-IV	Betul Nagar Panchayat.
745.	"	Canagiria	"	Konkani English	I-III IV	"
746.	"	Naqueri	"	Marathi	I-IV	"
747.	"	Dabe	"	"	"	Fatorpa Panch.
748.	"	Fatorpa	"	"	KG-IV	"
749.	"	Bagwada	"	"	I-IV	"
750.	"	Kittal	"	"	"	"
751.	"	Katta	"	Marathi Kannada	" I-III	"
752.	"	Mademol	"	Marathi	I-IV	"
753.	"	Morpiria	"	"	"	"
754.	"	Vantem	"	"	"	"
755.	"	Kajuwada	"	"	"	"
756.	"	Assolda	"	Marathi English	" IV	Hoder- Shelvon Panchayat
757.	"	Bag Shelvon	"	Marathi	I-IV	"
758.	"	Hodar	"	"	"	"
759.	"	Shelvon	"	"	"	"
760.	"	Kavorem	"	"	"	Kavorem Pirla Panchayat
761.	"	Kajur	"	"	"	"
762.	"	Kajugoto-Pirla	"	"	"	"
763.	"	Karla	"	"	I-III	"
764.	"	Maina	"	"	I-IV	"
765.	"	Mangal	"	"	"	"
766.	"	Pirla	"	"	"	"
767.	"	Sulkorna	"	"	"	"
768.	"	Bhindem	"	"	"	Malkarnem Panch.
769.	"	Deulamol	"	"	"	"
770.	"	G'wada Malkarnem	"	"	"	"
771.	"	Malakpan	"	"	"	"
772.	"	Nawawada	"	"	"	"
773.	"	Chinchnagar Sheldem	"	"	"	Sheldem Amona Panchayat
774.	"	Dhamedwada	"	"	"	"
775.	"	Gonvol, Sheldem	"	Konkani	I-IV	"
776.	"	St. Cruz Sheldem	"	Konkani	I-III	"
777.	"	Kumbarwada	"	Marathi	I-IV	"
778.	"	Sheldem	"	"	"	"
779.	"	Ganemorod Sheldem	"	"	"	"

TALUKA CANACONA (75 BLOCLES):					
		Urban	Kenkoni Marathi English	I-III I-IV IV	Canacona Municipality
780.	G.P.S. Chaudi				
781.	" Delem	"	Marathi	I-IV	"
782.	" Kindalebag	"	"	"	"
783.	" Kindlem	"	"	"	"
784.	" Mastimol	"	"	"	"
785.	" Nagarcem	"	"	"	"
786.	" Pansulem	"	"	"	"
787.	" Panyephond	"	"	"	"
788.	" Sawantwada	"	"	"	"
789.	" Agonda	Rural	"	"	Agonda Panchayat
790.	" Deval Khajan	"	"	"	"
791.	" Mudkud	"	"	"	"
792.	" Parvem	"	"	"	"
793.	" Gaval	"	"	"	Khola Panchayat
794.	" Karegal	"	"	"	"
795.	" Melorem	"	"	"	"
796.	" Paryemal	"	"	"	"
797.	" Parscatta	"	"	"	"
798.	" Popaidando	"	"	"	"
799.	" Saleri	"	"	"	"
800.	" Shiroti	"	"	"	"
801.	" Vagon	"	"	"	"
802.	" Khudi Khol	"	"	"	"
803.	" Avalim	"	"	I-III	Cotigao Panch.
804.	" Avem	"	"	I-IV	"
805.	" Baddem	"	"	"	"
806.	" Kuskem	"	"	"	"
807.	" Mahalbaddem	"	"	"	"
808.	" Pansumal	"	"	"	"
809.	" Yeddar	"	"	"	"
810.	" Nadke	"	"	"	"
811.	" Badsorem	"	"	"	Gaondongrim Panchayat
812.	" Upper Badsorem	"	"	"	"
813.	" Bhupar	"	"	"	"
814.	" Kervem	"	"	"	"
815.	" Kudewada	"	"	"	"
816.	" Satorlim	"	"	"	"
817.	" Shristhal	"	"	"	"

818.	C.P.S.	Budal	Rural	Marathi	KG-IV	Gaundonglim Panchayat
819.	"	Ziltawadi	"	"	I-IV	"
820.	"	Barse, Gaundongri	"	"	"	"
821.	"	Talem	"	"	"	"
822.	"	Agas	"	"	"	Loliem Panch.
823.	"	Irdar	"	"	"	"
824.	"	Kajalker	"	"	"	"
825.	"	Loliem	"	"	"	"
826.	"	Mashem	"	"	"	"
827.	"	Gal Netoflim	"	"	"	"
828.	"	peddem	"	"	"	"
829.	"	Polem	"	"	"	"
830.	"	Sheli	"	Marathi English Konkani	I-IV IV I-III	"
831.	"	Sheli-Loliem	"	Marathi	I-IV	"
832.	"	Tanashi	"	"	"	"
833.	"	Ardhapond	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV	Poinguinim Panchayat
834.	"	Chiplen	"	Konkani English	I-III IV	"
835.	"	Galiye	"	Marathi	I-IV	"
836.	"	Galgibag	"	"	"	"
837.	"	Mahalwada	"	"	"	"
838.	"	Marlim	"	"	"	"
839.	"	Muthal	"	Konkani English	I-III IV	"
840.	"	Partgal	"	Marathi	I-IV	"
841.	"	Shishegal-Kumegal	"	"	"	"
842.	"	Shishewal	"	"	"	"
843.	"	Sadolxem	"	"	"	"
844.	"	Talpon	"	"	"	"
845.	"	Tirwal	"	"	"	"
846.	"	Welwada	"	"	KG-IV	"
847.	"	Kalashi	"	"	I-IV	"
848.	"	Dabel	"	"	"	"
849.	"	Asali	"	"	"	Shristhal Panch.
850.	"	Chapoli	"	"	"	"
851.	"	Gulem	"	"	KG-IV	"
852.	"	Khalwade	"	"	I-IV	"
853.	"	Nuve	"	"	"	"
854.	"	Vaizawoda	"	"	"	"

TALUKA SALCETE (92 SCHOOLS) :				
				Marqao Municipality
855.	G.P.S. Adarsha V.V., Margao	Urban	Marathi Urdu	I-IV I-IV
856.	" Agali	"	Konkani	"
857.	" Ambajim	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
858.	" Aquem Alto	"	Marathi Urdu	I-IV "
859.	" Aquem Vidyanagar	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
860.	" A.V. Lourenco	"	Konkani Marathi English	KG-III I-III IV
861.	" Borda	"	Marathi	KG-IV
862.	" Fatorda	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
863.	" Housing Board Gogal	"	Marathi	I-IV
863.A.	" Housing Board Gogal	"	Urdu	I
864.	" Khareband II	"	Marathi Urdu Kannada	I-II I-IV I-IV
865.	" Khareband I	"	Marathi	I-IV
866.	" Mahila & Nutan Vidyalaya	"	"	"
867.	" Motidongar, Aquem, Alto	"	Hindi	"
868.	" Mungul	"	Marathi English Konkani	I, II & III IV I
869.	" Pajifond	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
870.	" Shri Damodar Vidy. Centre	"	Marathi	I-IV
871.	" Shri Damodar Vidy. No.1	"	"	"
872.	" Shri Damodar Vidy. No.2	"	"	"
873.	" Shri Damodar Vidya Mandir	"	"	"
874.	" Bhiunsa, Cuncolim	"	"	KG-IV
875.	" Cuncolim, Talebhat	"	"	I-IV
876.	" Cotamol, Cuncolim	"	"	"
877.	" Demani Cuncolim	"	"	"
878.	" Demani, Urdu, Cuncolim	"	Urdu	"
879.	" Gothan Cuncolim	"	Marathi	"
880.	" Madikatta, Cuncolim	"	"	"
881.	" Murida Cuncolim	"	English Konkani	IV I-II

Sl. No.	Name of the Panchayat	Language	Level	Category
883.	Sanvorcatta No.1	"	"	"
884.	Sanvorcatta No.2	"	"	"
885.	Simpler Veroda, Cuncolim	"	"	"
886.	Takabanj Cuncolim	"	"	"
887.	Palwada, Cuncolim	"	"	"
888.	Veroda, Cuncolim	"	"	"
889.	Francisco Luis Gomes, Navelim	"	Konkani Marathi English Urdu	I-III I-IV IV I-IV
890.	Mendopa, Navelim	"	Konkani English	I-II IV
891.	Ambelim	Rural	Konkani English	I-III IV
892.	Aquem Baixo	"	Marathi Kannada Urdu	I-IV " "
893.	Ghanta-morod	"	Konkani Marathi English	KG-III KG-IV IV
894.	Assolna	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
895.	Benaulim	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV
896.	Cana Benaulim	"	Konkani English	I-III IV
897.	Holy Trinity Benaulim	"	Konkani English	I-III IV
898.	Magilwadao, Benaulim	"	Konkani English	I-III IV
899.	Betalbatim	"	Konkani English	I-III IV
900.	Camorlim	"	Konkani English	I-II IV
901.	Carmona	"	Konkani Marathi English	I-III IV IV
902.	Cavorim	"	Konkani English	I-III IV
903.	Cotta	"	English Konkani	IV I-III
904.	Chandor	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV I-IV,

					Panchayat.
905.	S.P.S. Semantim	Malai	Konkani English	I-III IV	Colva panch.
906.	" Bhati Curtorim	"	Konkani English	I-III IV	Curtorim Panch.
907.	" Curtorim	"	Konkani Marathi English	I-IV I-IV IV	"
908.	" Maina, Curtorim	"	Konkani English	I-III IV	"
909.	" Virbhat, Curtorim	"	Konkani English	I-III IV	"
910.	" Raida, Chinchinim	"	Konkani English	I-III IV	Chinchinim Panchayat
911.	" Chichinim	"	Marathi	KG-IV	"
912.	" Deusa, Chinchinim	"	"	I-IV	"
913.	" Dicarpali	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV	Davorlim Dicarpali Panchayat
914.	" Housing Board (Urdu) Davorlim	"	Urdu Marathi	I-IV I	"
915.	" Carvota Loutolim	"	Konkani English	I-III IV	Loutolim Panchayat
916.	" Rassaim	"	Marathi	I-IV	"
917.	" Macassana	"	Konkani English	I-III IV	Macassana Panchayat
918.	" Calata, Majorda	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV	Majorda Panchayat
919.	" Majorda	"	Konkani English	I-III IV	"
920.	" St. Aloysius, Majorda	"	Konkani English	I-III IV	"
921.	" Fatepur, Nuvem	"	Marathi	I-II	Nuvem Panch.
922.	" Kirbhat, Nuvem	"	Konkani English	I-III IV	"
923.	" Orlim	"	Konkani English	I-II IV	Orlim Panch.
924.	" Mugali	"	Konkani English	I-III IV	Sao Jose de Areal panch.
925.	" Padribhat	"	Konkani English	I-III IV	"
926.	" Agramorod	"	Konkani English	I-III IV	Paroda Panch.
927.	" Gudi Paroda	"	Konkani Marathi English	I-II I-IV IV	"
928.	" Karali	"	Konkani	I-IV	"
929.	" Mulas Paroda	"	Marathi	I-IV	"

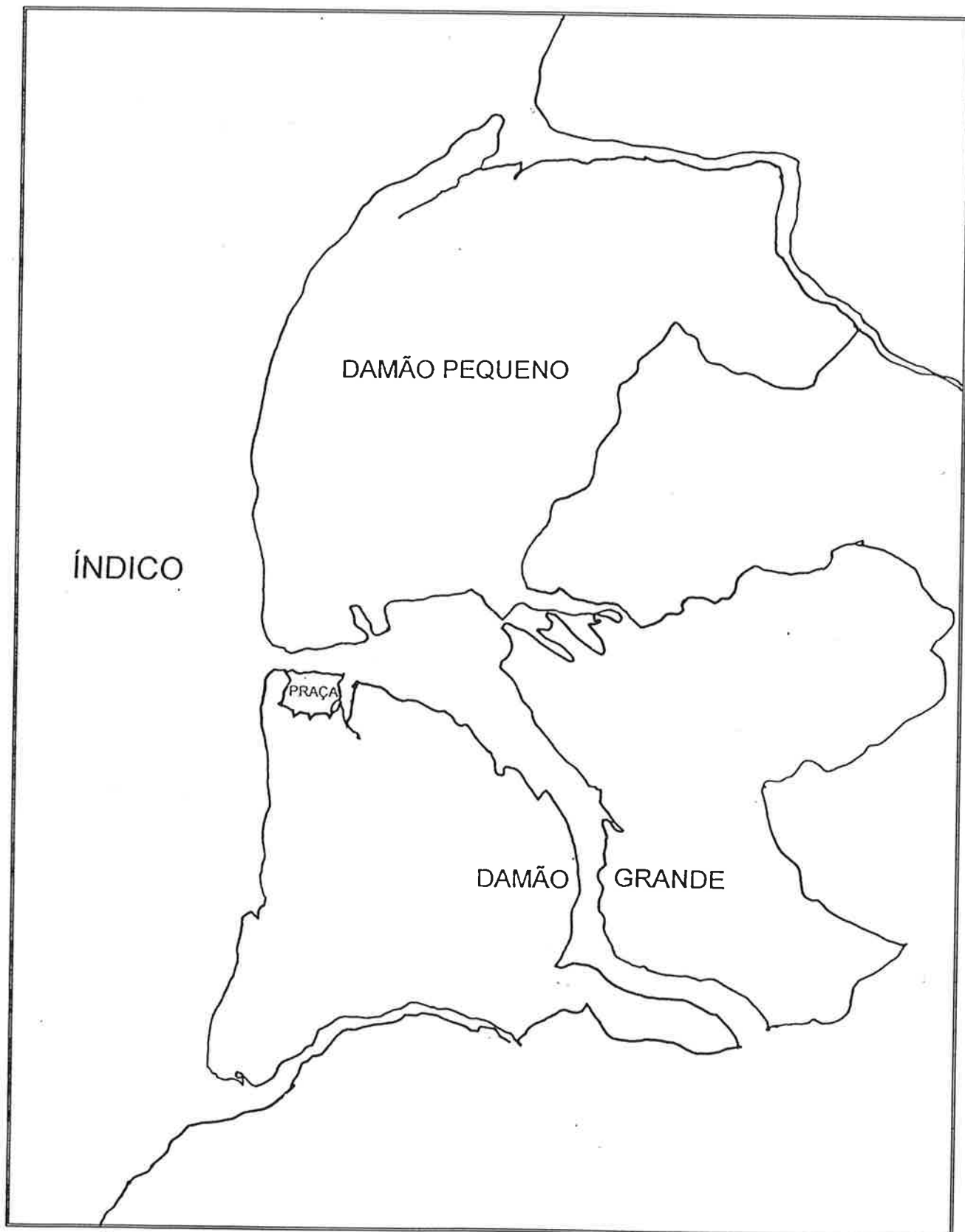
931.	"	Raia	"	Konkani English	I-IV IV	"
932.	"	Bamborda Verna	"	Konkani Marathi English	KG-III I-IV IV	"
933.	"	Uzre, Raia	"	Marathi	I-IV	"
934.	"	Ilhas de Rachol	"	Konkani English	I-III IV	Rachol Panchayat
935.	"	Ilhas de Rachol	"	Konkani English	I-III IV	"
936.	"	Seraulim	"	Konkani English	I-III IV	Seraulim Panchayat
937.	"	Telaulim	"	Konkani English	I-III IV	Telaulim Panchayat
938.	"	Fatrade, Varca	"	Konkani English	I-II IV	Varca Panch.
939.	"	Varca	"	Konkani Marathi English	I-III I-IV IV	"
940.	"	Cumbeabhat	"	Konkani English	I-III IV	Velim Panch.
941.	"	Velim	"	Marathi	I-IV	"
942.	"	Bamborda Verna	"	Konkani English	I-III IV	Verna Panch.
943.	"	Nagoa, Verna	"	Konkani English	I-III IV	"
944.	"	Senaulim, Verna	"	Konkani English	I-III IV	"
945.	"	Verna	"	Konkani English	I-IV IV	"

TALUKA MORMUGAO (30 SCHOOLS):

946.	G.P.S. Baina No.1	Urban	Marathi Hindi Kannada	KG-IV I-IV I-IV	Mormugao Municipality
947.	" Baina No.2 Islampur, Mormugao.	"	Konkani Urdu English	I-III I-IV IV	"
948.	" Baina No.6, Mormugao	"	Marathi	I-IV	"
949.	" Bogda, Mormugao	"	"	"	"
950.	" Housing Board Colony, Vedem Nagar, Mormugao	"	Kannada	I-IV	"

APÊNDICE I

Mapa de Damão com indicação das respectivas divisões administrativas



APÊNDICE I,

Lista das escolas do Ensino Primário fornecida pelos Serviços de Educação

No. EST-1-96-EDN/ 2350
 Administration of Daman & Diu,
 Office of the Assistant Director of
 Education, Nani Daman.

(A) Number of Primary Schools in Big Daman : 13

1. Govt. Primary School, Patlana
2. Govt. Primary School, Bharwadfalia
3. Govt. Primary School, Nailapardi
4. Govt. Primary School, Thana Pardi
5. Govt. Primary School, Magarwada
6. Govt. Primary School (Ashram Shala), Zari
7. Govt. Primary School, Ambawadi
8. Govt. Primary School, Damanwada
9. Govt. Primary School, Pariyati
10. Govt. Primary School, Bhamti
11. Govt. Primary School, Jampara
12. Govt. Primary School, Moti Daman
13. Institute of Our Lady of Fatima Primary section,
Moti Daman.

(B) Number of Primary Schools in Small Daman : 21


1. Govt. Primary School, Marwad
2. Govt. Primary School, Kadaiya
3. Govt. Primary School, Devka
4. Govt. Primary School, Devka Colony
5. Govt. Primary School, Bhimpore
6. Govt. Primary School (Ashram Shala), Bhimpore
7. Govt. Primary School, Moti Vankad
8. Govt. Primary School, Dalwada

.... 2/-

- 2 -

9. Govt. Primary School, Dunetha
10. Govt. Primary School, Shensroad
11. Govt. Primary School, Varkund
12. Govt. Primary School, Dabhel
13. Govt. Primary School, Kachigam
14. Govt. Primary School, Ringanwada
15. Govt. Primary School (English), Nani Daman
16. Govt. Primary School (Gujarati), Nani Daman
17. Govt. Primary School, Kathiria
18. Govt. Primary School, Kharwad
19. Govt. Primary School, Khariwadi
20. Stella Maris Primary School, Nani Daman
21. Nachhi Mahajan Eng. Primary School, Nani Daman

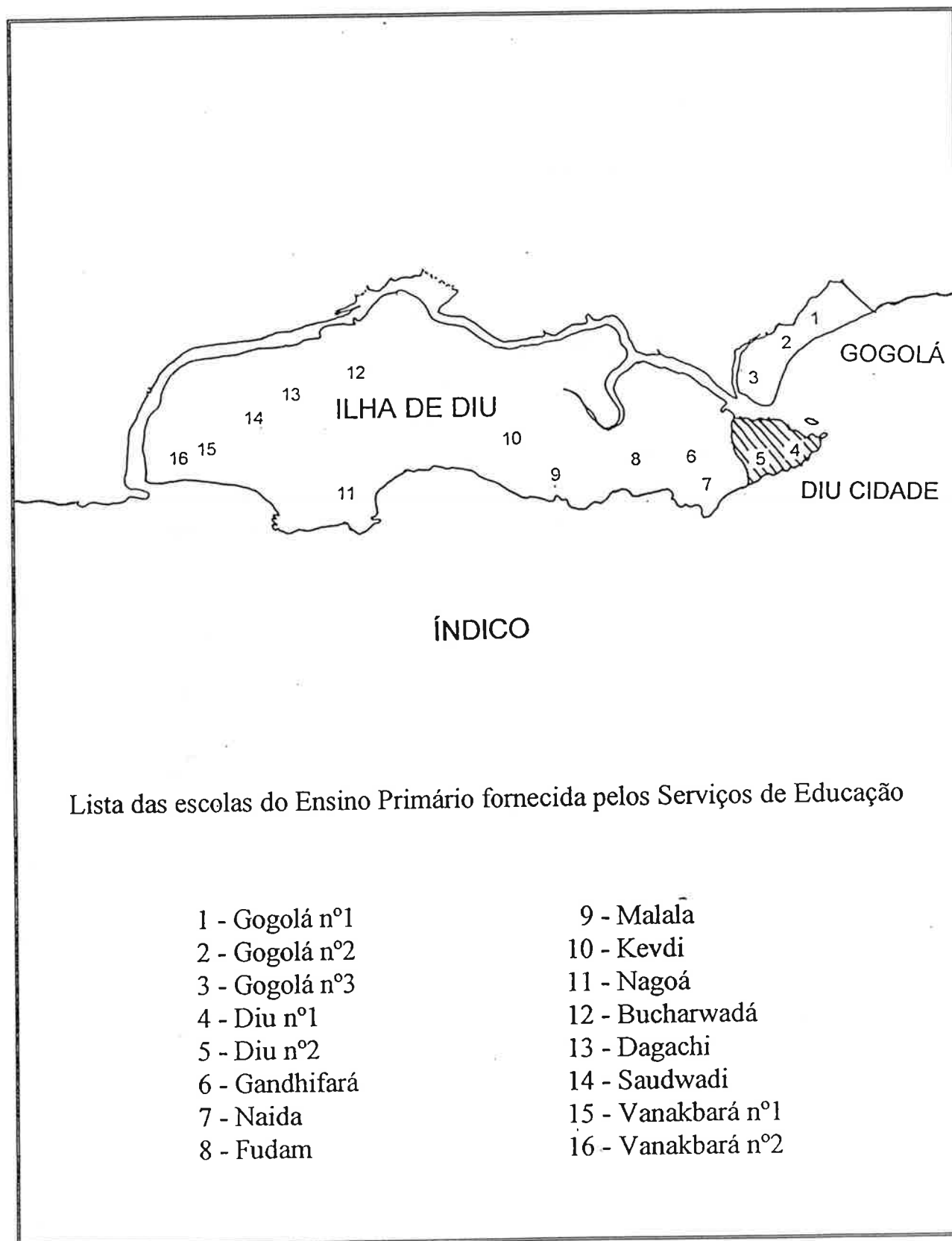
Yours faithfully,



(Dr. B. R. Solanki)
Assistant Director of Education,
Daman.

APÊNDICE J

Mapa de Diu com indicação das escolas do Ensino Primário



APÊNDICE K

Exemplo da correspondência com informantes da Índia: carta da ex-professora do Ensino Primário de Goa, Anita Ataíde Lobo Rêgo (80 anos)

Verwa, 15-1-91

nos bastantes

Vai estar lindos, para nos dizer que logo depois da minha saída daqui, levei de fogo que a bastantes que os vindos o caso não tinha chegado a entrar. Fui para Desculpa e escrevi este artigo pois não tenho paciência para escrever, nem a minha letra é perfeita. É uma que fiz um grande esforço para produzir pouco: O fogo é assim: As crianças em roda de fogo sentadas. Uma dita o embudo de fogo e diz: "Lá vai o papulá! a que se chama pergunta: o que traz?" e responde: "pão!" e depois passa a outra e diz a mesma coisa e a seguinte tem que falar que terminará com língua, cão, arroz, arroz, arroz. Aquela não tem medicamento a respeito. Já a cor de que o dedo que o fogo. O castigo é dançar, cantar, como qualquer coisa. Assim como esta festa que se chama fogo onde as crianças em roda fazem com as mãos o sinal de voar: isto é levantar as mãos e abaixar quando que se fica no meio da rede. Diz: "o avião voa" e faz o sinal de avião e o fazer a sinal de avião, mas a do meio conta para a dizer, o passado avião a primeira não e elas continuam a levantar as mãos e abatem, no meio disso ela diz a cada uma que a cada avião e elas vão atendo na palavra continuam a levantar as mãos até ao que a primeira avião a cada

contigo. Isto já demonstra a concentração
 coisa que falta a outros viventes. Vou lembrar
 mais coisas e quando tiver paciência ficarei
 de escrever. Pa-hijo chega. Como não sei que
 dia chegará. Fico quando isto já não for mais. Não
 de chegar da disten. malabar.

Com muitos abraços e outros agradecimentos
 pelo convite e l. "alham".
 Vossa amiga
 mãe Amiba

APÊNDICE L

Exemplo de entrevista dada à imprensa de Goa

Artigo publicado por dr. Carmo Azevedo in GOMANTAK TIMES

Panjim, GOA, 8/10/89

April, Constanza Braz also undertook research work on our native games such as apa-lipa, a kind of hide-and-peek, koindo-ball, mitfolio, godde, etc. But finding that most of such indigenous games have already died away in urban and even sub-urban areas, she concentrated this time on rural areas, being pleasantly surprised to find that many of them still survive in our villages.

This time, however, she was also asked to offer expert advice on the teaching of Portuguese in Goa, now that the newly set-up Indo-Portuguese Institute proposes to conduct regular classes in Portuguese in Panaji, Margao, Vasco and Mapusa, beginning from this very month.

GT: What is exactly the subject of your work?

CV: The study of the historical-anthropological dimensions of the reciprocal influence of traditions in different countries. This includes the reciprocal influences between Portuguese popular games and those of the peoples they came into contact with, from the age of discoveries. I propose to make an inventory and classification of the ludic material I can collect.

GT: Do you think you have found enough material in Goa?

CB: To be frank, I am not very satisfied with the historical sources I have found. That is why I have concentrated on field work, and this has proved highly rewarding.

GT: This time what is precisely the object of your research work?

CB: The basic objective of my work is to make a survey of the existing native games in Goa, than place them in their historical context and finally to assess their pedagogic value.

GT: What are the conclusions, of course provisional conclusions, you have drawn so far?

CB: I have discovered many interesting things in Goa. Goan children use very poor material, such as pebbles, sticks, cashew nuts, coconut shells etc. And make very rich use of it. Some of the Goan indigenous games are very similar to those in Portugal; *godde* or marbles, known as *berlinde* in Portuguese, *bonvro* or top, *piao* in Portuguese, *macaca*

or *aeroplano*, *payani* in Konkani, etc. But a much stronger Portuguese influence is found in the *rodas cantadas* or singing rounds, in which the lyrics are mostly in Portuguese, only at times with a few Konkani words.

GT: Could you tell me something about the role of such games in the physical, mental or psycho-motor development of the child?

CB: Certainly. Take, for instance, *macaca* or hopscotch, in which the child hops on one foot pushing with it a stone. It is a game which teaches the child now to keep body balance. Certain games also teach the child to coordinate different kinds of

movements, or movements of different organs. A good example is that of *godde*, in which there is a clear need for oculo-manual coordination. In fact, games teach the child many things and have an important role in their over-all development.

GT: Since this time, your expert advice was sought on the teaching of Portuguese, would you like to tell me something in this respect?

CB: Yes. I have noticed that those who have offered to teach have different backgrounds. In my opinion, they must have the same qualifications and enough teaching experience. The text books must also be of the best quality. And finally, modern, up-to-date didactic material, including audiovisual aids, like records, cassettes and pictures must be used.

□ □ □



An educationist specialised in Physical Education, equally tall, well-built, hazel-haired and comely Constanza Braz holds a master's degree in the science of education from the Higher School of Education of the Technical University of Lisbon and presently is a teacher in a teachers' training college in Faro.

Particularly interested in the role of games and sports in the physical, mental and psycho-motor development of the individual, she has been devoting all her spare time to research on traditional games in order to assess the part they play in the overall development of the child. And, while studying the traditional games of Algarve, she noticed that there was a French game known as Petanque which came to Algarve from Morocco, existing in this country probably from the times of French protectorate.

During her stay in Goa last

APÊNDICE M

Exemplo de conferência feita na Índia



The lecturer of Escola Superior de Educacao de Universidade de Algarve (Portugal) Prof. Mrs. Constanca Braz, giving a talk on Indo-Portuguese traditional games at Historical Archives, Panjim on Friday. The Architect, Mr. Joao Ramirez Fernandes of Portugal, the Secretary for General Administration Mr. Shakti Sinha, and the Director of Archives, Mr. P. P. Shirodkar are also seen. — Photo by Daryl Andrade.

Importance of games stressed

PANJIM, Jan. 4: The Importance of games in child development and conservation of beautiful examples of Goan architecture were the subjects of talks by Prof. Mrs. Constanca Bras and Mr. Joao Ramirez Fernandes, under the auspices of Instituto Cultural de Macau, held in the premises of Goa Archives, here today.

Quoting Mahatma Gandhi, Mrs. Bras, who is professor at Faro University, Algarve, Portugal said, the culture of people is known by its folklore and many sociologists opine that games are a window on the society.

As a training teacher, she had dwelt deep into psychological and physical importance of the games in the development of the child as well as in the development of their faculties of mind in their full utilisation in collective sports.

She observed that games speak a common language, irrespective of the language of the players. It is necessary to preserve the heritage which is not embodied in the monuments or documents, of visual manifestation, but such aspects of culture which are part of social life.

Each stage of child development requires adequate games like scholastic studies. All children should participate in games which are a necessary complement of their education. Only in this manner they can develop full-fledged personality, she added.

Mr. Fernandes said that a happy blend of Portuguese and Indian cultures has led to distinctive character of the houses and surrounding sites in Goa, viz. Margao, which were exhibited in a video film.

The first objective of the Instituto Cultural de Macau is to prepare an inventory of such edifices and urban sites. In the second stage, recommendations for their protection will be formulated to be followed by a preparation of complete inventory.

Earlier, Mr Shakti Sinha, inaugurated the lectures and Mr. Carmo Azevedo, presided over the discussion on comparative architecture.

APÊNDICE N

Exemplo de pedido de intervenção para fomentar o intercâmbio desportivo entre Portugal e a Índia

Our Ref. No. *Ex. mo. Senhor Dr. Carlos Menjardines,*
Your Ref. No.

Phone : 4876
Panjim,

FUNDAÇÃO ORIENTE

FAX 320582

— ASSUNTO — Futebol: Académica

Informadores pela prof. Constança Brás c/o Dr. Menjardines,
Presidente da Fundação Oriente, ficamos muito gratos pela
vossa colaboração.

Solicitamos ~~opções~~ ^o ~~serviço~~ ^o seguinte:

EQUIPAMENTO :-

- a) - Vinte e sete camisolas } com pratar à Académica
- b) - Vinte e sete calções.
- c) - Quinze pares de botas
Com um pequeno subsídio formar as restantes, visto
nós conseguimos apenas o tamanho dos jogadores.
- d) - Vinte sete pares de meias.
- e) - Três bolas oficiais e um número de bolas do
terceiro à nossa disposição.
- f) - Qualquer outro equipamento do terceiro.

Com o encobrimento da declaração da Académica
de Coimbra damos informes - que será possível
jogar em qualquer altura do ano ^{com excepção}
dos meses de janeiro, julho e agosto.

É de realçar e lembrar o trabalho desenvolvido
pela prof. Constança Brás no sentido de reviver
os jogos tradicionais de Goa, como também das outras
regiões da Índia.

Informar a Embaixada da Índia em Portugal
que o equipamento do donativo da A. A. C. à sua filial
Académica de Goa, para os fins de ensino dos
direitos aduaneiros,

Esperando receber resposta bem como outros
informes que achar necessários. Subscrisão com
muito respeito e consideração,

APÊNDICE O

Exemplo de convívios na Índia em que se reavivam as memórias do relacionamento indo-português que, quase sempre, terminam num ritual de troca de prendas



Sawló contra-ataca e os seus cornos afiados como espadas perfuram o pescoço do Real Xavier. Grito em uníssono da multidão: *Oh!; ah!...* As apostas voam rápidas e furiosas. Sawló tenta afastar Real Xavier, mas os cornos ficam enganchados e, então, descansam. Os donos espicaçam os bois para conseguir o ataque final e aí sim: Sawló que parece anestesiado, enfia os cornos no terrível Real Xavier, quebra a força das suas potentes pernas e levanta-o do chão. O Real Xavier, então, retira-se com o Sawló, em sua perseguição, enquanto a multidão procura abrigo. Aí também nós esquecemos a necessidade de fotografar e filmar e corremos para o nosso refúgio, o coqueiro que desde o início tínhamos escolhido. Mas alguns escapam à fúria dos bois como por magia. O Sawló recusa-se a abandonar a arena; desta vez foram precisos dez homens e quase meia hora para o obrigar a retirar.

A multidão repousa, esperando pela próxima luta e pronta para novas apostas.

APÊNDICE GG

Diploma Legislativo nº438 publicado no Boletim Oficial do Estado da Índia, nº68
de 26 de Agosto de 1930, a páginas 1278 e 1279

Diploma Legislativo n.º 438

Atendendo às enormes vantagens que devem resultar para o distrito de Damão com a concessão, por um prazo limitado, do exclusivo da indústria desportiva de «Corridas de Galgos» nas aldeias de Catriá e Marvôr do concelho de Damão;

Considerando que a iniciativa de uma semelhante concessão, logo que entre no caminho das realizações, praticamente introduzirá no referido concelho uma «Estação de Repouso ou de Turismo», para o que élo possui inúmeras condições favoráveis;

Considerando que dessa concessão o distrito de Damão receberá um forte impulso para entrar numa nova fase de progresso de que bastante necessita, pois uma «Estação de Repouso ou de Turismo» que conseqüentemente se estabelecer em Damão, com as instalações exigidas em estações similares e dotada de conforto e recursos modernos, deve fazer regressar o distrito à sua actividade de outrora, determinando outras novas indústrias e o incremento das existentes:

O Conselho do Governo aprovou e o Governador Geral do Estado da Índia, usando da faculdade que lho confere o artigo 76.º da Carta Orgânica vigente, determina:

Artigo 1.º A concessão do exclusivo da indústria do desporto, «Corridas de Galgos» no distrito do Damão, subordinar-se há às seguintes Bases:

BASE I

É autorizada a Câmara Municipal de Damão a conceder, por 15 anos, o exclusivo da indústria do desporto, «Corridas de Galgos», nas aldeias de Catriá e Marvôr, na área do seu concelho, para o que fará arrematação em hasta pública, anunciando-a por meio de jornais na Índia Portuguesa e na Índia Inglesa, sendo, previamente, o caderno de encargos e o termo de arrematação, com o parecer do Governo do Distrito de Damão, submetido à aprovação de Sua Ex.ª o Governador Geral.

[...].....
.....

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrário.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e execução deste diploma competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Governo Geral em Nova Goa, 26 de Agosto de 1930.

O GOVERNADOR GERAL,
João Carlos Cravetro Lopes.



